

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte
Cíntia de Azevedo Lourenço

Organizadoras



O CARRO-BIBLIOTECA DA ECI/UFMG



IFRONA
INSTITUTO

2012

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte
Cíntia de Azevedo Lourenço

Organizadoras

**O CARRO-BIBLIOTECA DA
ECI/UFMG: 38 ANOS**

Rona Editora
Belo Horizonte
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Ciência da Informação - Centro de Extensão

APOIO:

Programa de Extensão Universitária – PROEXT 2009 – MEC/SESu

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
Secretaria de Educação Superior – SESu
Diretoria de Desenvolvimento da Rede de IFES – DIFES

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada por Cíntia de Azevedo Lourenço CRB6 2192

C257

O Carro-biblioteca da ECI/UFMG: 38 anos / organizado por
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e Cíntia de Azevedo
Lourenço. - Belo Horizonte : Rona Editora, 2012.

152 p. ; il.

ISBN: 978-85-62805-05-9

1. Carro-biblioteca. – 2. Biblioteca ambulante – inclusão
informativa. – 3. Inclusão digital. - I. Sirihal Duarte, Adriana
Bogliolo, org. – II. Lourenço, Cíntia de Azevedo, org.

CDD: 021.2

CDU: 021.65::004-044.252

*“Como é bom sorrir e este ônibus faz
as pessoas sorrirem por causa dos livros
que ele traz.” (Gustavo Henrique A. de
Miranda, 11 anos – Bairro Lagoa – BH)*



SUMÁRIO

Apresentação	7
PROGRAMA CARRO-BIBLIOTECA:	
frente de leitura	9
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	
A CIDADANIA DA INFÂNCIA EM HIPERMÍDIA:	
educação para os direitos da criança.....	23
Maria Guiomar da Cunha Frota	
AÇÕES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO LPA -	
LABORATÓRIO DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS:	
um exercício de responsabilidade pública	35
Rosemary Tofani Motta; Alcenir Soares dos Reis	
BOLETIM BAIRRO A BAIRRO: um serviço de	
disseminação da informação.....	48
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte; Terezinha de Fátima Carvalho de Souza	
CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS: a contação	
de histórias como instrumento de ação cultural	63
Pâmela Bastos Machado; Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	
EU LEIO, NÓS LEMOS, ELES LEEM... Compartilhando	
leituras no Carro-Biblioteca da ECI/UFMG	79
Maria da Conceição Carvalho; Flávia Abreu; Patrícia Bárbara de Paula	
INCLUSÃO DIGITAL: o Carro-Biblioteca da UFMG	
como telecentro	91
Marta Macedo Kerr Pinheiro	
COM A PALAVRA, AS BIBLIOTECÁRIAS.....	104
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte <i>et alli</i>	
COM A PALAVRA, OS LEITORES	123
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte <i>et alli</i>	
TEMPO E PERCURSO INSTITUCIONAL: a cronologia	
do Programa de Extensão Carro Biblioteca: Frente de	
Leitura da ECI/UFMG 1973-2010	132
Alcenir Soares dos Reis <i>et alli</i>	



APRESENTAÇÃO

A ideia de produzir um livro que reunisse a experiência acumulada ao longo de tantos anos deste programa extensionista, que leva o acesso ao livro e à leitura para comunidades da Grande Belo Horizonte, surgiu há cerca de quatro anos, quando eu e a professora Cíntia de Azevedo Lourenço assumimos, respectivamente, a coordenação e a subcoordenação do Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Naquela época, em final de 2007, o Carro-Biblioteca era o único programa de extensão conduzido pelo CENEX da ECI, e a Escola ainda não tinha implantados os cursos de graduação em Museologia e em Arquivologia. O cenário era, portanto, de uma Escola com um único curso de graduação, de Biblioteconomia, e um grande programa de extensão, o segundo mais antigo de toda a UFMG, o Programa Carro-Biblioteca, verdadeiro “cartão-postal” da Escola e do Curso. Pensávamos, então, em comemorar os 35 anos do Programa Carro-Biblioteca com a publicação de um livro em que os usuários das comunidades por ele atendidas pudessem se ver refletidos, e que trouxesse um pouco da história e experiência acumulada ao longo da condução do Programa.

Foi preciso um pouco de tempo e muito de maturidade para que o projeto de tal livro saísse do plano das ideias e se concretizasse. O plano inicial, de um livro com formato lúdico tendo como público-alvo os próprios integrantes das comunidades atendidas, foi substituído por outro, que englobava a descrição, no formato de artigos, dos projetos vinculados ao Carro-Biblioteca. Argumentou-se que a última publicação científica de peso sobre o Carro-Biblioteca ocorreu em 1995, com o número especial da Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, totalmente destinado ao Carro-Biblioteca. Tal periódico encontra-se esgotado e são inúmeros os pesquisadores e coordenadores de projetos que buscam na experiência da UFMG um modelo para seus próprios projetos de pesquisa e de extensão. Percebia-se, claramente, a carência de uma publicação que pudesse, por um lado, atender a esses

pesquisadores e, por outro, retratar o trabalho cotidiano desenvolvido pelo Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura.

Contamos com a colaboração de muitas pessoas para chegarmos ao formato final. Agradecemos em particular às autoras de artigos, às entrevistadoras (alunas de graduação), às bibliotecárias e aos leitores do Carro-Biblioteca, que contribuíram efetivamente para a realização deste projeto.

Este livro foi produzido com verba cedida pelo convênio com o Ministério da Educação, através do Edital nº 06 de 2009 – PROEXT 2009 MEC/SESu. Este Programa de Extensão Universitária do Ministério da Educação tem o apoio dos Ministérios do Trabalho e Emprego e da Cultura, além do apoio do Instituto Histórico e Artístico Nacional.

Belo Horizonte, novembro de 2011.

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

PROGRAMA CARRO-BIBLIOTECA: frente de leitura

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte¹

Introdução

O Programa Carro-Biblioteca, que atua desde 1973 na região metropolitana de Belo Horizonte - MG, foi criado por meio de um convênio da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com o Instituto Nacional do Livro (INL – hoje extinto). O programa completa, em 2011, 38 anos de atividades ininterruptas, visitando comunidades da Grande Belo Horizonte, promovendo o acesso à informação e à leitura.

Durante esse período, o programa articulou atividades de extensão, ensino e pesquisa, que resultaram em diversas publicações entre as quais se destacam o número temático da Revista da Escola de Biblioteconomia em comemoração aos vinte anos do Carro-Biblioteca (DUMONT, 1995); outras publicações em periódicos científicos (CASA NOVA; BARBOSA, 1983; KREMER, 1983; CABRAL, 1988; DUMONT, 1990; REZENDE, 1992); apresentações e trabalhos publicados em seminários, congressos e eventos (KREMER, 1982; CABRAL, 1987; CABRAL; REIS, 2004; PAIVA, 2005; JORGE; JORGE, 2006; SIRIHAL DUARTE; AZEVEDO, 2007; SIRIHAL DUARTE, 2009; SIRIHAL DUARTE; FARIA; EVANGELISTA, 2011; MACHADO; SIRIHAL DUARTE, 2011); tese de doutorado (DUMONT, 1998); matérias em boletins, revistas, jornais etc. (PROGRAMA NACIONAL, 2007; COHEN, 2008; PAIVA, 2008), além dos relatórios anuais internos desenvolvidos no âmbito do Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação (CENEX/ECI), responsável pela condução do Programa.

1. Coordenadora do Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura no triênio 2008-2010. Professora adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Os objetivos do Programa Carro-Biblioteca são incentivar a leitura e a cidadania junto às populações carentes da Grande BH, colaborar para a democratização do acesso à informação, promover ações culturais e educativas, prestar assessoria às comunidades na implantação de suas próprias bibliotecas e atuar como espaço para pesquisa e treinamento discente, propiciando a inter-relação Ensino/Pesquisa/Extensão da Universidade.

Por meio de uma metodologia participativa e dialógica, criada todos os dias nas comunidades, o Carro-Biblioteca, com seu ambiente descontraído e agradável, objetiva manter e fortalecer a fidelidade dos seus usuários mais antigos. Além disso, ao promover a realização de atividades de ação cultural junto às comunidades, tais como contação de histórias, concursos de redação e poesia, exposição de desenhos, oficinas de inclusão digital e outras, pretende conquistar novos usuários a cada dia.

Em seus 38 anos de história, o projeto atendeu às necessidades de leitura e informação de várias comunidades e promoveu diversas modalidades de ações culturais, além de ter contribuído para a formação de um número elevado de estudantes de Biblioteconomia.

Nos primeiros anos de atividade do Programa, a biblioteca itinerante era abrigada por uma Kombi.



Primeira Kombi a circular como Carro-Biblioteca. Foto de 1980.

Segunda Kombi a circular
como Carro-Biblioteca.
Foto de 1981.



Os anos seguintes viram a substituição desse veículo por um micro-ônibus, especialmente adaptado para comportar o acervo a ser levado às comunidades (DUMONT; FRANÇA; CASTRO, 1995, p. 327-335).

Finalmente, em 2007, o micro-ônibus foi substituído por um ônibus urbano que incorpora, além do espaço de biblioteca móvel, um telecentro.



Micro-ônibus LO 708, que levou a biblioteca itinerante às comunidades no período de 1988 a 2006.

Ônibus urbano abrigando biblioteca itinerante e telecentro. Foto de 2008.



Graças a uma parceria realizada entre a Fundação Municipal de Cultura (FMC) e o Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG (CENEX/ECI), o micro-ônibus permaneceu em atividade nos anos seguintes, sob coordenação da FMC.

Um convênio realizado, em 2008, entre a Fundação Municipal de Cultura e a Universidade Federal de Minas Gerais, por meio da Escola de Ciência da Informação, ampliou os programas destinados ao incentivo à leitura. O Carro-Biblioteca é considerado um dos serviços de extensão bibliotecária dos mais eficientes, por sua capacidade de percorrer as comunidades, motivando a participação dos leitores. (...) Inicialmente o atendimento contemplará os bairros Renascença, Bom Jesus, São Pedro (próximo à Vila Santa Rita de Cássia) e Santo Antônio (PORTAL PBH) ².

Em 2011 tal convênio foi encerrado e o micro-ônibus foi encaminhado para o Campus Montes Claros da UFMG, onde será implantado novo projeto de biblioteca itinerante.

Atendimento às comunidades

Atualmente, o Carro-Biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG visita cinco comunidades por ano. Em cada comunidade, atendida uma vez por semana, há um ponto de parada predeterminado, onde a bibliotecária e os bolsistas do programa de extensão oferecem serviços de biblioteca e telecentro para os usuários do carro. Entre os serviços oferecidos, podem ser citados atendimento; orientação para leitura, pesquisa escolar e estudo autônomo; oficinas de inclusão digital; distribuição mensal do “Boletim Bairro a Bairro”; promoção de atividades de incentivo à leitura e empréstimo do acervo.

Têm direito de usufruir do empréstimo domiciliar os usuários devidamente cadastrados na Biblioteca. Para o cadastramento, devem

2. Portal da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=27672&chPlc=27672&termos=Carro-Biblioteca>. Acesso em: 13 abr. 2009.

ser trazidos os seguintes documentos: carteira de identidade ou certidão de nascimento e comprovante de residência atualizado. Menores de dezesesseis anos são cadastrados somente com o acompanhamento de adulto responsável, que também deve apresentar documento de identidade. Não há cobrança de nenhuma taxa para o cadastro do usuário.

O usuário devidamente cadastrado tem o direito de realizar o empréstimo de até três títulos diferentes pelo prazo de sete dias consecutivos. O usuário poderá renovar o empréstimo pessoalmente, mediante a apresentação do material, por igual período de tempo, desde que a obra não esteja em atraso. Em caso de atraso na entrega do material, não há cobrança de multas, mas o usuário ficará suspenso do serviço de empréstimo até a regularização da situação por meio da devolução do material.

Comunidades interessadas em se beneficiar das visitas semanais do Carro-Biblioteca devem enviar solicitação ao CENEX/ECI informando endereço de possível local de parada e número estimado de usuários beneficiados, bem como sua faixa etária. Os critérios para inclusão de comunidades no projeto são:

- manifestar por escrito interesse em receber o Carro-Biblioteca;
- não possuir, nas imediações, centros de informação ou bibliotecas em funcionamento;
- admitir percurso máximo de 30 minutos partindo da UFMG (Pampulha) ao ponto de parada.

Conforme estabelecido pela política de prestação de serviços do Programa Carro-Biblioteca:

O Centro de Extensão define quatro pré-requisitos básicos para o desenvolvimento de projetos de implantação do serviço do carro em uma determinada comunidade: 1) a manifestação do interesse em receber a visita do carro deve advir primeiramente de contatos estabelecidos por seus legítimos representantes; 2) a comunidade não possuir

centros de informação ou bibliotecas em funcionamento; 3) estar situada geograficamente distante de serviços bibliotecários ou em local de difícil acesso às bibliotecas públicas comunitárias ou populares da cidade; e 4) que o Carro-Biblioteca não tenha de percorrer mais de meia hora para atingir o local de visita (DUMONT; FRANÇA; CASTRO, 1995, p. 323).

Esse último critério deve-se à possibilidade de oferecimento de um serviço com duração de estadia na comunidade por tempo suficiente para atendimento, oferta dos serviços e realização dos projetos vinculados ao programa. Como o turno de trabalho dos funcionários e bolsistas é de quatro horas, se o deslocamento referente à ida e volta for superior a uma hora (trinta minutos na ida e trinta no retorno), o período de atendimento na comunidade ficará muito reduzido. Levando em consideração que a duração do percurso varia de acordo com as condições de tráfego, o tempo médio de estadia nas comunidades atualmente tem sido de duas horas e meia.

As solicitações de inclusão de comunidades no roteiro de atendimento do Carro-Biblioteca são avaliadas pela Coordenação do Programa e atendidas conforme disponibilidade. Leva-se em consideração, ainda, para a seleção de uma comunidade, sua disposição para a implantação de um serviço de biblioteca permanente. A política de prestação de serviços do Programa Carro-Biblioteca ressalta que:

Quando a Comissão do Centro de Extensão define que determinada comunidade preenche os pré-requisitos estabelecidos, parte-se então para a fase de desenvolvimento do projeto de implantação do serviço. Essa etapa é considerada como a mais política do programa. A concepção da palavra democracia é exercida nesta fase: é saber chegar aos representantes comunitários, sejam eles os oficiais ou as lideranças populares, sem se impor, mas claramente mostrando os objetivos do carro e os serviços que tem a oferecer. Nessa ocasião, é necessário esclarecer que o programa não está ligado a nenhum fim político e também a necessidade da participação permanente da comunidade. É importante explicar, nessas

primeiras negociações, que a prestação do serviço do carro já tem um fim previsto – pois constitui uma atividade fomentadora e intermediária da implantação de um serviço de informação, ou biblioteca permanente, na comunidade. (DUMONT; FRANÇA; CASTRO, 1995, p. 324-325)

Eventualmente, o Carro-Biblioteca participa de eventos como exposições, feiras, festivais etc. Solicitações para esse tipo de evento devem ser encaminhadas por escrito ao CENEX/ECI com pelo menos trinta dias de antecedência ao evento, informando seu objetivo, local de parada do Carro, expectativa de público e justificativa para participação do Carro-Biblioteca. As solicitações são atendidas conforme disponibilidade e calendário anual de visitas do Carro-Biblioteca, e propósitos do Programa. Por se tratar de um Programa que visa à promoção da leitura, o Carro-Biblioteca atende a eventos quando se percebe que sua presença não se restringirá a uma animação cultural. É necessário que haja uma perspectiva de continuidade de atividades que promovam o hábito de leitura, e que o Carro-Biblioteca seja convidado para o evento como forma de divulgação desse tipo de atividades ou de incentivo para que o público participe delas.

Ao término de cada ano, a coordenação do Programa, em conjunto com a bibliotecária do Carro-Biblioteca, gera um relatório de atividades, em que são apresentados, entre outros, os seguintes dados: equipe envolvida (funcionários, coordenadores de projetos e bolsistas), estatísticas de empréstimos e novas inscrições por comunidades, eventos realizados e projetos desenvolvidos. Dada sua importância, cópia digital desse documento (anos de 2007 a 2010) encontra-se disponível no CD que acompanha este livro.

Projetos vinculados

De acordo com a Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, na publicação *Programa de Bolsas de Extensão PBEXT – Guia 2009 – orientação para apresentação de programas e projetos*, define-se programa como um conjunto articulado de projetos e outras ações de

extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrados a atividades de pesquisa e de ensino, em geral configurados pela interdisciplinaridade. Tem caráter orgânico institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e a longo prazo. Projeto, por sua vez, é uma ação processual e contínua, de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico, desenvolvido a curto e a médio prazo. Dada essa estruturação e a necessidade de adaptação das atividades desenvolvidas pelo Programa Carro-Biblioteca junto às comunidades, é possível perceber, ao longo dos anos, variação dos projetos que o compõem. Em 2010/2011, o Programa compôs-se de seis projetos.

O projeto “Encontros de Leitura” tem como objetivo central promover o acesso das populações visitadas pelo Carro-Biblioteca aos materiais de leitura informativa e literária, disponibilizando-lhes atenção e orientação na escolha e na utilização dos livros, jornais, revistas, obras de referências e outros suportes informacionais disponíveis no carro, em forma impressa ou digital. Prevê atividades de orientação de leitura e empréstimo domiciliar, rodas de leitura, contação de histórias, entre tantas outras.

O projeto “Conto e Reconto”, fundamentado na abordagem teórica da mediação de leitura como ação cultural, prevê rodas de contação e leitura de histórias que, mediadas por um contador, promovam não só o processo de ouvi-las, mas de incorporar seu enredo ao cotidiano dos ouvintes. Nesse processo, recriam-se novas histórias, além de dar voz aos ouvintes, transformando-os igualmente em contadores de histórias de autores consagrados e também de suas próprias histórias e experiências de vida.

O projeto “Inclusão Digital: o Carro-Biblioteca da UFMG como telecentro” busca aprofundar e estender a questão da informação, da comunicação e do conhecimento por meio das práticas de inclusão

no telecentro do Carro-Biblioteca. Entre suas atividades, pressupõe a oferta de oficinas com três diferentes níveis de complexidade: acesso ao computador e à Internet; formação de multiplicadores e, finalmente, avaliação dos avanços alcançados.

O projeto “Boletim Bairro a Bairro” tem como objetivo central elaborar mensalmente um boletim distribuído junto às comunidades atendidas pelo programa, veiculando informações de cunho utilitário, promovendo a integração entre as cinco comunidades atendidas e oferecendo espaço de expressão aos seus usuários que, além de leitores, participam de sua elaboração. Com a implantação dos serviços de telecentro do Carro-Biblioteca, o escopo de atuação deste projeto estende-se, ainda, à criação de blog, comunidade virtual e site do carro, a fim de que a informação produzida para e pelas comunidades seja veiculada também na web.

O projeto “Educação para preservação: uma estratégia para a conservação de acervos bibliográficos” busca desenvolver ações na área de educação para a preservação por intermédio de atividades que possibilitem a formação, o treinamento e a conscientização do público-alvo em termos da conservação dos acervos bibliográficos.

Finalmente, o projeto “A cidadania da infância em hipermídia: educação para os direitos da criança” vem atuando desde 2009 para disseminar informações relativas ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e aos desafios relacionados à sua efetivação. A integração desse projeto a outros que compõem o Programa Carro-Biblioteca tem viabilizado a divulgação do ECA nas comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca. Em algumas das comunidades visitadas, atividades envolvendo pinturas, desenhos e a elaboração de frases relativas ao ECA por parte das próprias crianças moradoras das regiões atendidas tiveram como foco os direitos da criança e do adolescente e alcançaram resultados satisfatórios no que diz respeito à conscientização dos usuários infantis acerca de sua condição de cidadãos.

Quadro 1 - Programa Carro-Biblioteca e projetos vinculados em 2010/2011

Programa/Projeto	Número SIEX*	Coordenador(a)	Subcoordenador(a)
Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura (2010)	500001	Profa. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	
Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura (2011)	500041	Profa. Cíntia de Azevedo Lourenço	Bibliotecária Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes
Projeto Encontros de Leitura	400045	Profa. Maria da Conceição Carvalho	
Projeto Conto e Reconto	400612	Profa. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	Mestranda Pâmela Bastos Machado
Projeto Inclusão Digital: o Carro-Biblioteca como Telecentro	400153	Profa. Marta Macedo Kerr Pinheiro	
Projeto Boletim Bairro a Bairro (2010)	400005	Profa. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	
Projeto Boletim Bairro a Bairro (2011)	400171	Profa. Terezinha de Fátima Carvalho de Souza	
Projeto A cidadania da infância em hipermídia: educação para os direitos da criança	400185	Profa. Maria Guiomar da Cunha Frota	
Projeto Educação para a preservação: uma estratégia para a conservação de acervos bibliográficos	400044	Bibliotecária Rosemary Tofani Motta	Profa. Alcenir Soares dos Reis

*Número de cadastro do projeto no Sistema de Informações da Extensão (SIEEX) da UFMG.

Considerações finais

Os serviços oferecidos pelo programa vêm-se adaptando às mudanças no universo informacional: o Carro-Biblioteca adaptou-se ao surgimento das tecnologias de informação e comunicação, oferecendo acesso à informação eletrônica através de computadores conectados à Internet, além de outros recursos multimídia como televisor, DVD, data-show; vem definindo estratégias de renovação do acervo, buscando permanentemente oferecer informações e literatura atualizada; promove constantemente atividades culturais de incentivo à leitura; além de preocupar-se em prestar serviços em consonância com a realidade das comunidades atendidas.

O Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura vem ganhando, ainda, visibilidade em nível nacional. Exemplo disso foi a premiação recebida, em outubro de 2009, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, de menção honrosa do Prêmio Viva Leitura. A premiação foi recebida pela coordenadora do projeto, professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, e pela servidora Ana Luisa de Vasconcelos Terto, responsáveis pela inscrição do programa nesta edição do Prêmio. O Viva Leitura, promovido pelo Ministério da Educação, Ministério da Cultura, Organização dos Estados Ibero-americanos e Fundação Santillana, premia anualmente trabalhos nas categorias Bibliotecas Públicas, Privadas e Comunitárias, Escolas Públicas e Privadas e ONGs, pessoas físicas, universidades/faculdades e instituições sociais que desenvolvem trabalhos na área de leitura. A comissão julgadora leva em conta a originalidade do trabalho, o impacto na construção da cidadania, os recursos utilizados, a pertinência e a abrangência da ação na comunidade, a duração e os resultados alcançados, entre outros critérios. Na categoria Sociedade, há a distinção da menção honrosa, atribuída a projetos com foco no tema “formação de mediadores de leitura”. A distinção abrange programas e projetos de apoio, promoção e patrocínio na área de leitura, desenvolvidos por empresas públicas ou privadas. O programa ou projeto que se destaca por sua abrangência, permanência confirmada e alta relevância é considerado merecedor da Menção Honrosa, como foi o caso do Programa Carro-Biblioteca.

Por ocasião da entrega do Prêmio Viva Leitura, a então coordenadora do Programa Carro-Biblioteca concedeu depoimento gravado na TV-WEB da Editora Moderna. O depoimento pode ser conferido via Internet, através da URL <http://itv.netpoint.com.br/editoramoderna/principal.asp?id=86> (acesso em jan. 2010).

Cumpramos ressaltar que a importância do trabalho extensionista não se limita ao atendimento às comunidades, mas engloba o aprendizado proporcionado aos alunos (graduandos em biblioteconomia) bolsistas, que vivenciam a rotina de uma biblioteca, o contato com o público, as ações de organização do acervo e de atendimento ao usuário; além de

abrir um vastíssimo campo à pesquisa (assuntos como inclusão digital, ação cultural, incentivo à leitura, redes sociais e outros vêm sendo explorados em pesquisas que têm como objeto os serviços do Carro-Biblioteca e as comunidades por ele atendidas).

Referências

CABRAL, Ana Maria R. Carro-Biblioteca: possibilidades de ação cultural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. Porto Alegre: Biblioteca Central da UFRGS, 1987. v. 1. p. 553-559.

CABRAL, Ana Maria R. Carro-Biblioteca: possibilidades e ação cultural. *Conexão: revista de extensão da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 28-30, jul. 1988.

CABRAL, Ana Maria R.; REIS, Alcenir Soares dos. Democratização da informação e da leitura: desafios do Carro-Biblioteca. In: 2º. CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 1-10.

CASA NOVA, Vera Lúcia de Carvalho; BARBOSA, Rosaly Isabel Senra. Análise de uma experiência no Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG com texto de Cordel. *Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG*, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.213-232, set. 1983.

COHEN, Otavio. Páginas sobre rodas. *Tubo de ensaio*, 17/10/2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/tubo/producao/agencia/universidade/paginas-sobre-rodas/>. Acesso em: abr. 2010.

DUMONT, Lígia M. M. A ação cultural do Carro-Biblioteca ou o desafio de se incentivar o gosto pela leitura em comunidades de baixa renda. *Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG*, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.24-38, mar. 1990.

DUMONT, Lígia M. M. (Org.) *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. v. 24, n. 2, p. 321-337. Jul-Dez./1995. Número temático sobre o Carro-Biblioteca. 423 p.

DUMONT, Lígia M. M. *O imaginário feminino e a opção pela leitura de séries*. 1998. 257f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 1998.

DUMONT, Lígia M. M.; FRANÇA, Ricardo O.; CASTRO, Edna de. Política e compromisso de prestação de serviços do Programa Carro-Biblioteca: projeto de

implantação do novo carro. *Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG*, v. 24, n. 2, p. 321-337. Jul-Dez./1995.

JORGE, Pablo Diego S. de S.; JORGE, Ana Carolina S. de S. Biblioteca móvel: o Carro-Biblioteca como veículo de incentivo à leitura e inclusão digital. In: XXIX ENEBD – ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO. Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.enebd2006.ufba.br>.

KREMER, Jeannette Marguerite. Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG: uma análise da demanda de material de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982. João Pessoa. Anais... PBP, 1982. 495 p.

KREMER, Jeannette Marguerite. Carro-Biblioteca e demanda: estudo comparativo em Minas Gerais e na Paraíba. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, n.6, p.158-170, jun. 1983.

MACHADO, Pamela Bastos; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. Contar e Recontar Histórias: a contação de histórias como instrumento de ação cultural. In: XXIV CBBB – CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7 a 10 de agosto de 2011, Maceió, Alagoas. Anais do XXIV CBBB. Disponível em: <http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/178/465>. Acesso em: 15 set. 2011.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. O Carro-Biblioteca na autoestrada da informação: uma encruzilhada? In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 8., 2005, Belo Horizonte. [Anais eletrônicos] Disponível em: http://www.ufmg.br/proex/arquivos/8Encontro/educa_11.pdf.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. Os viajantes do Carro-Biblioteca e sua felicidade clandestina. In: *Boletim da UFMG*, n. 1604, Ano 34, 4/4/2008. Disponível em: <http://www.ufmg.br/boletim/bol1604/2.shtml>.

PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA. Carro-Biblioteca e Leitura para Todos: levar o livro onde o leitor está. *Folha Proler*, ed. 24, ano IX, março, 2007. p. 3-4.

REZENDE, Marlene E. P de. O Carro-Biblioteca e o seu papel junto às comunidades populares. *Releitura*, Belo Horizonte, n.4, p.22-23, out./dez. 1992.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; AZEVEDO, André Ricardo. A implantação da inclusão digital no projeto Carro-Biblioteca da UFMG. In: XXII CBBB - CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2007, Brasília. Anais do XXII CBBB (em CD), 2007.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. Carro-Biblioteca da UFMG: de uma comunidade à outra promovendo o acesso à leitura e à informação. In: XXIII CBBB – CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5 a 8 de julho de 2009, Bonito, Mato Grosso do Sul. Anais do XXIII CBBB.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; FARIA, Raquel Carvalho de; EVANGELISTA, Paola. Avaliação de um serviço de disseminação da informação: o Boletim Bairro a Bairro na concepção dos usuários do Carro-Biblioteca da UFMG. In: XXIV CBBB – CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7 a 10 de agosto de 2011, Maceió, Alagoas. Anais do XXIV CBBB. Disponível em: <http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/180/516> . Acesso em: 15 set. 2011.

UNIVERSIA BRASIL. UFMG cede veículo do Projeto Carro-Biblioteca para a Fundação Municipal de Cultura. *Dentro do Campus*: Universia Brasil. 3 jul. 2008. Disponível em http://www.universia.com.br/noticia/materia_dentrodocampus.jsp?not=43422.

A CIDADANIA DA INFÂNCIA EM HIPERMÍDIA: educação para os direitos da criança

Maria Guiomar da Cunha Frota¹

A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou por qualquer outro meio escolhido pela criança (Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989, artigo 13).

Apresentação

O projeto “A Cidadania da Infância em Hiperfídia” tem como proposta central contribuir para o processo de formação de agentes sociais, educadores e estudantes na temática dos direitos humanos e mais especificamente dos direitos da criança e do adolescente. A meta principal pretendida é capacitar estudantes universitários que atuam como monitores/multiplicadores em cursos e palestras ministrados para agentes sociais que trabalham com crianças e adolescentes.

A proposta pedagógica do projeto consiste em apresentar os direitos da criança e do adolescente de forma clara e acessível, os principais problemas para implementá-los e as soluções que têm sido adotadas pela iniciativa pública para resolvê-los. Para o alcance desse objetivo, foi elaborado um método específico de formação que tem a imagem como elemento estruturante.

1. Coordenadora do Projeto A Cidadania da Infância em Hiperfídia, que conta com a colaboração dos professores Mônica Correia Baptista (FAE/UFMG); Renato Pinto Venâncio (ECI/UFMG); Gastão da Cunha Frota (Escola de Belas Artes/Universidade Federal de Uberlândia) e do doutorando em ciência da informação (ECI/UFMG) Agnaldo Lopes Martins.

Justificativa

Nas últimas décadas, importantes ações públicas de defesa dos direitos da criança vêm sendo realizadas; como exemplo, citam-se os programas Sistema Nacional Socioeducativo - que regulamenta a execução das medidas destinadas ao adolescente em razão de ato infracional - e o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte, ambos elaborados pelo Conselho Nacional de Direitos da Criança (CONANDA).

No entanto muitos desafios ainda comprometem a efetivação dos direitos da criança no campo da proteção social e também dos direitos sociais. Alguns dados do UNICEF indicam a proporção desses desafios:

O País apresentou grandes avanços com relação à taxa de mortalidade infantil (crianças com menos de 1ano), que caiu de 46,9 por 1000, em 1990, para 24,9 por 1000, em 2006. Contudo, as disparidades continuam: as crianças pobres têm mais do que o dobro de chance de morrer, em comparação às ricas. A mortalidade infantil entre crianças filhas de mães negras é cerca de 40% maior do que entre as filhas de mães brancas. Já a taxa de mortalidade de menores de 5 anos caiu quase 50% entre 1990 e 2006. Nos últimos cinco anos, essa diminuição significou mais de 20 mil crianças com menos de 5 anos sobrevivendo (IBGE/DPE/Coordenação de População e Indicadores Sociais – Copis). Dos 3 milhões de crianças que completaram 1 ano de idade em 2006, 400 mil não possuíam registro de nascimento, e, portanto, tiveram negado seu direito a uma identidade. Dos 11 milhões de crianças com menos de 3 anos, apenas 15,5% (1,7 milhão) frequentam creches. Os números de frequência à pré-escola são relativamente melhores, mas ainda demandam investimentos. (UNICEF, 2006, p.3)

Na perspectiva desse projeto, uma limitação importante para a efetivação dos direitos e das políticas para a infância é o desconhecimento por parte de setores importantes da sociedade brasileira dos preceitos legais que asseguram esses direitos. Gestores públicos, conselheiros, professores e demais profissionais ligados às áreas de Educação e de

Assistência Social constituem-se em um segmento imprescindível para assegurar não apenas a veiculação de informações corretas e seguras sobre o tema dos direitos da criança e do adolescente, como também para identificar e denunciar os casos de denegação desses direitos.

As próprias crianças e adolescentes também precisam obter informações e ser estimulados a refletirem acerca de seus direitos para usufruírem da condição de cidadãos. A literatura especializada consensualmente indica que uma pré-condição fundamental para o real usufruto do status de cidadão é o conhecimento dos direitos firmados na normativa jurídica e da estrutura política e administrativa encarregada dos processos de efetivação desses direitos.

Uma pesquisa realizada pelo UNICEF (UNICEF, 2002, p.122-126) com uma amostra de 5.280 adolescentes de todas as regiões do país exemplifica bem o pouco conhecimento que esse segmento tem sobre seus direitos. Perguntados se “já tinham ouvido falar do Estatuto da Criança e do Adolescente”, 70% dos adolescentes responderam sim e 27%, não. Isso poderia significar um dado positivo, no entanto quando lhes foi solicitado que avaliassem o grau de informação que possuem sobre o ECA, 30% se consideram mais ou menos informados; 27%, pouco informados; 12%, nada informados e apenas 5%, muito informados. Quando lhes foi demandado que mencionassem os direitos contidos no ECA, encontrou-se o seguinte perfil:

As respostas em branco nessa questão chegaram a 35%. Entre os direitos mencionados, a educação está mais fixada no discurso dos adolescentes entrevistados (33%). Outras citações foram sobre o direito à vida e à saúde (26%), liberdade e respeito, lazer e esporte (cada um com 22%). Para ampliar a análise do conhecimento dos adolescentes sobre o Estatuto, optou-se por quantificar o número de direitos citados. A maioria (30%) conhece entre um e três direitos previstos na lei, enquanto 14% não conhecem nenhum. 35% dos entrevistados optaram por não responder a pergunta. Os que conhecem mais de três dos direitos somam 10%. (UNICEF, 2002, p.125).

Outro dado importante, revelado pela pesquisa do UNICEF, é que, entre os 70% dos adolescentes que já ouviram falar do Estatuto, apenas 28% obtiveram a informação pela escola, enquanto que 47% obtiveram via televisão. Percebe-se, pois, que a escola não vem atuando como um espaço de informação para os jovens acerca dos seus direitos.

Assim, a apresentação dos direitos e também a disponibilização de informações e materiais diversos em hipermídia - sobre os desafios e as conquistas dessa trajetória de luta pela garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes - pretendem assegurar a adequação da linguagem e dos recursos. Isso tudo para despertar o interesse e a curiosidade dos educadores, gestores públicos, agentes sociais e das próprias crianças e jovens.

Acredita-se que a elaboração desse espaço interativo possibilitará tanto ações efetivadas no âmbito deste projeto, como iniciativas autônomas de dirigentes municipais, coordenadores de organizações não governamentais, gestores públicos e professores ou profissionais que atuam junto a crianças e adolescentes.

Fundamentação teórica

A noção de que a infância e, de maneira geral, as demais fases da vida humana são construções sociais tem como marco conceitual a obra *História social da criança e da família* (ARIÈS, 1981). A partir daí, as pesquisas no campo da História, da Sociologia e da Antropologia vêm demonstrando que a infância e também a adolescência, tal como as conhecemos hoje, não são fenômenos naturais e universais, mas sim resultado de uma construção paulatina das sociedades moderna e contemporânea. A infância e a adolescência deixaram de ser compreendidas como “pré” etapas da fase adulta e, cada vez mais, vêm sendo identificadas como um estado diferenciado. Assim, ao mesmo tempo em que se reconhece que as definições de infância e adolescência são tributárias do contexto histórico, social e cultural no qual se

desenvolvem, tem-se admitido a especificidade que as constituem como fases da vida humana.

O trabalho de Ariès demonstra que a concepção moderna da infância como um período específico da vida, distinto da fase adulta e, conseqüentemente, da criança como um ser em fase de formação e de desenvolvimento que necessita de atenção e cuidados específicos, constitui-se nos primórdios do Renascimento. A partir daquela época, expandiram-se diversas teorias e concepções filosóficas, morais, educacionais, jurídicas e psicológicas sobre a infância, muitas vezes concorrentes. Em conformidade com as distintas concepções, foi sendo instituída e delineada uma série de leis, instituições e práticas destinadas à criança e foi-se alterando também a atribuição de responsabilidades, direitos e deveres para com ela, nos âmbitos público e privado.

A principal transformação ocorrida no campo jurídico-social relativa à infância, no século XX, foi afirmação da **doutrina da proteção integral** em contraposição à doutrina da situação irregular. No período de vigência da doutrina da situação irregular, as leis e instituições eram orientadas predominantemente pela lógica da integração sistêmica, ou seja, o Estado prevalecia como poder jurídico e administrativo que racionalizava e controlava o processo de socialização. Nesse contexto, especialmente da criança pobre considerada menor, exercia-se um controle social pleno sobre esse segmento, excluindo a família como ator partícipe do processo. Com a constituição da doutrina da proteção integral, a lógica da integração social se afirma, e as responsabilidades da família e das organizações públicas da sociedade civil no processo de socialização da criança, tanto no campo assistencial quanto no da garantia dos direitos, ampliam-se (FROTA, 2004).

O artigo 227 da Constituição brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) são os primeiros documentos jurídicos nacionais que consideram a criança sujeito de direitos e pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, em conformidade plena com a doutrina da proteção integral.

O Estatuto da Criança e do Adolescente compõe-se de dois livros. O livro I estabelece os direitos fundamentais. Trata principalmente dos direitos sociais, como saúde, educação, cultura e proteção no trabalho, que são dirigidos a todas as crianças e adolescentes, sem exclusão de qualquer natureza. O Livro II dirige-se às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, em razão de sua conduta ou da ação ou omissão dos pais, da sociedade e do Estado e normatiza toda a política de atendimento, definindo as medidas para cada situação, as políticas a serem mobilizadas e o papel das instituições e entidades governamentais e não governamentais. A implementação dos direitos e da política de atendimento previstos no ECA depende de uma atuação:

1. na área das políticas básicas, para garantir a universalização do direito à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer e à convivência familiar e comunitária;
2. na área de assistência social, criando o aparato institucional necessário para viabilizar a execução das medidas de proteção e socioeducativas; e
3. na área de proteção jurídico-social, para garantir o cumprimento adequado das medidas socioeducativas, ou seja, assegurando os princípios da ampla defesa e da igualdade perante a lei, relativa à apuração das situações de violação e de omissão dos direitos pelo Estado, a família e a sociedade (FROTA, 2002).

Para viabilizar uma atuação tão ampla, é necessário mobilizar um conjunto de instituições governamentais e de entidades não governamentais, atuando de modo coordenado. Nesse sentido é que se justifica a elaboração de projetos que colaborem com a capacitação de atores sociais que serão centrais para a implementação do amplo conjunto de políticas sociais, de proteção e de assistência social previstas no Estatuto.

Objetivos

O objetivo geral do projeto é formar crianças, jovens, educadores, gestores e agentes sociais na temática dos direitos da criança e do adolescente, fomentando o processo de reflexão junto a instituições

educacionais, sociais e culturais. Dito de outro modo, o que se pretende é socializar informação sobre os direitos da criança para ampliar a rede de atores sociais aptos a atuar em processos de efetivação dos direitos da criança e do adolescente.

Os objetivos específicos estabelecidos são os seguintes: Elaborar e aplicar metodologias de ensino adequadas à formação em direitos humanos e mais especificamente em direitos da criança.

1. Produzir material didático em hipermídia para ações de formação em direitos da criança desenvolvidos no âmbito do projeto.
2. Divulgar os direitos da criança e do adolescente de modo claro e acessível junto ao público infanto-juvenil, educadores e agentes sociais.
3. Capacitar estudantes universitários na temática dos direitos da criança.
4. Contribuir para a associação entre universidade e sociedade em processos de reflexão e de mobilização política para a efetivação dos direitos da criança.

Metodologia

O projeto constitui-se de duas etapas. A primeira consiste na elaboração e disponibilização de conteúdos sobre direitos da criança em formato hipermídia e a segunda, na realização dos cursos de formação em direitos da criança.

Para subsidiar o processo de formação em direitos da criança, foi elaborado um site disponibilizando todos os materiais didáticos necessários à formação em direitos da criança. O site deverá incluir um banco de imagens sobre a história da infância, uma publicação eletrônica (e-book) apresentando os direitos da criança e um espaço interativo para projetos, cujos conteúdos detalhamos a seguir.

- a) Banco de imagens: inclui imagens provenientes de pranchas de livros de arte, fotografias, quadrinhos e vídeos (curtas e animações). As imagens são selecionadas, classificadas e organizadas no site, que será disponibilizado para consulta ampla.
- b) Publicação eletrônica: a publicação eletrônica (e-book) constará de duas partes. A primeira parte apresenta e analisa as principais mudanças ocorridas na legislação e nas instituições destinadas às crianças e aos jovens no Brasil, tendo como marco a comparação entre a doutrina da situação irregular e a doutrina da proteção integral, a primeira vigente de 1927 a 1988 e a segunda, de 1988 aos dias atuais. A segunda parte apresenta os diferentes modos socioculturais de conceber a infância e a juventude ao longo da história ocidental, utilizando imagens associadas a uma proposta pedagógica, indicando aos educadores como trabalhar com as imagens junto a crianças e jovens.
- c) Espaço interativo: o site terá um espaço interativo para que os usuários possam montar seus próprios projetos com base nas informações coletadas no site. Esse recurso possibilitará aos usuários atuarem como multiplicadores da temática cidadania da infância em diversos contextos sociais.

Os cursos de educação em direitos da criança serão ministrados em dois níveis. No primeiro nível, são capacitados monitores (alunos dos cursos de graduação da UFMG). Esses alunos bolsistas atuarão como monitores/multiplicadores na formação das crianças e dos agentes sociais, educadores, gestores públicos e conselheiros de direitos.

Resultados e perspectivas

O projeto iniciou suas atividades, no âmbito do CENEX/ECI, em 2009. No entanto, anteriormente, a coordenadora do projeto já havia realizado várias ações de capacitação sobre direitos da criança

em diversos contextos. A título de exemplo, citam-se cursos para conselheiros municipais de direitos da criança realizados em Belo Horizonte e em diversos municípios mineiros, entre 1999 e 2005, e a conferência ministrada em evento do MEC em Brasília em 2008, intitulada “O plano de desenvolvimento da Educação (PDE) e os conselhos de direitos da criança”.

No âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais (CENEX/ECD), já foram realizadas tanto atividades de produção de material em formato hipermídia, como atividades de capacitação.

Um protótipo do site do projeto e do banco de dados de imagens foi elaborado e será disponibilizado até dezembro de 2011 para ampla consulta. O banco de dados está na primeira etapa de desenvolvimento e contém cerca de 500 pranchas com pinturas que representam a infância do Renascimento ao Modernismo. As categorias de classificação das obras são as seguintes: título, nome do artista, data, localização, estilo, dimensão, resumo descritivo e palavras-chave que caracterizam as distintas representações da infância ao longo da história. Também foi elaborado um manual prático de orientação aos bolsistas do projeto, indicando como alimentar o banco de imagens.² Com base no site e no banco de dados, estão sendo produzidos materiais didáticos destinados às palestras e aos cursos sobre direitos da criança.³

As atividades de formação em direitos da criança realizadas no período de 2009 a 2011 foram as seguintes:

- a) Palestras para alunos de graduação dos cursos de Biblioteconomia (Escola de Ciência da Informação) e de Pedagogia (Faculdade de Educação)⁴.

2. O protótipo do banco de imagens e do site foi realizado pela seguinte equipe: Maria Guiomar da C. Frota e Agnaldo Martins (coordenadores) e Isabella de Brito Alves, Pérola Costa de Almeida e Vinícius de Oliveira Silva (bolsistas de extensão).

3. Não foram elaborados ainda o e-book e o espaço interativo para elaboração de projetos, pois são atividades que demandam um aporte mais significativo de recursos.

4. As palestras na Faculdade de Educação da UFMG foram realizadas a convite da professora Mônica Correia Baptista, que também colaborou com algumas referências para o projeto e sugestões ao presente texto.

- b) Atividade de formação em direitos da criança nas comunidades atendidas pelo Programa Carro-Biblioteca (CENEX/ECI) - Lagoa, Bom Sucesso, Ipiranga, Frimisa e São Benedito.
- c) Divulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em todas as comunidades atendidas pelo Programa Carro-Biblioteca, com o apoio dos programas “Boletim Bairro a Bairro”, “Encontros de Leitura” e “Inclusão Digital”, todos eles desenvolvidos no âmbito do CENEX/ECI.

Na comunidade Lagoa, em abril de 2010, realizamos uma atividade piloto de formação para crianças de seis a dez anos que consistiu em mostrar pinturas sobre crianças e propor atividades de desenho no intuito de apresentar-lhes de modo lúdico os direitos da criança.

Na comunidade de Bonsucesso, realizamos uma atuação mais ampla e que tem sido adotada como uma referência para as capacitações do projeto em outras comunidades, escolas e espaços culturais. Essa atuação adotada como modelo consiste das seguintes atividades:

- a) Treinamento dos bolsistas de extensão em direitos da criança com a leitura e discussão de artigos sobre cidadania e direitos da criança.⁵
- b) Capacitação em direitos da criança com o uso de pinturas e animações para dois grupos etários: crianças de cinco a nove e de dez a doze anos; produção de pinturas pelas crianças, representando o tema “A criança e os seus direitos” (crianças de cinco a nove anos) e elaboração de frases sobre o mesmo tema (crianças de dez a doze anos).
- c) Edição de um caderno manuscrito com os desenhos produzidos na comunidade e sua divulgação e consulta pelos frequentadores do Carro-Biblioteca.

5. FROTA (2002).

Nas atividades de capacitação ocorridas nas comunidades em 2010, foram atendidas cerca de 350 crianças e dezesseis professores do ensino fundamental.

Quanto às perspectivas futuras, pretendemos disponibilizar, atualizar e divulgar o site “A cidadania da infância em hipermídia” em caráter permanente. A divulgação do site e dos seus conteúdos permitirá que este possa ser utilizado por todos os agentes sociais que atuam junto a crianças e adolescentes. Consideramos que assim as ações de formação sobre direitos da criança poderão se multiplicar e contribuir para a ampliação e conscientização sobre esse tema tão fundamental para a sociedade brasileira.

Referências

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 279p.
- BAPTISTA, Mônica Correia *et al.* *Educação infantil: o desafio da oferta pública*. Belo Horizonte: GAME-FAE/UFMG, 2002. 281 p.
- BAPTISTA, Mônica Correia. *Escola Plural: o direito a ter direitos*. Escola Plural e a constituinte escolar: o direito a ter direitos: subsídios para a discussão, Belo Horizonte, p. 1-12, 1º ago. 1999.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil - o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CEZAR, Marcos de F. (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- COSTA, A. C.; MENDEZ, E. *Das necessidades aos direitos*. São Paulo: Malheiros, 1994.
- FROTA, Maria Guiomar. *Associativismo e participação social: desafios de âmbito local e global na implementação dos direitos da Criança*. Tese (Doutorado) - IUPERJ. Rio de Janeiro: IUPERJ, dezembro de 2004.
- FROTA, Maria Guiomar da C. A cidadania da infância e da adolescência: da situação irregular à proteção integral. In: CARVALHO, A. *Políticas Públicas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Médios: olvidos y desmemorias debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro*. Rio de Janeiro: Ciberlegenda, n. 6. 2001.

- MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Orgs). *Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- MENDEZ, E. Garcia. *Infância e cidadania na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- PINSKY, Jaime; PISNKY, Carla Bassanezi (Org.) *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PRIORI, Mary. (Org.) *História da Criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANTOS, Wanderley G. dos. *Cidadania e justiça*. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- SCHERER-WARREN, Ilse; CHAVES, Iara M. (Orgs.) *Associativismo Civil em Santa Catarina*. Trajetórias e Tendências. Florianópolis: Isular, 2004.
- SORJ, Bernardo. *Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: Unesco, 2003.
- TEIXEIRA, Elenaldo. *O local e o global*. Limites e desafios da participação cidadã. São Paulo: Cortez; Salvador: UFBA, 2001.
- TELLES, Vera da Silva. *Direitos sociais: afinal do que se trata?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- TRINDADE, Antônio A. C. (ed.). *A incorporação das normas internacionais de proteção dos direitos Humanos no Direito Brasileiro*. San José: IIDH, 1996.

AÇÕES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO LPA - LABORATÓRIO DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS: um exercício de responsabilidade pública

Rosemary Tofani Motta¹

Alcenir Soares dos Reis²

Introdução

O presente texto tem como objetivo sistematizar as ações e experiências relativas ao Laboratório de Preservação de Acervos – LPA - da ECI/UFMG, que em 2012 completará vinte e cinco anos de existência. Sua proposta é de não só destacar os trabalhos realizados, mas fundamentalmente evidenciar a relevância das questões da preservação, tanto no contexto institucional quanto em âmbito mais geral, haja vista que ela mantém intrínseca vinculação com a memória, a história, a cultura e a identidade de uma sociedade.

Em face das preocupações que motivaram a elaboração desse texto, consideramos relevante organizá-lo de forma que em um primeiro momento se apresente, de modo sintético, a questão conceitual da preservação de acervos, objeto do tópico “Preservação de Acervos: significado e relevância”, e em continuidade se coloque a sistematização das ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos pelo Laboratório, nomeado por “Atuação do LPA no ensino, na pesquisa e na extensão”. Prosseguindo, consolidam-se, no tópico “Ações e desafios no exercício da responsabilidade pública”, os aspectos centrais que permitem refletir sobre as ações que devem nortear a área e destacam-se os limites e desafios a serem enfrentados pelo LPA em sua

1. Bibliotecária coordenadora do LPA/ECI/UFMG e do Projeto “Educação para a preservação”

2. Professora da ECI, subcoordenadora do projeto “Educação para a preservação”

ação formativa, no contexto de uma universidade pública, na qual se exige um posicionamento ético na atuação de seus servidores.

Preservação de acervos: significado e relevância

A preservação do conhecimento produzido e acumulado pela humanidade ao longo de sua existência tem sido historicamente da responsabilidade de instituições culturais como as bibliotecas, os arquivos e os museus. Elas são guardiãs dos registros e buscam manter sua integridade física com o objetivo de garantir às gerações presentes e futuras o acesso a esse patrimônio, que é coletivo. Dessa forma, preservar os registros e, simultaneamente, possibilitar o acesso ao conhecimento neles registrado tornou-se um desafio para os profissionais que atuam nessas instituições.

Nas últimas décadas, a preservação do patrimônio cultural da humanidade registrada nos mais variados suportes e formatos tem sido tema de estudos no exterior e no Brasil, gerando um corpo teórico subsidiador do desenvolvimento de novas técnicas de recuperação dos diferentes suportes que se encontram sob a guarda das instituições acima mencionadas, bem como no desenvolvimento de ações, mecanismos e procedimentos preventivos, contribuindo assim para minimizar a deterioração dos acervos culturais e informacionais.

Assim, a fim de situar do quê estamos falando quando discutimos o tema da preservação, torna-se importante precisar os conceitos.

Segundo Carvalho,

PRESERVAÇÃO tem um sentido abrangente, incluindo todas as considerações administrativas baseadas em políticas estabelecidas que devem prever desde o projeto de edificações e instalações, incluindo a seleção, aquisição, acondicionamento e armazenamento dos materiais informacionais, assim como o treinamento de usuários e de pessoal administrativo no tocante à preservação de acervos.

A CONSERVAÇÃO implica técnicas e práticas específicas relativas à proteção de materiais de diferentes formatos e natureza física contra danos, deterioração e decomposição.

Por RESTAURAÇÃO compreendem-se as intervenções técnicas sobre os componentes materiais e morfológicos de um documento já deteriorado, praticadas por especialistas em laboratório, com o propósito de recuperá-lo para integridade estética e histórica da peça.

Na prática essas três ações se inter-relacionam uma vez que a PRESERVAÇÃO é uma atividade administrativa e de planejamento, a CONSERVAÇÃO é uma prática cotidiana de profissionais e usuários e a RESTAURAÇÃO é uma intervenção esporádica, especializada e de alto custo, definida com base nas decisões do administrador de acervos e do restaurador (CARVALHO, 1997).

Integrando-se aos aspectos conceituais, vale também apontar que ao se analisar a problemática da preservação é preciso destacar os elementos que atuam na deterioração dos acervos, sendo importante compreender que os agentes danificadores dos livros em termos de sua vida útil podem ser de várias naturezas, tais como a má qualidade da matéria-prima e dos processos com que foram confeccionados como papel, colas e tintas, ácidos etc. Também podemos citar como agentes danificadores dos acervos o ataque de insetos e roedores, a exposição dos materiais à umidade do ar e a altos índices de luz, calor e poluição, podendo ainda incluir-se nessa lista os danos provocados por incêndios, enchentes, traslados e armazenamento inadequados.

Entretanto, o agente que provoca maiores danos aos livros é o homem porque interfere em várias etapas da vida do livro e de outros materiais que servem de suporte para o registro de informações e de conhecimento. É o homem que define a qualidade dos materiais a serem utilizados na produção dos livros, define a forma de armazenamento, manuseio, transporte e uso, fatos que nos demonstram que ao lado da compreensão destes elementos intervenientes devemos eleger a dimensão educativa como um dos focos de atuação.

Assim, em face dos argumentos acima citados e em razão de seus aspectos conceituais é que se advoga que tais aspectos se constituam como norteadores para as ações dos profissionais do campo da informação.

Partindo-se dessa premissa, é necessário privilegiar a função educativa como importante campo de atuação, tendo em vista a relevância da formação de uma nova mentalidade em relação à preservação, de forma a atingir não só a comunidade acadêmica, na figura de futuros profissionais que pretendam atuar na área, advindos de diferentes campos de formação, mas também à comunidade externa, da criança em fase escolar ao adulto usuário das instituições culturais.

Com base nos argumentos acima indicados, Reis, Carvalho e Motta (2004) advogam que

(...) abordar a preservação centrada na perspectiva educacional como uma diretriz de ação advém do fato de se constatar que uma série de danos aos acervos tem como nascedouro a adoção de posturas incorretas no trato com os referidos bens, notadamente guarda e manuseio inadequados, e pela ação dos diferentes agentes deteriorantes (de natureza física, química e biológica), tornando nítida a importância de atuar na conservação preventiva, haja vista sua relevante eficácia na manutenção dos acervos em contraposição à recuperação de danos já instalados.

Em razão dessa compreensão em relação à preservação e considerando a ampliação do escopo de atuação da Escola de Ciência da Informação, que, somando-se ao curso de Biblioteconomia, incorpora os cursos de Arquivologia e Museologia como campos de sua atuação, evidencia-se de forma cabal a importância dos estudos e ações na área. Esses fatos legitimam a centralidade da área e demonstram a relevância do LPA na medida em que este representa um espaço fundamental no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Assim, a partir dos argumentos antecedentes e diante da preocupação de registrar o trabalho do LPA, que no período de 1987-

2011 teve como fundamento de sua atividade os acervos bibliográficos, pretende-se, ao relatar o registro de suas ações, que estas se constituam em contribuição para repensar os encaminhamentos que ora se fazem necessários para o LPA, bem como evidenciar a importância de sua atuação no contexto do ensino, da pesquisa e de forma notória na extensão.

Atuação do LPA no ensino, na pesquisa e na extensão

O Laboratório de Preservação de Acervos – LPA – da Escola de Ciência da Informação da UFMG é um espaço criado em 1987 com fins didáticos, onde são testados, criados, desenvolvidos e divulgados procedimentos, técnicas e materiais utilizados na preservação de acervos; essa atuação deverá ser ampliada tendo em vista a incorporação dos cursos de Arquivologia (2009) e Museologia (2010). No LPA são realizadas aulas práticas e teóricas que possibilitam aos alunos da ECI aprender as noções básicas e os conceitos da área de preservação bem como realizar técnicas de conservação.

Entre as suas atividades, destacam-se aquelas relativas à extensão que vêm sendo desenvolvidas, desde 1991, por meio de projetos junto à Pró-Reitoria de Extensão – PROEX. O projeto inicial “Desenvolvimento de técnicas para a conservação do CENEX” sob a coordenação da professora Sônia de Conti Gomes tinha por objetivo desenvolver e utilizar técnicas e procedimentos de conservação para realizar a recuperação do acervo do Carro-Biblioteca e oferecer, para as comunidades visitadas por ele, o uso dos livros em condições satisfatórias de conservação física.

O Programa Carro-Biblioteca: Frente de leitura, ao qual o projeto do LPA encontra-se vinculado, visita várias comunidades na periferia de Belo Horizonte levando livros e desenvolvendo ações que incentivam a leitura e a criação de bibliotecas locais. Seu acervo, composto por livros de literatura brasileira e também dicionários e enciclopédias, é bastante

utilizado nos locais de visita, tanto no contexto do próprio carro como também por meio de empréstimos domiciliares.

Na realidade, grande parte desse acervo, notadamente no início da instalação do Programa, era proveniente de doações, o que explica a fragilidade dele, fazendo com que nem sempre os materiais chegassem ao Carro-Biblioteca em boas condições de uso. Esse fato, aliado ao grande número de empréstimos, terminava por agravar as condições de fragilidade e de deterioração pré-existentes.

Assim, em decorrência desta realidade, optou-se por executar, através do LPA, o projeto de recuperação dos livros do acervo do Carro-Biblioteca e então ali foram desenvolvidas, testadas e aplicadas técnicas cujos resultados foram sistematizados e consolidados em um livro de autoria da profa. Sônia de Conti Gomes com a colaboração de Rosemary Tofani Motta, (lotada no LPA desde 1991) e publicado em 1992 pela Editora UFMG, com o apoio da PROEx no que se refere ao projeto de publicação.



Capas da 1ª e 2ª edições.

O livro teve como título da sua primeira edição *Técnicas alternativas de conservação: um manual para a manutenção, reparos e reconstituição de livros, revistas, folhetos e mapas*. Em 1997 foi publicada a 2ª edição, revista, com o título *Técnicas alternativas de conservação: recuperação de livros, revistas, folhetos e mapas*, com

autoria da professora Sônia de Conti Gomes e da bibliotecária Rosemary Tofani Motta (GOMES e MOTTA, 1997).

As atividades de recuperação desse acervo continuaram até 1994, quando então as coordenadoras concluíram que a realização das atividades voltadas para os livros danificados eram insuficientes para garantir as boas condições de uso. Na realidade, devido à grande rotatividade do acervo, os livros recuperados no LPA em pouco tempo voltavam a apresentar danos, muitas vezes irrecuperáveis, sendo necessário retirá-los de circulação definitivamente.

Dessa forma, em 2001 acrescentou-se ao projeto o objetivo de conscientizar os usuários daquele acervo e dos acervos bibliográficos em geral sobre a forma correta de utilizá-los com a finalidade de reduzir a incidência dos danos e prolongar a sua vida útil.

Para elaborar o novo projeto, as comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca foram visitadas pela equipe do LPA, sendo observadas as formas de uso e manuseio dos livros e identificadas as atitudes dos usuários, visando a detectar as ações destes as quais provocavam danos ao acervo.

A análise permitiu constatar que o agente deteriorante mais atuante na degradação desse acervo era a ação humana. Os usuários do Carro-Biblioteca não estavam usando adequadamente os livros, talvez por desconhecimento da forma correta do seu uso.

Assim, a partir de 2001 o projeto sob a coordenação das professoras Maria da Conceição Carvalho e Alcenir Soares dos Reis passa a dedicar-se também a atividades educativas com o objetivo de minimizar os danos provocados nos livros pelo uso inadequado, sensibilizando, conscientizando e treinando os usuários sobre a importância do livro e a necessidade de preservá-lo.

Em 2004, sob a coordenação da bibliotecária Rosemary Tofani Motta e da profa. Alcenir Soares dos Reis, o projeto “Educação para a preservação: uma estratégia para a conservação de acervos

bibliográficos” incluiu em suas etapas várias ações educativas a serem adotadas não só para o público que frequenta o Carro-Biblioteca, mas também para os diversos públicos envolvidos com o universo do livro.

Baseando-se nessa opção, o projeto vem-se desenvolvendo ao longo dos anos, de acordo com uma perspectiva político-pedagógica, haja vista que se busca fazer com que os sujeitos que participam das atividades do LPA – crianças e professores de escolas das redes públicas, estadual ou municipal, os alunos e profissionais que se integram aos cursos ou atividades – possam incorporar, como elemento de socialização, a preocupação com a preservação dos acervos de forma a irem além da materialidade dos suportes, mas compreendendo as ações de conservação como parte da manutenção da história e da cultura.

Assim, a efetividade das ações do projeto se centra na realização de visitas monitoradas e nesta se faz a apresentação de informações sobre o desenvolvimento dos suportes, veem no LPA réplica dos materiais usados pelo homem ao longo de sua história e participam de uma minioficina de conservação, quando os visitantes trabalham no material de sua escola, tendo como objetivo promover a integração entre a teoria apresentada e a prática.

Somam-se às atividades acima descritas as disciplinas de Preservação de Acervo, de caráter teórico, que são oferecidas para a graduação, bem como um curso optativo de Técnicas Básicas de Conservação, além do Seminário ”Patrimônio Cultural, Memória e Obras Raras”, de caráter anual, iniciado em 2002, por proposta formulada pela Professora Maria da Conceição Carvalho e atividades de extensão, tendo como ênfase o Carro-Biblioteca e as comunidades por ele visitadas.

Portanto, a fim de que se dê a dimensão dos trabalhos executados e/ou em execução, apresentam-se, com informações sintéticas e de forma panorâmica, as ações do LPA no que se refere aos processos de formação, de pesquisa e de extensão, conforme sistematizado a seguir.

a) Cursos e Seminários

Para os alunos da Escola de Ciência da Informação, à época apenas com o curso de Biblioteconomia, foram selecionadas atividades de ensino objetivando prepará-los para o exercício profissional e qualificando-os para a gestão da preservação com ênfase na



conservação preventiva. Isso se deu por meio da disciplina “Preservação de acervos”, em que os alunos, além do conteúdo teórico, tinham oportunidade de executar no LPA também a prática de algumas técnicas de conservação como remendos, carcelas, higienização de livros e outros pequenos reparos. Atualmente essa disciplina é expandida para os alunos dos novos cursos da ECI – Arquivologia e Museologia.

Aos alunos da ECI interessados em se aprofundar um pouco mais na execução das técnicas de conservação, o LPA oferece um curso extracurricular de 60 h/a em que eles têm oportunidade de aprender e executar “Técnicas básicas de conservação de livros”.

Ainda dentro das atividades de ensino, anualmente é realizado um seminário, “Patrimônio Cultural, Memória e Obras Raras”, sendo que a cada versão é destacado um recorte dentro dessa temática. A atividade iniciou-se como disciplina optativa oferecida aos alunos da ECI, mas também, devido ao grande interesse de vários segmentos da sociedade, sempre foi aberta ao público interessado na relação preservação e cultura. Nessa atividade conseguimos reunir vários profissionais de destaque no cenário nacional que concordaram em fazer palestras



e discutir nesse fórum questões relacionadas à preservação do nosso patrimônio cultural.



No âmbito da pesquisa, o LPA dedica-se a desenvolver, testar, aplicar e divulgar técnicas, materiais e procedimentos utilizados na conservação dos livros.

Quanto às atividades de extensão, elas têm sido a parte forte desse projeto do LPA, desenvolvendo junto aos vários públicos ações educativas que estimulam a adoção de atitudes adequadas em relação ao manuseio, transporte e guarda dos livros com o objetivo de minimizar a incidência de danos nos acervos bibliográficos e o prolongamento de sua utilização através dos tempos. Várias são as atividades implementadas para consecução desse objetivo.

b) Atividades de Extensão

Palestras, oficinas e outras atividades com os frequentadores do Carro-Biblioteca.

Essa atividade consiste em conscientizar os usuários do acervo do Carro-Biblioteca sobre a maneira adequada de manusear os livros e a importância de preservá-los como forma de preservar o nosso patrimônio cultural.



Palestras e oficinas nas escolas de ensino fundamental das proximidades dos locais visitados pelo Carro-Biblioteca.

Palestras e oficinas com senhoras das associações frequentadoras do Carro-Biblioteca.

Palestras e oficinas para professores e bibliotecários da rede pública de ensino. Tem como objetivo formar multiplicadores que possam trabalhar no seu universo profissional com colegas e alunos os ensinamentos assimilados no LPA.



Visitas Monitoradas ao LPA. Têm por objetivo sensibilizar crianças e jovens sobre a necessidade de adotar comportamento positivo em relação à preservação dos livros.

Em síntese, os dados apresentados consolidam as ações do LPA e revelam o âmbito de suas ações e compromissos, de forma a garantir que os acervos tenham sua vida útil prolongada, contribuindo na manutenção dos acervos culturais.

Ações e desafios no exercício da responsabilidade pública

De acordo com os argumentos anteriormente apresentados, ganha destaque que a área de preservação, na medida em que tem como diretriz garantir a permanência e a longevidade da vida dos acervos, representa uma função de significativa importância no contexto nacional.

Ainda, considerando que em termos históricos a preocupação com as questões do patrimônio e de preservação podem ser consideradas relativamente recentes no Brasil, tal realidade coloca em destaque a importância das instituições culturais no sentido não só de responder pela manutenção dos acervos, mas também de realizar um processo educativo que amplie o conhecimento e a sensibilidade quanto à importância dos acervos como manifestações da cultura e de nossa identidade social.

Entretanto, se esses aspectos são relevantes e motivadores como instrumentos para a ação, há ainda como dificuldade intrínseca a ser vencida a limitação de atribuir, de forma privilegiada à cultura, a magnitude e importância que esta requer no âmbito das políticas públicas. A esse elemento se soma também a dimensão de exclusão da sociedade brasileira, limitando a formação de um público que possa usufruir desses bens e o nível das dificuldades concretas que se apresentam desde o âmbito financeiro até as possibilidades de leitura e crítica da realidade.

Portanto, com base nesse prisma torna-se imprescindível defender, no que se refere às práticas cotidianas, a dimensão da preservação, incluindo-se nesta tanto as relativas aos acervos tradicionais quanto aqueles em suporte digital. De forma simultânea, deve-se também atuar no campo educativo, com vistas a sensibilizar os diferentes públicos, levando-os a compreender que nas bibliotecas, arquivos e museus se faz presente o resultado das ações dos homens.

É, portanto, a partir dos trabalhos do LPA, de suas ações e compromissos, vinculados à responsabilidade social, imprescindível de ser exercida no âmbito de uma universidade pública, que se poderá enfrentar os limites citados e dessa forma contribuir para o processo de mudança.

Referências

CARVALHO, Maria da Conceição. *Preservação de acervos documentais: conceitos, agentes deteriorantes e controle*. Belo Horizonte. Escola de Biblioteconomia. UFMG. dez.1997. (texto mimeografado).

GOMES, Sônia de Conti; MOTTA, Rosemary Tofani. *Técnicas alternativas de conservação; recuperação de livros, revistas, folhetos e mapas*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. 108p.

GONÇALVES, Neuma Pinheiro Salomão. A conservação preventiva na guarda das publicações oficiais. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.17, n.2, p.155-171, jul./dez. 1989.

HAZEN, Dan. Desenvolvimento, gerenciamento e preservação de coleções. In: *Planejamento de preservação e gerenciamento de programas*. Trad. José Luiz Pedersoli Jr. Rio de Janeiro: Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos: Arquivo Nacional, 1997, p.3-10.

MERRILL, Jan; SCOTT, Oldham; SCOTT, Julia Reed. *Programa de planejamento de preservação: um manual para autoinstrução de bibliotecas*. Trad. Cláudio Roberto Pereira Brondt. Rio de Janeiro: Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos: Arquivo Nacional, 1997, p. 158.

REIS, Alcenir Soares dos; CARVALHO, Maria da Conceição; MOTTA, Rosemary Tofani. Educação e preservação em debate: uma alternativa para a mudança nas práticas culturais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrent/Cultura/Cultura28.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2011.

BOLETIM BAIRRO A BAIRRO: um serviço de disseminação da informação¹

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte²

Terezinha de Fátima Carvalho de Souza³

Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar o boletim informativo resultante do projeto “Boletim Bairro a Bairro”⁴, sob uma perspectiva histórica, dos caminhos percorridos e também por meio da avaliação realizada junto aos usuários frequentadores do Carro-Biblioteca.

Boletim informativo é um produto pertencente ao contexto da comunicação. Segundo Martino (2001), é por meio do seu exercício que se desenvolvem atividades como ensino ou o confronto de ideias.

O que mais entendemos como comunicação é a troca de ideias, mensagens, informações entre duas pessoas ou, melhor dizendo, entre o emissor e o receptor, embora saibamos da existência de outras formas de comunicação, através de imagens, símbolos, gestos, entre outras.

Ainda segundo Martino

O termo comunicação vem do latim *communicatio*, do qual distinguimos três elementos: uma raiz *munis*, que significa

1. Versão revisada e atualizada de trabalho apresentado no XXIV CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 7 a 10 de agosto de 2011, Maceió, Alagoas. As autoras agradecem a colaboração das bolsistas Raquel Carvalho de Faria e Paola Cristine da Silva Evangelista, responsáveis pela coleta e análise dos dados da pesquisa.

2. Coordenadora do Projeto Boletim Bairro a Bairro de 2008 a setembro de 2010. Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

3. Coordenadora do Projeto Boletim Bairro a Bairro desde outubro de 2010. Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Membro do grupo NEMUSAD – Núcleo de Estudos das Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambientes Digitais.

4. O projeto “Boletim Bairro a Bairro” tem como produto uma publicação mensal homônima: o Boletim Bairro a Bairro.

“estar encarregado de”, que acrescido do prefixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a ideia de uma “atividade realizada conjuntamente”, completada pela terminação *tio*, que por sua vez reforça a ideia de atividade. (MARTINO, 2001, p.11)

Entretanto, para que a comunicação aconteça de fato é necessária a relação entre o produtor da mensagem ou informação e o receptor. Na produção da informação, Moura (2007) destaca a importância de levar em conta o “contexto social do sujeito, sua experiência em relação ao processo sócio em curso e a natureza dos processos de significação envolvidos”. Assim a produção de um boletim informativo precisa levar em conta esses elementos.

De acordo com Araújo e Oliveira (2005), a biblioteca (e naturalmente a biblioteca itinerante como o Carro-Biblioteca) desempenha as seguintes funções:

- gerencial – visando à administração geral;
- organizadora – que lida com os processos de seleção, aquisição, catalogação, classificação e indexação dos acervos;
- divulgação – oferecendo os serviços de referência, empréstimo, orientação aos usuários, reprografia, disseminação e extensão.

Os boletins informativos inserem-se na função de divulgação, fazendo parte dos serviços de disseminação da informação, mais precisamente na antecipação da demanda, como é o caso do Boletim Bairro a Bairro.

Boletim Bairro a Bairro

O Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura foi implantado pelo Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG em 1973. Desde então, leva o acesso ao livro e à informação a comunidades carentes da Grande Região Metropolitana de Belo Horizonte. Isso é feito através de um ônibus modificado para abrigar

uma biblioteca itinerante e um telecentro móvel. O ônibus visita, a cada dia da semana, um bairro, e atende a usuários da região promovendo a consulta e o empréstimo do acervo, oficinas de inclusão digital, atividades variadas como contação de histórias, palestras sobre a preservação do livro entre outras tantas.

Para atingir seus objetivos, o Programa compõe-se de vários projetos, entre os quais o projeto “Boletim Bairro a Bairro”, que se caracteriza como um instrumento de comunicação e interação entre as comunidades que integram o Programa. Foi implementado em 1997, por iniciativa da aluna Valéria Rita Moreira, do Curso de Graduação em Biblioteconomia, através da disciplina Estágio Supervisionado B. Sendo moradora de um dos bairros então atendidos pelo Carro-Biblioteca, decidiu desenvolver um projeto que contemplasse uma publicação de caráter comunitário. Em sua concepção original, o projeto caracterizou-se pela publicação de informações utilitárias e de fácil leitura, visando à comunicação de assuntos do cotidiano das comunidades. O primeiro número saiu em dez/96 e o nome do Boletim foi criado pela leitora Sandra Regina Rocha, do bairro Lindéia, e escolhido por meio de um concurso.

O projeto “Boletim Bairro a Bairro” também viu nele refletidas as mudanças caracterizadas pela Sociedade da Informação e pelo uso das tecnologias de comunicação e informação (TICs). Em 2007, com o início da circulação do novo veículo do Carro-Biblioteca e início das atividades de inclusão digital, o Boletim foi reestruturado de tal forma a refletir uma identidade própria, e é produzido mensalmente, com tiragem de 300 exemplares. Sua concepção – redação das matérias, editoração e revisão – é toda realizada por bolsistas, professores e funcionários do Centro de Extensão da ECI, e com a contribuição de usuários das comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca. O Boletim é distribuído na primeira semana do mês entre os usuários das comunidades atendidas pelo Carro e, na semana subsequente, para o corpo docente dos cursos de graduação e pós-graduação da ECI/UFMG de modo a divulgar as atividades promovidas pelo programa de extensão entre os professores

desta Escola. Além disso, cabe aos alunos bolsistas do projeto “Boletim Bairro a Bairro” a manutenção de comunidades virtuais sobre o Carro-Biblioteca em redes sociais.

Estrutura do Boletim a partir de 2007

Em seu formato atual, o Boletim é estruturado em oito páginas, contendo um total de seis seções - as duas primeiras páginas são reservadas à capa e ao editorial e as páginas seguintes, às seções: (1) matéria principal, que tem como tema algum fato importante para a população; (2) receita culinária; (3) indicação de leitura (preferencialmente, sugeridas por usuários do Carro-Biblioteca); (4) matéria sobre saúde, comportamento ou meio ambiente; (5) divulgação de serviços oferecidos pela UFMG abertos ao público externo e, finalmente, (6) matéria sobre cada comunidade visitada, que funciona em sistema de rodízio, de modo que em cada número haja uma matéria sobre uma ou duas das cinco comunidades.

Como metodologia de trabalho, os bolsistas seguem um cronograma mensal em que há reuniões para avaliação do impacto do número recém-distribuído nas comunidades bem como organização e divisão de tarefas para o número seguinte. Após essas reuniões, ao longo de duas semanas, os bolsistas atuam nas comunidades envolvendo seus membros na produção das matérias. Findo esse processo, o Boletim é editado e, na sequência, revisado por toda a equipe, tendo uma revisão final realizada pela coordenação do projeto. Em seguida providencia-se a reprodução dos exemplares para distribuição. A metodologia que permite a consecução dessa rotina é promovida pelo contato direto dos editores do Boletim com a comunidade, incentivando sua participação na produção das matérias, garantindo a circulação mensal do Boletim, a integração da equipe com a comunidade e a integração entre os diferentes projetos do Programa Carro-Biblioteca.

A estrutura atual do Boletim é resultado do levantamento feito sobre os interesses dos leitores junto às comunidades e de inúmeras

reuniões entre os alunos bolsistas dos diversos projetos que atuam nas comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca e seus orientadores. Utilizou-se como técnica a realização de entrevistas não estruturadas com os usuários do Carro-Biblioteca.

Figura 1 - Capa e Editorial do Boletim Bairro a Bairro n. 3, maio 2009



A partir das reuniões de equipe, em que os dados coletados nas comunidades foram complementados com a percepção dos bolsistas que nelas atuavam, constatou-se, por exemplo, que os usuários de uma comunidade pouco sabiam sobre as demais comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca. Percebeu-se ainda que os usuários das comunidades tinham pouco conhecimento da estrutura da UFMG e da existência de outros programas de extensão promovidos pela Universidade. Os usuários também não percebiam com clareza que o Programa Carro-Biblioteca compõe-se de inúmeros projetos diferentes e quais são as ações desses projetos. E, finalmente, foi possível observar que os usuários sentiam-se emocionalmente conectados ao Boletim Bairro

a Bairro sempre que viam refletidas notícias de sua comunidade no boletim, principalmente se elas incluíam fotos suas ou de sua vizinhança.

Cada seção projetada para o Boletim visa, portanto, a atender a um desses pontos observados:

1. A capa sempre mostra uma foto do Carro em uma das comunidades ou a foto de um grupo de usuários. Inclui, ainda, o calendário de visitação mensal do Carro-Biblioteca e a informa o da documenta o necessária para fazer sua carteira de usuário e poder se beneficiar dos empréstimos semanais.
2. No editorial busca-se conversar com o leitor, convidando-o para a leitura daquele número e apresentando os assuntos tratados.
3. A receita culinária foi mantida, atendendo às solicita es, e incorporou-se   se o o uso de imagens: sempre que possível, uma foto do usuário que sugeriu a receita, caso contrário, uma foto do prato pronto, além de imagens dos ingredientes.
4. A se o “Você já leu?” promove a intera o com o projeto “Encontros de Leitura”, outro projeto de extensão que compõe o Programa. Nela, um usuário do Carro comenta sobre um livro que leu e de que gostou e recomenda sua leitura aos demais usuários. Essa se o aparece em diferentes formatos:  s vezes o próprio usuário redige o texto, outras vezes ele   entrevistado pelo bolsista, que realiza a reda o final. A imagem da capa do livro sempre   incluída e, quando possível, a foto do usuário também.
5. A se o “Comunidades” mostra o que tem ocorrido em cada comunidade – eventos, problemas enfrentados, comemora es etc.
6. A se o “Acontece na UFMG” divulga outras a es extensionistas promovidas pela Universidade e das quais as comunidades possam vir a usufruir, além de trazer informa es

de eventos universitários importantes como a inscrição para o vestibular, a Mostra de Profissões, entre outros.

7. A seção “Saúde, Comportamento e Ambiente” busca trazer alguma situação do cotidiano das comunidades que se encaixe em um desses temas. Alguns exemplos são a ação de uma comunidade criando hortas comunitárias em lotes vagos para diminuir a incidência da dengue na região; a ação do projeto de “Preservação do Acervo” (outro projeto que compõe o Programa de extensão Carro-Biblioteca) em uma comunidade ensinando aos alunos de uma escola municipal a cuidar do livro e a fazer pequenos reparos; a apresentação das atividades promovidas pelo projeto “A Cidadania da Criança” (outro componente do Programa) através da discussão dos direitos da criança e do Estatuto da Criança e do Adolescente. Essa seção promove, portanto, tanto o intercâmbio entre as comunidades quanto a apresentação de outros projetos desenvolvidos pelo Programa Carro-Biblioteca.
8. Finalmente, a matéria principal apresenta algum assunto importante que esteja em evidência na mídia no mês, discutido do ponto de vista dos usuários do Carro.

Desde a implantação do novo formato, a receptividade do Boletim Bairro a Bairro pelas comunidades vem sendo avaliada positivamente: os usuários, além de demandarem a entrega mensal do boletim, valorizarem a publicação e incentivarem sua permanência, participam inclusive de sua concepção, sugerindo matérias e assuntos a serem veiculados.

No entanto, tratava-se de uma avaliação informal. Percebeu-se que, findos três anos de publicação do Boletim no novo formato, tornara-se necessária a realização de uma pesquisa sistemática que corroborasse as impressões sobre os resultados obtidos pelo boletim e trouxesse informações adicionais. Optou-se pela aplicação, no segundo

semestre de 2010, de um questionário baseado na teoria dos estudos de usuários.

Considera-se que o Boletim Bairro a Bairro é um serviço de informação orientado ao usuário e, partindo-se desse pressuposto, observa-se, conforme afirmam Jardim e Fonseca (2004), que “um serviço de informação orientado ao usuário implica considerar o usuário e o impacto da informação sobre sua vida, inclusive fora dos espaços físicos dos serviços de informação”.

Estudos de usuários

Os primeiros estudos de usuários considerados científicos na área de biblioteconomia avaliavam os hábitos de leitura dos indivíduos e aconteceram nos anos de 1929 e 1931 (FIGUEIREDO, 1979, p. 49). No período de 1940 a 1970, inúmeros estudos avaliavam, além dos hábitos de leitura, as práticas de uso da biblioteca. “O interesse pelo usuário da informação no Brasil, tratado como leitor, tem suas origens nos Congressos de Biblioteconomia e Documentação, especialmente no 1º CBBB, realizado em Recife em 1954” (NASCIMENTO, 2011).

Os estudos de usuários definem-se como “uma investigação que objetiva identificar e caracterizar os interesses, as necessidades e os hábitos de uso de informação de usuários reais e/ou potenciais de um sistema de informação” (DIAS; PIRES, 2004, p. 11). Podem ainda ser entendidos como “investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários (...) estão sendo satisfeitas de maneira adequada” (FIGUEIREDO, 1994, p. 7).

Assim, tomou-se como objetivo compreender os hábitos de uso das informações promovidas pelo Boletim Bairro a Bairro, verificando: (1) o índice de leitura do Boletim; (2) o grau de satisfação dos usuários com cada uma das seções que compõem o Boletim; (3) o grau de participação dos usuários na elaboração do conteúdo do Boletim e (4)

as expectativas desses usuários em relação a assuntos que gostariam de ver discutidos no Boletim.

Como método de coleta de dados foi aplicado um questionário, composto de perguntas fechadas e algumas perguntas abertas de acompanhamento. O questionário foi aplicado pessoalmente por uma bolsista do projeto “Boletim Bairro a Bairro” nas cinco comunidades visitadas pelo Carro-Biblioteca no mês de junho de 2010, com a participação de 70 usuários. Aproveitando o momento de distribuição do Boletim, cada usuário que recebia seu exemplar era convidado a participar da pesquisa.

Resultados da Pesquisa

A primeira solicitação do questionário era de preenchimento opcional e perguntava o nome do respondente. O fato de todos os 70 participantes da pesquisa terem informado seus nomes, e apenas quatro terem indicado o nome com sobrenome (todos os demais informaram apenas seu primeiro nome) explicita o tipo de relacionamento mantido entre os usuários do Carro-Biblioteca e a equipe que nele atua: um relacionamento informal, baseado na confiança e em laços de amizade. Para estabelecimento do perfil dos usuários respondentes, questionou-se acerca de sua idade (um usuário não quis responder), e foram obtidos os dados apresentados no GRÁF. 1.

Gráfico 1 - Idade dos usuários participantes da pesquisa




Idade	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
10 – 14	31	45%
15 – 19	11	16%
20 – 29	10	14%
30 – 39	7	10%
40 – 49	5	7%
50 – 59	3	4%
60 ou mais	2	3%
Total	69	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, junho/2010

O elevado índice de jovens (61% dos respondentes têm idade inferior a 20 anos) justifica-se pelo próprio perfil dos frequentadores do Carro-Biblioteca. Como o Carro permanece nas comunidades em horário comercial, seus frequentadores são, em sua maioria, estudantes que não estão em horário escolar.

Ao serem questionados sobre a frequência com que recebem o Boletim Bairro a Bairro, 29 respondentes, correspondendo a 41% da amostra, informaram recebê-lo todos os meses (GRÁF. 2); mas houve um elevado número de respondentes que disseram recebê-lo somente em alguns meses. Não se investigou qual a regularidade com que esses respondentes visitam o Carro-Biblioteca, a fim de estabelecer se tais usuários não recebem todos os números (a circulação do Boletim é mensal) por deficiência na distribuição ou por frequência irregular no Carro-Biblioteca.

Gráfico 2 - Frequência com que os usuários recebem o Boletim Bairro a Bairro

Recebe o Boletim		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Todos os meses		29	41%
Alguns meses		37	53%
Quase nunca		4	6%
Total		70	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, junho/2010

Para investigar quais as seções mais lidas e qual o nível de interesse do usuário no Boletim, foram feitas três perguntas: a primeira investigava se o usuário lê todas, algumas ou nenhuma seção do Boletim; a segunda indagava sobre quais são as seções que ele sempre lê (o respondente podia marcar quantas seções quisesse); a terceira questionava qual das seções era a sua preferida (pedia-se a seleção de apenas uma). Os resultados encontram-se dispostos nos GRÁF. 3 a 5.

Gráfico 3 - Nível de leitura do Boletim pelos usuários

Você lê o Boletim		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Todo		32	46%
Apenas as seções que me interessam		31	44%
Apenas folheio		7	10%
Não leio		0	0%
Total		70	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, junho/2010

Observou-se que para 10% dos respondentes o Boletim não desperta muito interesse, já que eles afirmam apenas folheá-lo. No entanto, um número bastante significativo (46%) afirma ler o Boletim na íntegra.

Gráfico 4 - Seções do Boletim que o usuário lê com assiduidade

Seções que você sempre lê		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Você já leu		54	78%
Receita		50	72%
Comunidades		41	59%
Saúde, comportamento e ambiente		41	59%
Matéria do Mês		38	55%
Editorial		19	28%
Acontece na UFMG		12	17%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, junho/2010

Gráfico 5: Seção indicada pelo usuário como a que ele mais gosta

Seção preferida		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Receita		22	32%
Você já leu		13	19%
Saúde, comportamento e ambiente		11	16%
Matéria do Mês		10	14%
Comunidades		8	12%
Acontece na UFMG		4	6%
Editorial		1	1%
Total		69	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, junho/2010

Cabem ainda alguns aspectos importantes a serem ressaltados na análise desses resultados:

1. A seção mais citada como a preferida – Receita culinária – é a segunda mais indicada como lida sempre: 32% dos usuários indicam-na como a seção de que mais gostam no boletim e 72% dos leitores afirmam que sempre a leem. Isso confirma o que já tinha sido antes identificado a respeito da importância da seção para os usuários do Carro-Biblioteca. Havia no questionário uma questão aberta de acompanhamento que perguntava por que essa era a sua seção preferida. Entre os 22 usuários que indicaram a receita como preferida, 19 explicaram os motivos, e as respostas mais indicadas foram agrupadas nas seguintes categorias: para fazer ou pedir que alguém faça (13 respostas); porque gosto de cozinhar (2 respostas); porque as receitas são gostosas (2 respostas); porque gosto de ver ou de aprender as receitas (2 respostas). Portanto, confirma-se a suposição de que há uma parcela significativa dos leitores do Boletim que efetivamente faz as receitas publicadas.
2. A segunda seção na preferência dos leitores – Você já leu? – é também a mais lida por todos. Doze dos treze respondentes que assinalaram esta como sua seção preferida indicaram o motivo de terem-na escolhido e as justificativas foram: “posso pensar em qual livro ler”; “gosto das dicas de leitura”; “para ver a dica de leitura”; “para ver livros bons”; “para ver o que as pessoas gostam”; “PQ: já posso saber a preferência di todos” (*sic*); “para ter ideia de qual livro ler”; “adoro leitura e gosto de indicações”; “para pegar livros”; “para ver o que as pessoas leem”; “para ver quem indicou livro”, “para receber dicas de leitura”. O fato de esta ser a seção mais citada como sempre lida é de suma importância para a equipe do projeto “Boletim Bairro a Bairro”, pois demonstra que o Boletim contribui para o principal objetivo do Programa de Extensão que o abriga, o Programa Carro-Biblioteca, que é o de promoção da leitura.

3. Por outro lado, o fato de a seção Acontece na UFMG ter sido pouco indicada conduz à reflexão do motivo do baixo interesse do leitor. A principal inferência que se faz é a de que a realidade do usuário do Carro-Biblioteca é muito distante daquela da vida universitária, de modo que os demais programas e projetos de extensão divulgados no Boletim não atraem esses indivíduos. Todos os quatro respondentes que disseram ser essa sua seção preferida informaram que a escolha deve-se à busca por informações sobre o vestibular.

Finalmente, sobre a participação do usuário na elaboração do Boletim, foram obtidos os resultados apresentados no GRÁF. 6 (dois usuários não responderam a essa questão):

GRÁFICO 6 - Participação do usuário na elaboração do Boletim

Já participou do Boletim Bairro a Bairro?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Não	60	88%
Sim, já saiu foto minha no Boletim	2	3%
Sim, já enviei receita que foi publicada	0	0%
Sim, já dei dica de leitura na seção Você já leu	2	3%
Sim, de outra maneira. Conte-nos qual:	4	6%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, junho/2010

Observa-se que, apesar do sucesso de leitura da seção Receita, nenhum dos entrevistados contribuiu com a redação dessa seção, o que acreditávamos ser uma prática mais frequente. Entre os usuários que assinalaram a opção outros, três indicaram sua participação e um, a participação de sua filha no concurso de redações que gerou um número especial do Boletim Bairro a Bairro no ano de 2009.

Na realização dessa pesquisa, solicitou-se que o usuário informasse a que comunidade pertencia e foram feitos cruzamentos de

dados para verificar se havia alguma variação nas respostas de acordo com a comunidade do usuário. Nenhuma constatação representativa, que indicasse algum comportamento informacional específico de alguma das comunidades, foi encontrada.

Considerações finais

O estudo de usuários aplicado contribuiu para reforçar várias impressões que se tinha a respeito do leitor do Boletim Bairro a Bairro, mas trouxe algumas informações adicionais de suma importância. O nível de participação dos integrantes das comunidades visitadas pelo Carro na concepção do Boletim ficou aquém do esperado, demonstrando que o projeto ainda não conseguiu atingir um de seus objetivos, que é o de dar voz ao leitor. O desejo de fazer conhecidas as demais comunidades visitadas pelo Carro-Biblioteca para os leitores de uma das comunidades também parece não estar sendo satisfeito: apenas um dos respondentes, ao informar ser a seção Comunidades a sua preferida, indicou como motivo o fato de que “gosto de ver os outros bairros que o carro vai” (*sic*).

Como ponto positivo, acredita-se que a estrutura do Boletim vem sendo bem aceita, já que suas seções são lidas e apreciadas. Quando se perguntou aos usuários se gostariam de ver outro assunto ou seção publicada no Boletim, 97% deles responderam que não, e só 3% (dois usuários) sugeriram a inserção de uma seção que tratasse do tema “relacionamentos”.

Finalizando, registra-se o fato de que em 2010 o projeto “Boletim Bairro a Bairro” ganhou duas premiações no XIII Encontro da Extensão, como relevância acadêmica e menção honrosa, com o oferecimento de uma bolsa extra para mais um aluno atuar no projeto⁵.

5. Na ocasião da premiação, Paola Cristine da Silva Evangelista era a bolsista do Projeto. Já em 2011 o Projeto Boletim Bairro a Bairro contava com as bolsistas Gilma Pereira de Oliveira e Sabriny Suelen dos Santos.

Referências

ARAÚJO, E. A.; OLIVEIRA, M. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, M. (Coord.) *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. *Usos e usuários da informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2004. 48p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Estudos de uso e usuários da informação*. Brasília: IBICT, 1994. 154p.

FIGUEIREDO, Nice M. de. *Avaliação de coleções e estudo de usuários*. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1979.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte. *Datagramazero*, v. 5, n. 5, artigo 4, out. 2004. Disponível em: http://dgz.org.br/out04/Art_04.htm.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFEDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Maria Aparecida. Signi-fica ou signi-vai? As teorias da significação no campo da ciência da informação. In: REIS, A. S. dos; CABRAL, A. M. *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Usuário da informação como produção científica e disciplina curricular: origem dos estudos e o ensino no Brasil. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.8, n. 2, p. 41-71, jan./jun. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=295&layout=abstract>.

CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS: a contação de histórias como instrumento de ação cultural¹

Pâmela Bastos Machado²

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte³

Introdução

A contação de histórias é apresentada neste trabalho no contexto da ação cultural, de modo a enfatizar seu papel como meio de incentivo à leitura e instrumento motivador à produção intelectual dos próprios leitores do Carro-Biblioteca. Para Milanesi (1997), a ação cultural caracteriza-se pela presença das atividades representadas por três verbos: informar, refletir, criar. Coelho Neto (1989) diferencia ação cultural de animação cultural, demonstrando que a riqueza da ação cultural está no fato de não propor um projeto pronto, estruturado, com princípio, meio e fim previstos, mas permitir que os atores, sujeitos da ação cultural, construam esse projeto à medida que ele vai acontecendo.

Com base na reflexão apresentada, é importante ressaltar que este trabalho não é definido como um projeto de animação cultural, mas sim de ações de formação intelectual e cultural nas quais há interação e produção daqueles que ouvem as histórias, sendo eles o foco e os “atores principais”. Parte-se do pressuposto de que “a história contada através da oralidade permite a interação entre contador e ouvintes, já que o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias, perdidas na aceleração da vida moderna” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 1).

1. Versão revisada e atualizada de trabalho apresentado no XXIV CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 7 a 10 de agosto de 2011, Maceió, Alagoas.

2. Mestranda em Ciência da Informação pela UFMG. Bacharel em Biblioteconomia pela UFMG.

3. Doutora em Ciência da Informação pela UFMG. Professora adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Histórico

O Carro-Biblioteca é o segundo mais antigo programa de extensão da UFMG, desenvolvido pelo Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação (CENEX/ECI) desde 1973. Atendendo a cinco comunidades semanalmente, o Programa Carro-Biblioteca visa a democratizar a informação e leitura em comunidades socialmente vulneráveis de Belo Horizonte e região metropolitana, bem como promover ações culturais e educativas.

O presente trabalho teve como público-alvo os leitores de duas das comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca, mais especificamente o público infantil e juvenil dos bairros Frimisa e São Benedito, na cidade de Santa Luzia. O desejo pela formalização deste trabalho nasceu em março de 2009, a partir da retomada de uma parceria entre o projeto de extensão Carro-Biblioteca: Frente de Leitura, da Escola de Ciência da Informação, e o projeto de extensão “Mala de Leitura”, da Faculdade de Educação da UFMG.

As coordenadoras dos projetos, Profa. Adriana Bogliolo (ECI/UFMG) e Profa. Mônica Dayrell (FAE-UFMG), firmaram a parceria por meio de encontros semanais entre os bolsistas de seus projetos a fim de contarem histórias, trocaram experiências e discutiram sobre os assuntos relevantes na formação dos “pequenos leitores”. Os encontros passaram a acontecer no Centro Pedagógico da UFMG uma vez por semana, onde eram realizadas contações de histórias pela bolsista do projeto “Mala de Leitura” para os alunos na faixa de 6-7 anos.

Baseando-se nesses encontros, foi discutida a possibilidade de realizar contações de histórias nas próprias comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca, não apenas como forma de recreação, mas principalmente para incentivar a leitura e divulgar o acervo do Carro-Biblioteca para o público infantil e juvenil, visto que essa prática surtia efeito significativo nas crianças que ouviam as histórias no Centro Pedagógico. Para isso deveriam ser adotadas práticas específicas para

o público atendido pelo Carro-Biblioteca, considerando as diferentes realidades e contextos deste.

Meireles (1979) afirma que “o gosto de ouvir é como o gosto de ler”. Com base nessa ideia, esperava-se que os leitores, sejam eles crianças ou adolescentes, desfrutassem da contação de histórias não apenas como um mero momento de lazer, mas como um ponto de partida para despertar neles o anseio pela leitura e escrita, de modo que produzam e reproduzam suas próprias histórias. Dessa forma, esperava-se que ao ouvirem histórias os leitores buscassem outras histórias nos livros e despertassem para a escrita e contação de suas próprias histórias, já que “o gosto de contar é idêntico ao de escrever (...)” (MEIRELES, 1979, p. 42).

Para Neder *et al.* (2007, p. 1.), as narrativas estimulam a criatividade, a oralidade, além de facilitar o aprendizado e colaborar na formação da personalidade das crianças. Considerando essa reflexão, este projeto teve como motivação a oportunidade de desenvolver nas crianças e adolescentes dessas comunidades carentes de Santa Luzia o prazer pela leitura e por tudo que se relacione a ela. Acredita-se que as contações de histórias em muito colaboram para o desenvolvimento intelectual, social e pessoal de cada um dos ouvintes, uma vez que lhes propicia a oportunidade de realizar suas próprias leituras de mundo e associá-las criticamente com o que escutam, leem e absorvem.

Portanto, o objetivo central que levou ao desenvolvimento do projeto aqui descrito, implementado ao longo de um semestre, foi o de despertar nas crianças e adolescentes, por meio da contação de histórias, um anseio mais profundo pela leitura e uma interação com ela, persuadindo-os a buscar suas próprias leituras e a criar suas histórias. Esses objetivos desmembraram-se nos seguintes objetivos específicos:

- a. estudar a realidade das crianças e adolescentes das comunidades, a fim de assimilar o contexto destes e as melhores formas de atuação na prática da contação de histórias;

- b. desenvolver a contação de histórias em roda, em espaço aberto, nas próprias comunidades;
- c. apresentar os livros cujas histórias são lidas, a fim de que os ouvintes conheçam sua estrutura, autores e se interessem em lê-los futuramente;
- d. permitir que as crianças e adolescentes, ao se identificarem com as histórias de alguns livros, preparem e contem suas próprias histórias;
- e. criar um ambiente de interação coletiva que permita a expressão individual de cada ouvinte com base nas histórias contadas.

A arte de contar histórias

A oralidade pode ser vista no contexto social desde os tempos mais antigos, quando o homem descobriu que as histórias contadas geravam inquietações positivas nas pessoas como admiração, espanto, aprovação.

Na transição do estado bárbaro para a vida organizada, o contador de histórias representado pelo pajé, segundo Tahan (1966, p. 17), deixou de ser um mero instrumento de diversão e tornou-se um depositário das tradições da tribo, devendo estas ser transmitidas às novas gerações para fins de conservação. Na Antiguidade, a contação de histórias era um meio de divulgação das doutrinas religiosas budistas. Na Idade Média, os contadores de histórias eram muito respeitados. Para cada época, as histórias e seus contadores tiveram o seu valor peculiar, sendo repassados de geração a geração os feitos, decepções, amores, sonhos, temores e esperanças da humanidade.

Abramovich (2003, p.17) afirma que ler histórias é suscitar o imaginário. É o momento em que o mundo é descoberto com seus inúmeros conflitos e impasses, bem como suas soluções. Ao se tratar do público infanto-juvenil, é através das histórias que há uma identificação com os personagens – cada qual correspondendo ao momento que está

sendo vivido pela criança ou adolescente – de modo a lidar melhor com suas próprias dificuldades e buscar soluções para cada uma delas.

Segundo Freire (1982), é a partir da leitura de mundo que o ser humano aprende a ler os demais textos. A literatura oral, além de expandir a leitura do mundo, torna-se uma ferramenta eficaz para despertar a curiosidade por outras artes e exercitar a imaginação dos ouvintes. Nesse contexto, Vieira (2003, p.8) ressalta que:

Desde os primórdios da humanidade, contar histórias é uma atividade privilegiada na transmissão de conhecimentos e valores humanos. Essa atividade tão simples, mas tão fundamental, pode se tornar uma rotina banal ou representar um momento de excepcional importância na educação das crianças.

Além disso, as metáforas, também muito presentes nas histórias, permitem uma possibilidade de identificação das crianças e adolescentes com os personagens, promovendo uma interação entre contador e ouvinte, como afirma Gutfreind, *apud* Belardinelli (2007, p.18):

(...) A metáfora guarda essa dupla capacidade: por um lado, é capaz de apresentar nossos dramas e conflitos principais. O símbolo é duríssimo e dá vida para nosso material mais arcaico ou sem nome, ou ainda para nossos medos primordiais. Por outro lado, a metáfora é feita do simbólico e estético, portanto, indireto. E protege a criança em sua viagem de projeção na intriga e nas personagens, garantindo certa tranquilidade nos processos de identificação. Ela diz tudo sem nada ameaçar.

O ato de contar histórias traz em si uma série de fatores que ultrapassam o domínio das técnicas, envolve muito mais o entendimento por parte do contador/leitor das questões psicológicas e terapêuticas presentes no universo dos ouvintes e as influências que as histórias exercem na vida deles. Não bastam apenas as práticas educacionais e técnicas artísticas, mas principalmente a cumplicidade no olhar, empatia e sensibilidade para entender quando os ouvintes expressarem

seus anseios, medos, esperanças e desejos com um simples gesto ou jeito de olhar ao ouvirem a história.

Planejamento

Inicialmente, para o desenvolvimento deste projeto, estudou-se cada comunidade onde o projeto foi implantado. No primeiro momento, realizaram-se algumas visitas juntamente com a equipe do Carro-Biblioteca, através das quais se conheceu as pessoas da comunidade e o público a quem o projeto se destinaria. Foram registradas, em um diário pessoal, todas as impressões e inquietações referentes à comunidade, tratando-se até então de aspectos subjetivos como reações dos leitores que frequentavam o Carro-Biblioteca, suas preferências de leituras, motivações e contextos onde estão inseridos. Trechos do diário serão citados no decorrer do trabalho, a fim de ilustrar e permitir uma melhor interpretação das realidades encontradas em cada comunidade.

Em seguida, pôde-se avaliar o espaço, estrutura local, existência de instituições públicas na comunidade a fim de estabelecer o melhor local para que as contações fossem realizadas, considerando que este precisava ser próximo ao local onde o Carro-Biblioteca estacionava.

Na segunda fase deste trabalho, uma vez determinado o perfil dos ouvintes em potencial e o local para a realização das contações, passou-se a selecionar e preparar histórias de acordo com três critérios: a faixa etária e interesses dos ouvintes; o fato de serem histórias que sensibilizavam a própria contadora enquanto as lia, pois a identificação com a história faz da contação um momento mais espontâneo e lúdico; e finalmente que fossem histórias que se adequassem à realidade em que vivem as crianças e adolescentes ali presentes.

No projeto inicial, foram planejadas as contações em dois momentos distintos num mesmo dia: o primeiro orientado para crianças na faixa etária de 5-9 anos e o segundo para adolescentes de 10-14 anos. A delimitação inferior e superior dessas faixas etárias levou em consideração o fato de que a partir dos cinco anos as crianças, mesmo

que ainda não alfabetizadas, já têm maturidade e interesse na contação de histórias. Por outro lado, os adolescentes, a partir dos catorze anos, iniciam um novo processo na vida escolar, o que requer uma adequação dos autores e enredos de seu interesse às novas vivências e experiências; passam a ser necessárias, a partir de então, mudanças tanto físicas quanto intelectuais. Vale enfatizar que em momento algum essas determinações em relação às faixas etárias valeram como regra geral ou instrumentos de limitação de participação nas rodas de contação de histórias, tendo sido realizadas todas as vezes em áreas abertas e públicas. Apenas tinha-se como foco esse público predeterminado. Entretanto, o planejado não se efetivou, e o planejamento se refez no dia a dia junto ao público, como esperado na ação cultural. Ao iniciar as contações, constatou-se que nem sempre aqueles que ouviram histórias na semana anterior tinham interesse em ouvir novas histórias na semana seguinte, e muitos que pareciam não se interessar acompanharam as rodas de contação todas as semanas. Além disso, não foi possível separar os ouvintes por faixas etárias, já que eles permaneciam na roda do início ao fim independentemente da adequação da história às suas idades ou do estilo da história.

No pré-projeto, para cada grupo deveriam ser destinados 50 minutos, tempo em que seria realizada a contação de histórias (aproximadamente 20 minutos), o “bate-papo” (15 minutos) e a contação realizada por eles mesmos (15 minutos). Essa limitação do tempo se devia ao período de duas horas em que o Carro-Biblioteca permanece na comunidade. As contações de histórias e suas atividades deveriam acontecer semanalmente nas comunidades e os grupos por faixa etária seriam intercalados. Enquanto um grupo participaria da roda de contação, o outro teria tempo para se dedicar às leituras que desejasse fazer no Carro-Biblioteca, caso contrário, todo o tempo que os usuários possuem para desfrutar dos serviços oferecidos pelo Carro seria concentrado na contação, não sendo esse o objetivo do projeto. Considerando que não foram feitas as separações previstas por faixa

etária, algumas alterações foram realizadas neste planejamento à medida que o projeto foi sendo realizado.

Operacionalização

Devido às peculiaridades de cada comunidade, os processos e estratégias para atrair a atenção do público tiveram de ser diferentes.

No caso do bairro São Benedito, durante toda a permanência do Carro-Biblioteca na comunidade, a contadora permanecia ao lado de fora pronta para contar histórias, a fim de gerar curiosidade e interesse no público que o frequentava. As crianças e adolescentes na comunidade não demonstravam tanto interesse nas contações, de modo que o público era escasso e inconstante, majoritariamente formado por crianças de zero a sete anos, e as contações eram realizadas sem horário pré-estabelecido, de acordo com o momento em que os ouvintes chegavam. O trecho a seguir foi retirado do diário escrito durante o desenvolvimento do projeto na comunidade e aborda a recepção dos leitores ao Carro-Biblioteca no início.

São Benedito, 7 de abril de 2010

Alguns pareciam intrigados, outros, desconfiados, outros ainda davam uma olhadinha, mas não ficavam por muito tempo. Mas um deles, usuário assíduo do Carro-Biblioteca, sentou-se para ler e demonstrou bastante interesse. Seu nome é João e o mais curioso é que ele não se enquadra na faixa etária proposta inicialmente para este projeto, mas demonstra interesse para estar no espaço como nenhum outro na comunidade tem demonstrado até então.

Foram muitos os dias em que não foram realizadas contações por que não havia quem as ouvisse. Inicialmente a contadora permanecia dentro do Carro-Biblioteca, conversava com os leitores, indicava leituras, para enfim convidá-los para ouvirem histórias. Notou-se nas primeiras semanas que o convite não os atraía. Dessa forma, nas semanas seguintes, mudou-se de estratégia: a contadora passou a se sentar ao lado de fora do Carro-Biblioteca colocando livros previamente

selecionados ao seu redor, buscando despertar a atenção das crianças e adolescentes. O objetivo era que todos que chegassem ao Carro a vissem e, se interessados ou apenas curiosos, sentassem com ela para ler, ouvir e contar histórias. O número de interessados não aumentou, muitos ainda dependiam de um convite e envolvimento até adquirirem interesse e confiança.

Os bebês e crianças até os quatro anos demonstravam sempre muito interesse e gostavam de realizar suas “leituras” e ouvir histórias, mas nem sempre os pais estavam dispostos a permanecer com eles. Por isso, por diversas vezes, buscou-se contato com os pais, para esclarecer sobre a importância de suas crianças levarem livros, mesmo que ainda não fossem alfabetizadas, pois liam imagens e criavam histórias, processos fundamentais para sua formação como leitoras.

São Benedito, 5 de maio de 2010

[...] conheci uma mãe e sua filhinha de apenas dois anos e perguntei se ela poderia ficar ali um pouquinho para ver os livros. [...] A maneira como aquela pequeninha mexia nos livros, abria, mostrava as gravuras, dizia o que via em cada imagem, me deixou completamente “encantada”. Ela me mostrava o que via, e ao terminar de ver um livro, pedia o outro. Pude entender ela balbuciando que levaria o livro para casa e, claro, isso despertou uma satisfação imensa em mim.

Quanto aos adolescentes, eram poucos que participavam da roda de contação de histórias e ainda assim o público foi inconstante na comunidade durante todo o período de realização do projeto. Um adolescente, já citado anteriormente, esteve presente em quase todas as semanas, e foi uma das motivações para a continuidade desse projeto na comunidade. Com ele, histórias e leituras eram compartilhadas, opiniões eram trocadas, dicas de leituras e aprendizagem mútua foram experimentadas.

No bairro Frimisa, a primeira hora do Carro-Biblioteca na comunidade era para que os leitores devolvessem seus livros,

escolhessem novos livros e realizassem leituras, tempo para que ficassem à vontade para usufruir dos serviços do Carro-Biblioteca. Num segundo momento, eram destinados cinquenta minutos para a roda de contação de histórias. Nessa comunidade, houve um maior número de ouvintes e interação destes com as contações. Em geral, o público foi bem variado, de 0-14 anos, e todos ouviam histórias juntos. Mais uma vez constatou-se a impossibilidade de separar os ouvintes por faixa etária.

O espaço escolhido para as rodas de contações foi a praça da comunidade, muito arejada e espaçosa. Todos se sentiam bem e sentavam sobre a toalha na grama na sexta-feira pela manhã, a fim de contarem histórias uns para os outros. Quando o Carro-Biblioteca chegava à comunidade, eles já estavam aguardando. Entravam, escolhiam os livros da semana, e aguardávamos a chegada de mais alguns. Os ouvintes eram mais interessados, gostavam muito de ler e sempre tinham algo novo para compartilhar. A cada semana, era contada uma nova história e eles também contavam as suas com base em suas leituras e experiências. Todos participavam, até aqueles que não sabiam ler.

Conforme planejado, após as contações de histórias, eram realizados os momentos de participação e interação entre a contadora e os ouvintes. Os livros das histórias eram apresentados, bem como sua estrutura e seu autor, e eram dadas novas dicas de leituras. Todos os livros ficavam disponíveis para empréstimo no Carro-Biblioteca. A interação entre todos acontecia por meio de um “bate-papo” com os ouvintes, a fim de que expusessem suas percepções, comparações da vida real com a história, opiniões, discordâncias e estranhamentos. Isso pode ser exemplificado a partir do relato de quando foi apresentado o texto “O Fraseador”, de Manoel de Barros, no bairro Frimisa. Com base nele discutiu-se sobre o que é ser um escritor. Todos compartilharam a importância dos escritores e sua formação como leitores. Aproveitou-se o momento para incentivá-los a escrever também.

Frimisa, 21 de maio de 2010

Eduardo falou de seu interesse por livros sobre história e da dificuldade que tem de ler livros como romances e contos. Disseram que detestam ler por obrigação, como fizeram por muito tempo na escola. Léo contou sobre sua experiência com a leitura, que antes não gostava de ler. Seu primeiro livro foi *Cachorrinho Samba na Floresta*, pegou no Carro-Biblioteca e leu porque seu pai mandou, mas não gostava. A partir dessa leitura, começou a sentir interesse por novas leituras e precisou reler o livro, visto que sua primeira leitura não tinha sido com vontade. Ao final, disseram que estavam terminando de escrever seus poemas para a próxima semana em que aconteceria o Dia da Poesia. Demonstraram-se muito animados!

O dia da poesia, atividade do Projeto “Encontros de Leitura”, também vinculado ao Programa Carro-Biblioteca, foi também muito marcante, com direito a música e recitações na praça, um ambiente e clima bem agradáveis. Os próprios ouvintes escreveram e recitaram poesias. No trecho a seguir, é descrito como o “Dia da Poesia” foi combinado:

Frimisa, 14 de maio de 2010

Eduardo contou sobre o que havia lido sobre a “Reforma Protestante”, livro que havia levado na semana anterior [...] Combinamos que dentro de duas semanas faríamos o “Dia da Poesia”. Eles ficaram superanimados e propuseram que escrevessem poemas sobre o Carro-Biblioteca para apresentarem. Achei maravilhoso o fato de a ideia ter partido deles e ver como se motivaram com isso.

E o resultado desse encontro não poderia ser melhor. A interação entre os participantes e a produção (anexo) de cada um foi surpreendente. Revelou o quanto valeu a pena cada dia compartilhado nas rodas de contação de histórias, como pode ser visto no trecho a seguir:

Frimisa, 28 de maio de 2010

Posso dizer que hoje foi um dos melhores dias desde que iniciei o projeto de Contação de Histórias. É claro que

cada dia tem o seu encanto, por tratarmos de literatura com crianças e adolescentes, mas como alguém que sente a necessidade de sempre aprender, sinto que hoje fui ensinada por cada um dos leitores que participaram do “Dia da Poesia”. [...] A Patrícia levou seu violão hoje e até cantamos poesias. Recordamos poesias da infância, lemos Cecília Meirelles e versos de amor de Drummond. Discutimos sobre os temas abordados pelas poesias e a forma como cada um se sente ao ler poesias. [...] Eu não queria mais ir embora, passaria o restante do meu dia descobrindo juntamente com eles os efeitos das poesias em nossas vidas.

Como proposto no projeto, a cada semana um ouvinte se tornaria contador ou leitor da história com que mais se identificou a partir das leituras realizadas durante a semana ou de histórias que já conheciam. Contudo, o projeto alcançou resultados além dos esperados. Nas rodas de contação, não apenas um contava e lia histórias, mas todos queriam participar. Dessa forma, toda semana os ouvintes preparavam histórias ou escolhiam livros para ler. Aqueles que não sabiam ler criavam histórias com base nas imagens que viam nos livros.

Entre as literaturas selecionadas para as rodas de contação estão histórias de Monteiro Lobato, Sérgio Palmiro Serrano, Ana Maria Machado e João de Barro; contos de fadas e contos populares; textos de Manoel de Barros; fábulas de Esopo e poesias de Henriqueta Lisboa, Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina.

Recursos utilizados e métodos de divulgação

Os recursos utilizados para a contação foram poucos e de acordo com as necessidades propostas pela história do dia. Foram basicamente o próprio livro com suas gravuras, desenhos e toalha para forrar o espaço no chão. Todo o material era disponibilizado pelo Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, ao qual o projeto Carro-Biblioteca se integra.

Além dos recursos materiais acima citados, foram de extrema importância os recursos inerentes do próprio contador, entre eles os

gestos, as vozes e expressões que cativam e atraem a atenção de seus ouvintes.

A divulgação do projeto foi simples, visto que foi direcionada para um público já bem delimitado. Os horários e datas em que aconteceriam as contações, bem como as histórias a serem contadas, foram publicados no “Boletim Bairro a Bairro”, sendo este o boletim informativo de comunicação direta e interação entre os projetos do Carro-Biblioteca e seus leitores.

Considerações

As histórias contadas apresentam enredos que pouco se distanciam daqueles que as escutam, sejam crianças, adolescentes e até adultos. Realidades duras que já são enfrentadas ou ainda serão, por fazerem parte do cotidiano, podem ser vistas em temas como abandono, medo, rivalidade fraterna, morte, engano e amor.

A aplicação do projeto em comunidades distintas foi de fundamental importância para entender os processos de formação de leitores nos diferentes contextos, as influências da leitura sobre os leitores conforme seus espaços de convivência. Os membros de cada comunidade são passíveis de mudanças e podem ser incentivados a isso; entretanto, cada grupo apresenta seus níveis de motivação diferentes e as estratégias para atraí-los também precisam ser diferentes.

Considera-se que o projeto alcançou o objetivo proposto e uma das experiências que comprova esse fato aconteceu no Bairro Frimisa, onde um dos ouvintes começou a escrever seu próprio livro. Segundo ele, era um livro de poesias e fábulas, que foram lidas para todos no último dia do projeto na comunidade.

Com base nas reflexões realizadas no decorrer deste projeto, observa-se que a importância da contação de histórias ultrapassa a diversão e o encantamento, trazendo consigo valores sociais e demais instrumentos de formação para a vida das pessoas em geral,

principalmente para as crianças, a quem carinhosamente chamamos de “pequenos leitores”. São elas que trazem vida às “histórias de mentirinha”, ao se identificarem com os personagens e situações. As histórias não as movem, mas são movidas por elas.

Apesar de as crianças e adolescentes terem sido o público-alvo deste trabalho, a contação de histórias não se restringe a eles, pois movimenta as diversas camadas sociais e grupos étnicos, independentemente de cor, raça, sexo ou idade.

Ouvir histórias, olhar figuras, imaginar sem restrições, sonhar e permitir que os sentimentos nasçam e gerem esperança... Coisas de crianças? Coisas de histórias? Não! São coisas da vida!

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995. 174p.

ALVES, Rubem; IANNI, André. *A operação de Lili*. São Paulo: Paulus, 1999. (Estórias para pequenos e grandes)

BELARDINELLI, Cláudia. *Educação Infantil e Contação de Histórias: memórias e práticas*. São Leopoldo, 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007. Orientação: Beatriz T. Daudt Fischer.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. 1. ed. Brasília: Bárbara Bela Editora Gráfica e Papelaria Ltda., 2006. v. 01. 180 p.

COELHO NETO, José Teixeira. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982. 96p. (Polêmicas do nosso tempo; 4).

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. São Paulo: Summus, 1979 *apud* TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan./jun. 2008.

MILANESI, Luis. *A casa da Invenção: biblioteca centro de cultura*. 3. ed. rev. ampl. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997. 271p.

NEDER, Divina Lúcia *et al.* Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. *Pedagogia em Ação*, v.1, n.1, p. 1-141, jan./jun. 2009. Semestral.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966. 222 p.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan./jun. 2008.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na formação do imaginário infantil. *Revista Criança*. São Paulo: Caleidoscópio, 2003. Disponível em: http://euniverso.com.br/Psyche/Psicologia/desenvolvimento/O_papel_dos_contos_de_fada.htm. Acesso em: 4 dez. 2009.

Anexo

Poesia - Frimisa querida Frimisa

Autor - Eduardo Henrique
de Brito Silva de
13 anos.

És tu Frimisa, simples
como és, pacata em santa Lúcia,
és um livro de fé.

Até que um dia tristes ítavamos,
mas chegou-nos o Ônibus com seus
livros, e todas as sextas-feiras vem nos proporcionar

ouvirmos histórias contadas por uma linda moça
chamada Pâmela. Estudante da UFMG e futura
bibliotecária, trás para nós lindas histórias
encantadas.

Também como amiga Lety, nos ajudamos
com seu tocar seus acordes vibrantes
nos ensina e nos ajuda a interpretar.

Lãe triste na hora que tchau vem nos
dar, entrando no Ônibus e os livros
a levar!

25/05/10

Santa Lúcia, Minas Gerais!

EU LEIO, NÓS LEMOS, ELES LEEM...

Compartilhando leituras no Carro-Biblioteca da ECI/UFMG

Maria da Conceição Carvalho¹

Flávia Abreu²

Patrícia Bárbara de Paula³

...experiências não se transplantam, se reinventam.

Paulo Freire

Introdução

Os países que valorizam a educação como fator de transformação econômica e social incentivam a competência leitora como um direito de todos e continuam a ver a biblioteca – pública, popular ou comunitária, ou qualquer outra designação que acervos coletivos e públicos venham a ter – como um lugar adequado para o “encontro” do leitor com o livro impresso e digital, espaço da pluralidade, da diversidade e da liberdade de escolha. No Brasil, apesar da diminuição do analfabetismo nas últimas décadas, ainda há muito a ser feito para que o País seja considerado uma nação leitora. E, para que se construam mais bibliotecas e que estas cumpram, de fato, a sua função de difusoras e facilitadoras do acesso ao conhecimento, há que se unir esforços entre diferentes instituições, inclusive as universidades, no desenvolvimento de estratégias e ações culturais que diminuam a distância entre o mundo

1. Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Coordenadora do projeto de extensão intitulado Encontros de Leitura.

2. Atualmente aluna de graduação do Curso de Especialização em Ciência da Informação, ECI/ UFMG. No período de 2010/2011 foi bolsista no Programa de Extensão Carro-Biblioteca/Frente de Leitura, Projeto Encontros de Leitura. Aluna de graduação do Curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG bolsista no Programa de Extensão Carro-Biblioteca/Frente de Leitura, Projeto Encontros de Leitura.

3. Aluna de graduação do Curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG bolsista no Programa de Extensão Carro-Biblioteca/Frente de Leitura, Projeto Encontros de Leitura.

dos textos – impressos e digitais – e a massa de cidadãos excluídos da dinâmica da sociedade da informação.

Nesse sentido, o Carro-Biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG vem há quase quarenta anos, por meio da atuação de professores, funcionários e alunos-bolsistas, desempenhando o papel de veículo de difusão de leitura e informação junto a várias comunidades da Grande BH, buscando, através do Programa de extensão universitária intitulado Carro-Biblioteca: Frente de Leitura, não apenas disponibilizar, de forma dinâmica, um acervo informativo e literário, como também exercer um papel efetivo de mediação social e cultural junto à clientela assídua e interessada que vem semanalmente até ele buscar informação, cultura e lazer.

O Projeto “Encontros de Leitura”

Em 2009, tendo em vista a expansão das ações do Carro-Biblioteca que desde 2007 já havia aumentado o número de comunidades atendidas, as atividades relativas à orientação de leitura e formação do leitor que estavam incluídas no Projeto Carro-Biblioteca, Leitura e Inclusão Digital ganharam uma ênfase especial e foram reestruturadas dentro de um projeto específico intitulado “Encontros de Leitura”, também ligado ao programa maior Carro-Biblioteca: Frente de Leitura.

Assim, cientes da complexidade da questão da educação brasileira *lato sensu* e em especial da situação das comunidades atendidas, pensou-se na criação de um projeto que contemplasse a diversificação e a ampliação das estratégias de mediação e orientação de leitura até então ali utilizadas, tanto quanto uma atenção mais específica ao treinamento e acompanhamento dos alunos-bolsistas do projeto por meio de discussões teórico-conceituais sobre o tema leitura e formação do leitor desenvolvidas nos campos da Educação e da Biblioteconomia.

Nesse sentido, o conceito de letramento e os desdobramentos em letramento literário e letramento visual ajudaram-nos a estabelecer e a viabilizar ações culturais e educativas que pudessem ampliar os níveis

de leitura das populações visitadas pelo Carro-Biblioteca, facilitando-lhes os meios para a construção e o desenvolvimento de sua autonomia informacional e intelectual. Na sociedade contemporânea, para que o sujeito seja considerado apto a competir no mercado de trabalho, ele precisa não apenas saber ler e escrever, como também ser capaz de utilizar-se da escrita e da leitura tanto no meio impresso como no digital para interagir criticamente com o seu meio social. Ampliando esse raciocínio, entendemos que o acesso à leitura literária leva o leitor ainda mais longe: permite que ele conheça si mesmo e o universo do qual faz parte, sendo, pois, decisiva para o seu enriquecimento afetivo, ético e estético. Em outras palavras, à literatura, como de resto a qualquer forma de arte, cabe um papel potencialmente humanizador do sujeito leitor.

Além disso, acreditamos que quanto mais se tem contato positivo com os materiais de leitura (a criança, como também os jovens e adultos), mais se tem vontade de ler e descobrir o que pode ser encontrado nos textos literários e informativos; ainda, desenvolve-se a disponibilidade mental e a capacidade intelectual de buscar novos conhecimentos e prazer estético no cinema, nas artes plásticas, na música, no teatro, na Internet etc.

Objetivos

O projeto “Encontros de Leitura” tem trabalhado com o objetivo geral de promover o livre acesso dos moradores das comunidades visitadas pelo Carro-Biblioteca aos materiais de leitura informativa e literária de modo a satisfazer suas necessidades e demandas de informação e lazer. Os estagiários (alunos-bolsistas) atuam como facilitadores no processo de descoberta, ou reencontro, dos leitores de diferentes idades e nível de escolaridade com a informação e a literatura, disponibilizando-lhes atenção e orientação na escolha e na utilização dos livros, jornais, revistas, obras de referências e outros suportes informacionais disponíveis no Carro, em forma impressa ou digital. Sobretudo, os integrantes do projeto têm consciência de que

o principal objetivo de um projeto de mediação cultural é possibilitar que o ato de ler e de se informar criticamente signifique para as pessoas atendidas a construção da cidadania plena, calcada na percepção de si mesmas e de seu estar-no-mundo em relação com o outro, no espaço coletivo. Em outras palavras, através da pesquisa e experimentação de práticas de leitura individual e coletiva são também objetivos do projeto “Encontros de Leitura” contribuir para a dinamização e a consolidação de laços sociais da população atendida assim como lutar contra a exclusão social, que aumenta entre os que têm baixos níveis de leitura crítica.

Atividades programadas e resultados alcançados

Uma vez por semana, o Carro-Biblioteca sai em visita a cada uma das comunidades associadas ao Programa, sendo que cada comunidade tem suas características específicas no que se refere ao nível socioeconômico da comunidade, proximidade a escolas e/ou asilos, condomínios. Nesse sentido, as atividades de animação cultural selecionadas pelo Projeto acontecem com ritmos e aceitação diferenciados, dependendo dos aspectos citados, que podem resultar em um número maior ou menor de crianças até seis anos, ou de escolares acompanhados de professores, ou de idosos, ou de mulheres, enfim, cada público com seu comportamento diferente diante dos livros e das atividades de leitura desenvolvidas.

De 2009 ao presente momento, outubro de 2011, as principais atividades foram as seguintes, com trechos escolhidos das anotações diárias feitas pelas estagiárias-bolsistas, também autoras deste capítulo:

- **Orientação de leitura e empréstimo domiciliar:** a escolha do que ler pelo sujeito-leitor é um processo mais complexo do que parece, sobretudo quando não há, de sua parte, familiaridade com a leitura de livre escolha e com o modo de funcionar de bibliotecas. Querer ler, mas não saber o que escolher diante de um espaço cheio de livros é uma situação que intimida o leitor

e o deixa ansioso ou desinteressado. Entra aí a disponibilidade e a capacidade do estagiário em ajudar o leitor indeciso a encontrar o livro, ou a revista, ou o texto na tela do computador que responderá as suas necessidades informacionais e o deixará desejoso de prosseguir a sua trajetória de leitor efetivo e crítico.

14 de abril de 2009, comunidade da Frimisa: *Na Comunidade Frimisa pude acompanhar e selecionar textos para uma usuária que estava fazendo uma monografia. A busca foi no acervo do carro e em bases de dados ligadas à educação. Permitir o encontro do usuário com suas necessidades reais é um dos papéis do mediador. (FA)*

6 de maio de 2009, Comunidade de São Benedito: *A mãe de uma de nossas usuárias mirins contou que a filha antes de ter conhecido o Carro não gostava de ler, pois achava a biblioteca um local chato onde não tinha auxílio de leituras agradáveis. Então conheceu o Carro e percebeu a importância dos livros para melhorar seus conhecimentos e se apaixonou por eles e pelo atendimento especial que recebe do pessoal do Carro. A menina gostou tanto que contou essa história por escrito e a inscreveu no concurso de redação promovido pelo Carro. Agora em outubro a equipe do Projeto “Bairro a Bairro” produziu um exemplar especial com as redações escritas a partir da vida dos usuários no contexto do Carro, incluindo a redação dela. A mocinha ficou tão emocionada que levou a mãe ao Carro para fazer um agradecimento oficial. (FA)*

16 de abril de 2010, Bairro Frimisa: *Minha segunda visita ao Frimisa. O movimento não foi muito grande, mas os meninos da semana passada já estavam lá aguardando o Carro chegar. Fizeram empréstimo de revistas em quadrinhos e um deles me solicitou o livro “Uma história de Futebol”, de Roberto Torero. Aproveitei para perguntar a eles o que gostam de ler. Avisei os usuários sobre a contação de histórias na próxima semana. (PBP)*

- **Contação de histórias:** prática que também vem sendo resgatada nas escolas, nos teatros, na televisão, em eventos literários e outros, para públicos de todas as idades. O principal

objetivo da contação de histórias é divulgar o universo literário por meio da oralidade. Pode levar o ouvinte à leitura do livro... ou não necessariamente! Diferente da narração apenas de histórias infantis para crianças, ou dos contadores tradicionais de contos populares e de “causos”, o moderno contador de histórias adquire formação para a tarefa e seleciona criteriosamente os textos na tradição oral ou literária. Essa atividade do carro tem sido planejada de forma integrada a outros grupos de contação na UFMG como o “Mala de Leitura”, da FAE, tendo também contado com a participação de contadores voluntários.

14 de abril de 2009, Centro Cultural Vila Fátima: *Este foi um dia muito especial para mim e para os usuários do centro. Tudo começou com um convite para que o Carro fosse visitar esse local na Semana do Livro Infantil. A Pâmela, a Rúbia, o Marcelo e o Gustavo, juntamente com as meninas do projeto de preservação, prepararam uma bela apresentação que incluiu exposição de como tratar bem o livro, hora de contar poesia e a incrível história dos Três Porquinhos narrada pela Pâmela com o auxílio das crianças e a presença imperdível das bonecas do CENEX, com direito a roupas típicas, maquiagens, fantoches e muitas fotos. Foi maravilhoso. (FA)*

20 de abril de 2010, Bairro Bonsucesso: *Hoje foi o primeiro dia que fiz contação no Carro, devido à data 18 de abril – Dia Nacional do Livro Infantil e dia de Monteiro Lobato. Escolhi uma fábula, “A cigarra e a Formiga”, na versão desse autor. Fiz um cartaz sobre a data e coloquei uma estante do lado de fora do carro com livros de Monteiro Lobato de um lado e do outro livros escolhidos aleatoriamente. Houve uma grande saída desses livros, até dos que não eram de Monteiro Lobato. Notei um grande interesse dos usuários naquela estante. Conteí a fábula primeiramente para o grupo das meninas que sempre vão juntas. Depois conteí para uma turma de alunos da escola que a professora levou para a contação. Conversei com as crianças após a contação e muitos comentaram que já leram histórias de Monteiro Lobato e que assistiam ao*

Sítio do Picapau Amarelo. Gostei muito dessa primeira experiência, a meu ver foi muito proveitosa. (PBA)

14 de maio de 2010: *Conversei com alguns usuários do Carro sobre leitura e depois eu e a Pâmela, contadora voluntária, nos sentamos com alguns meninos e começamos a contar histórias. Cada uma de nós contou uma história e depois os meninos contaram outra de sua própria escolha. (PBA)*

21 de maio de 2010: *Hoje nos sentamos num banco da praça onde o Carro para. Logo os meninos da semana passada vieram e dois novos se aproximaram. Novamente contamos histórias e cada um dos meninos contou a sua história preferida ou outra que tinha lido no decorrer da semana. (PBA)*

- **Hoje é dia de poesia:** A criança inicia sua vida acalmando-se e adormecendo ao ouvir cantigas de ninar. O som melodioso, o ritmo, a graça das cantigas, das parlendas, dos trava-línguas representam o primeiro contato da criança com a linguagem poética. O universo infantil tem muito em comum com a poesia como a carga afetiva e a ludicidade. As crianças têm, assim, uma disposição para gostar de poesia, mas os educadores nem sempre sabem explorar esse universo fantástico. O projeto “Encontros de Leitura” propôs marcar um dia do mês das visitas do Carro para abrir espaço para o compartilhamento de poesias lidas e recitadas, por parte dos estagiários e dos leitores.

17 de maio de 2010: *O Dia de Poesia é uma atividade programada pela coordenadora do Projeto juntamente com suas bolsistas visando a divulgar a leitura por meio da poesia. Com a orientação da Professora Carvalho, lemos textos teóricos sobre poesia e estudamos poemas de autores como Cecília Meirelles, Mário Quintana, Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade para serem compartilhados com os usuários. O primeiro dia de poesia foi um sucesso na comunidade da Lagoa. Montamos uma exposição de livros de poesia dos autores citados acima e trabalhamos a recitação com o público infantil com as poesias “Lembranças” e “Afonso quer crescer” do livro*

“Criança, meu amor”, de Cecília Meirelles. As crianças se encantaram pelos versos de Meirelles e todos queriam levar os livros para casa. “Além disso, a poesia ‘A casa’, de Vinicius de Moraes, foi recitada e comentada pelos usuários Artur, Bruna e Mariana, de 10 e 9 anos.” (FA)

25 de maio de 2010: *Esse foi o primeiro dia de execução do projeto “Hoje é dia de poesia”. Levei o violão e a atividade foi bem interativa. Houve a participação de uma de 40 crianças. Cantamos “A casa”, poesia de Vinicius de Moraes, “Aquarela”, de Toquinho, e outras. Li os poemas “leilão de Jardim” e “O menino azul”, de Cecília Meirelles. Uma professora que acompanhava a turma leu “Ou isto, ou aquilo”, também de Cecília Meirelles. Houve uma procura grande de livros de poemas e os que estavam na estante que foi colocada no lado de fora do Carro foram quase todos emprestados. (PBA)*

8 de junho de 2010: *Não houve contação de história hoje. Ajudei na mesa de empréstimos aproveitando para divulgar a contação da próxima semana. Houve um considerável aumento de empréstimo de livros de poesia, a meu ver resultado do projeto “Hoje é dia de Poesia”. (PBA)*

- **Leitura e trocas culturais/sociais com idosos.** Pessoas da terceira idade vivendo em casas de repouso e asilos costumam sofrer com a ausência da família e, dependendo das condições materiais da casa que as abriga, as opções de lazer e de interação social costumam ser muito restritas. O projeto “Encontros de Leitura” teve a possibilidade de estender suas ações a um Asilo no bairro Ipiranga.

29 de março de 2010, Bairro Ipiranga. *Iniciou-se o processo de conhecer os usuários da comunidade Ipiranga, em especial os idosos da Casa do Ancião Chico Azevedo. O primeiro encontro foi muito agradável, entrei em contato com as funcionárias da instituição e conversamos sobre a possibilidade de atuarmos na comunidade como mediadores de leitura. A direção apoiou a ideia, sugeriu tarde de recitação com músicos e solicitou*

que encaminhássemos os objetivos do projeto a outras pessoas que pudessem participar dele. (FA)

Primeira semana de maio de 2010. *Na comunidade do Ipiranga, conversei com a Coordenadora da Casa do Ancião, Doralice de Almeida Araújo, sobre possibilidade de integração dos idosos com o Carro. A Coordenadora permitiu que os idosos fossem ao Carro desde que eu, bolsista, me responsabilizasse por eles. Além disso, foi realizada pequena entrevista com algumas idosas que mostraram interesse em ir até o Carro para ter acesso ao computador e ao MSN para entrar em contato com parentes distantes. Outros solicitaram a presença do material do acervo do Carro no asilo, por estarem impossibilitados de locomoção. Houve ainda recitação da poesia “Amor”, de Drummond, para a Senhora Terezinha de Jesus, de 81 anos e muita jovialidade. Ela ficou tão feliz que recitou “O mundo é grande”, do mesmo autor, em agradecimento. Ela perguntou se o livro era para ela, então decidimos selecionar livros para doação para as comunidades. (FA)*

- **Rodas de leitura:** além do ato de ler silenciosamente, o gosto pela leitura se desenvolve pelo compartilhamento do que se leu com liberdade e proveito por outros leitores passando pela mesma experiência. O Carro-Biblioteca tem procurado criar um espaço externo convidativo para reunir pequenos grupos compartilhando leituras (de um mesmo texto previamente combinado, ou de textos diferentes) sob a coordenação dos estagiários.

28 de maio de 2010: *Neste dia levei o violão, novos usuários nos acompanharam até a praça. Um dos usuários, o Leonardo, escreveu uma poesia para o “Dia da Poesia”. Os outros meninos escolheram algumas poesias do livro “Meus primeiros versos” que estava comigo. Iam escolhendo e lendo. Eu li o “Leilão de Jardim” e “O menino azul”, de Cecília Meireles. A Pâmela também preparou uma poesia. Cantamos algumas músicas. Foi um dia bem interativo. (PBA)*

- **Ler em voz alta em espaços públicos:** as praças públicas vêm sendo retomadas pela população em ações cívicas, culturais

e de lazer, num processo prazeroso de diversão e passatempo como também de reapropriação do espaço público, num gesto significativo e eficiente contra a corrupção dos políticos e contra a violência urbana. O projeto “Encontros de Leitura” vem tentando participar dessa ideia simulando um pequeno coreto, ou palanque, e incentivando cada cidadão a ler ou falar de memória, para quem quiser ouvir e compartilhar o seu poema favorito, um pequeno trecho selecionado, uma notícia do jornal do dia etc.

17 de maio de 2009. Comunidade de São Benedito:

Nesta comunidade descobrimos uma obra rara: a Senhora Maria Joana dos Santos, que completará 83 anos no próximo dia 26 de junho. Apaixonada por poesia, reuniu um público de 30 pessoas que pararam para ouvir suas poesias com repertório diverso como “O pássaro cativo” e “Plutão”, de Olavo Bilac; “Escravo”, de Casimiro de Abreu; “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. Diversas crianças entre oito e dez anos aproveitaram o incentivo e escolheram várias poesias do livro “A arca de Noé”, de Vinicius de Moraes. “Para fechar esse momento, contei a história de Cora Coralina e a D. Maria Joana levou o livro para adquirir mais saberes.” (FA)

- **Ler o livro, ver o filme:** as relações intertextuais entre cinema e leitura, quando exploradas dentro de uma proposta bem elaborada, dinamizam e ampliam as possibilidades de fruição de pessoas com gostos variados e podem atrair para o livro um público historicamente afastado do texto escrito. O Carro-Biblioteca tem equipamento para a projeção de filmes em DVD e permanece nas comunidades visitadas tempo suficiente para a exibição de filmes de curta metragem e a leitura de contos, seguidas de discussão com os espectadores/leitores. Entretanto, ainda não foi possível executar essa ideia na sua totalidade.
- **Bibliotecas para todos:** a intenção inicial do Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura é fomentar, a longo prazo, a autonomia das comunidades visitadas em relação a bibliotecas permanentes e abertas à comunidade. Nesse sentido o Carro-Biblioteca tem

doado livros e outros materiais para contribuir para a formação de novas bibliotecas. Além disso, o projeto “Encontros de Leitura” pretende participar da ideia de bibliotecas para todos, convidando, dentro de um cronograma pré-fixado, as lideranças de cada bairro para encontrar e ouvir relatos de pessoas que efetivaram a criação de bibliotecas comunitárias e/ou salas de leitura (a imprensa falada e televisiva tem divulgado muitas experiências), além de outras experiências em Minas ou fora que foram premiadas pelo PNLL (Programa Nacional do Livro e da Leitura). Vários obstáculos dificultaram a efetivação dessa proposta até agora, mas a Coordenação do Projeto pretende retomá-la no próximo ano.

6 de maio de 2009. *O Carro-Biblioteca desenvolve o papel de doador de acervo para a construção e reestruturação de pontos de leitura doando material descartado de seu próprio acervo. Acompanhei a inauguração de uma Biblioteca em escola na cidade de Betim. O Carro enviou livros e esteve presente no evento de inauguração. Também um asilo da comunidade do Ipiranga solicitou a mediação dos bolsistas na criação de uma sala de leitura para a comunidade do Ozaman. A ideia foi aceita pela Coordenação da Casa e o projeto está criando forma. O espaço já existe e será reestruturado para receber a coleção, boa parte doada pelo Carro-Biblioteca. (FA)*

Considerações finais

O planejamento/implementação deste projeto, que continuará a ser executado em 2012, norteou-se por fundamentos teóricos buscados no campo da sociologia da leitura, que busca os possíveis fatores que levam o sujeito a ler ou a não ler, como o nível socioeconômico, a família, a escola, a comunidade onde vive e a presença/ausência de opções de leitura etc., além de considerar a presença dos mediadores no processo da leitura como fator importante para o desenvolvimento do processo. Os resultados atingidos até agora têm mostrado que estamos numa direção certa, mas também aponta para aspectos que devem ser reelaborados para que o objetivo geral de ampliar os níveis de leitura

das comunidades visitadas não se feche num funcionalismo estéril, correndo-se o risco de avaliar o acerto de um empreendimento de mediação cultural apenas medindo-se o número de empréstimos feitos ou o número de pessoas atingidas pelo projeto. Lembrando Paulo Freire, ninguém educa ninguém, o sujeito educa a si mesmo, na interação com o mundo. Ou, como ensinou Piaget, a criança é responsável pela construção do seu próprio conhecimento, que se dá entre ele mesmo e o mundo. Esses dois pensadores nos fazem lembrar que o papel do mediador da leitura é o de facilitador, interlocutor, orientador também, mas nunca o fiscal ou contabilista que premia o quantitativo, a disputa pela disputa (quantos livros você leu mais que o colega?) e impõe penas a quem ousa transgredir o cânone, ao leitor que produz seus próprios sentidos em oposição às leituras “autorizadas”.

A equipe que acompanhou o Carro-Biblioteca nas visitas às comunidades desempenhando o papel de mediadores de leitura e de observadores do comportamento da comunidade leitora foi estimulada a propor e implementar novas ações culturais que aperfeiçoassem a ideia central do projeto. Além disso, a equipe do “Encontros com a Leitura” procurou estar em contínua interação com os outros projetos do Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura, de modo a garantir a integralização destes e ressaltar a importância da “biblioteca, da formação do leitor crítico e da ação cultural como dimensões a serem privilegiadas para a consecução da democratização da sociedade brasileira.”

Referências

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

PROGRAMA Carro-Biblioteca: Frente de Leitura. Coordenação de Adriana B. S. Duarte. Belo Horizonte: CENEX/ECI/UFMG, 2008.

INCLUSÃO DIGITAL: O Carro-Biblioteca da UFMG como telecentro

Marta Macedo Kerr Pinheiro¹

Introdução

Com a generalização do uso de tecnologias e redes de informação e de comunicação, o fenômeno da informatização da sociedade mundial conduz a mudanças comportamentais e exerce pressões alterando as formas de socialização e educação, com forte repercussão na vida dos cidadãos. Estes são obrigados a novas capacitações e absorções de exponencial variedade de fluxos de informação. O cenário interfere nos processos de construção de programas que objetivam a infoinclusão, comumente denominados de inclusão digital (KERR PINHEIRO, 2008).

O projeto aqui apresentado alia-se a outras ações de extensão, já executadas pelo Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura da UFMG, como a formação do leitor e a comunicação entre os bairros da periferia de Belo Horizonte, via boletins. Tem por objetivo promover o uso coletivo de computadores, numa formação mais ampla que o simples acesso às técnicas, à rede, a jogos e diversão, pelo domínio da técnica computacional associado ao domínio de conteúdos. Almeja-se, como resultado, possibilitar às comunidades atendidas tornarem-se mais aptas a enfrentar os obstáculos, exigências e competências exigidas para fazer parte de redes virtuais e assim ampliarem a sua inserção social. Espera-se contribuir para a emancipação das comunidades já atendidas, através do domínio de novas práticas de leitura pelas diversas possibilidades de acesso ao ambiente virtual e das redes. A lógica seria de que uma vez

1. Coordenadora do projeto Inclusão Digital: o Carro-Biblioteca da UFMG como telecentro. Professora Associada da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

alcançada a emancipação, outras comunidades tomem, por sua vez, o espaço, e o processo evolui em espiral.

O projeto aplica a precisão conceitual de infoinclusão como orientadora dos processos das atividades do Carro-Biblioteca da UFMG enquanto concepção de telecentro. Buscam-se, em seus resultados, indicadores reais de inclusão ou competência informacional estabelecidos e associados para que se viabilize efetivamente a introdução das comunidades atendidas na sociedade da informação.

O cenário virtual e a exigência de inclusão

A generalização de soluções voltadas para o uso de tecnologias e redes de informação, condutoras da informatização da sociedade mundial, altera as formas de interação dos governos com a sociedade e exige mudanças quando exercem pressões sobre os Estados. A estruturação digital dos recursos induz a uma convergência que renova as trocas sociais. O campo das políticas de informação e seus subdomínios, como as de inclusão digital, inscreve-se na esfera social em que os problemas de informação acabam por influenciar os governos (KERR PINHEIRO, 2010, p.123). Surgem novos serviços que têm forte repercussão na vida dos cidadãos, obrigados a novas capacitações e absorções da variedade de fluxos de informação que não conhecem mais fronteiras.

Todo esse cenário vem refletir diretamente no processo de construção de programas municipais, estaduais e federais direcionados à inclusão digital. Nesses programas os conceitos de inclusão digital, infoinclusão e inclusão social encontram-se amplamente difundidos, mas com definições pouco precisas, difusas e sem consenso na literatura.

Os conceitos que sustentam e orientam os programas de inclusão digital difundem os aparatos das redes tecnológicas ou desenvolvem, em sua maioria, apenas um aprendizado de técnicas-padrão de automação, no uso da infraestrutura disponibilizada de tecnologias de informação - TI. Corre-se o risco de dotar a comunidade de meios e não

treiná-la convenientemente para o seu desenvolvimento e real inserção no mundo virtual e das redes.

A pergunta básica é: como construir novas aproximações, novas formas de observação e compreender o processo cognitivo dos atores dos telecentros diante das diversas possibilidades de participação no ambiente virtual e das redes?

Sabe-se, pelos vários exemplos internacionais, que o ambiente da sociedade em rede, quando convenientemente orientado, acaba por constituir um espaço institucionalizado de participação cidadã, consciência de direitos e deveres, pois se vive um novo contexto empírico, de práticas conduzidas pelo espaço virtual. Para esse alcance, precisa-se explicitar por que a “[...] manutenção de uma infraestrutura básica comum dos recursos necessários à produção e à troca da informação em todo o ambiente da informação é importante tanto para a democracia quanto para a liberdade individual” (BENKLER, 2007, p.11).

Como renovação do processo histórico, os artefatos técnicos de informação tornam-se de tal forma disseminados que permitem prever a multiplicidade infinita do papel da criatividade e da criação social em torno do campo informacional. As redes sociais são exemplos vivos desse fenômeno, representados pelos enormes e diversificados fluxos de produções individuais e coletivas direcionados por interesses, identidades, através de um número incontável de motivações e possibilidades de troca e compartilhamento. A ausência de limites de tempo e espaço facilita e amplifica o grau de cooperação em campos informacionais diversos e descentralizados, não mais contido em um espaço físico ou fronteiras.

São novas práticas de leitura que usam a rede e colocam em dúvida verdades e paradigmas pré-estabelecidos, conceitos de cultura e formas de participação. Existem outras formas plurais de informação e de construção de comportamentos. Hoje os cidadãos incluídos digitalmente, através das TIs e de plataformas como dos seus celulares,

aproximam-se da esfera pública e tornam-se partícipes do jornalismo, contribuindo com imagens e depoimentos para a construção da notícia e análise dos fatos quotidianos. As tecnologias são trilhas de acesso ao conhecimento, mas “a sua apropriação e construção individualizada é que possibilitam a transformação social”, pela consciência histórica, política e ética (AUN, ANGELO, 2007, p.78).

É preciso compreender em sua totalidade o significado de alcançar esta produção social de informação já que o Brasil ainda não conseguiu achar um caminho visível para o desenvolvimento nesse contexto. Vivenciamos um cotidiano ainda marcado pela pobreza, concentração de renda, falta de solidariedade e compartilhamento. E isso reflete também as deficiências de conteúdo e compartilhamento de conhecimento dentro da sociedade.

A entrada massiva da tecnologia facilita em termos de tempo e espaço a vida dos que a ela têm acesso e que podem dela usufruir. Das novas exigências que se colocam para os diferentes países e sociedades, evidencia-se o crescimento também das desigualdades generalizadas e maior complexidade nos projetos governamentais e da sociedade civil que visam à inclusão social. Assim, somos obrigados a pensar em alternativas à inclusão, já que o processo de globalização, sobretudo aquele suportado por aparatos técnicos, não possibilitou a inserção na era informacional de grande contingente de pessoas já social e economicamente excluídas.

Diferentes programas têm sido criados visando superar este fosso, a maioria pela inclusão dos segmentos ainda marginalizados, via acesso a sistemas informacionais compartilhados capazes de superar barreiras de língua e *gaps* tecnológicos.

Pela imprecisão conceitual que persiste entre os programas e projetos governamentais de infoinclusão ou de inclusão digital, torna-se complexo estabelecer indicadores que venham, com algum rigor, expressar os índices de inclusão para qualificarmos a real participação de diferentes comunidades brasileiras na sociedade da informação.

O conceito de *Information Literacy* (ALA, 1998), presente nos objetivos dos programas, surge da consciência política de ampliar o uso das tecnologias da informação na transição para a sociedade da informação. Esse uso coletivo, mundialmente conhecido por *digital divide*, deve ser mais amplo que o acesso às técnicas e ao lúdico. Deve possibilitar que milhares de pessoas tornem-se mais aptas a enfrentar os obstáculos, exigências e competências profissionais estabelecidos para fazer parte desta sociedade de redes virtuais e ampliem a sua inserção social e global. É a necessidade do domínio da técnica associada à compreensão de conteúdos. Ler, escrever e comunicar-se a distância e encurtá-la são passos fundamentais para interagir com o mundo. Apropriar-se dos seus benefícios, aplicá-los em seu cotidiano, qualificar-se para ter igualdade de oportunidades é a garantia do pleno exercício da sua cidadania.

Estamos evoluindo em alguns aspectos essenciais, assinalados por diversos autores (TAKAHASHI, 2005; SILVA; JAMBEIRO, 2007), como o estabelecimento de diretrizes e prioridades e de infraestrutura tecnológica, mas falta-nos o conceito preciso que norteie os mecanismos de ação e a continuidade na sua execução.

Esse conceito deve ser direcionado pela identidade cultural, educação e renda para conduzir à “habilitação do indivíduo para realizar-se social, cultural e economicamente” como afirmam Silva e Jambeiro (2007, p. 251).

Os indicadores até agora estabelecidos apresentam apenas um perfil dos usuários das tecnologias e mesmo assim pode-se observar que os números são pouco representativos principalmente considerando a enorme população brasileira com suas especificidades (AUN; MOURA, 2007).

Para medir a inclusão digital, é necessário mais que indicadores meramente quantitativos e tradicionais do tipo níveis de acesso, gênero, faixa etária, raça, entre outros. É necessário medir o fenômeno social

causado pela era digital. Sua lógica, seus níveis, seus problemas, seus contornos (AUN; MOURA, 2007).

Os indicadores sociais vêm ao encontro dessa necessidade, caracterizados por mensurar fenômenos sociais e transformar em informação compreensível e importante para medir o desenvolvimento da sociedade, suas melhoras tangíveis, identificar problemas e determinar parâmetros de qualidade. “O desenvolvimento de indicadores procura reduzir fenômenos complexos a fórmulas simplificadas e facilmente comunicáveis e mensuráveis, passíveis de agregação, comparações e extrapolações” (LASTRES; LEGEY; ALBAGLI, 2003). Eles são determinados por meio de resumos estatísticos regulares, concisos e comparáveis sobre o estado da sociedade, assumindo a faceta de integrar a teoria, método, dados sociais ou de parte da sociedade e comportamento.

O uso dos indicadores sociais para aferir a inclusão digital é determinante por seus atributos capazes de definir a natureza do sistema e o estado do sistema. A informação da natureza do sistema descreve os conceitos básicos do modelo, ou conhecimento, ou o conteúdo que serve como guia que dimensiona a nação, sociedade ou economia que se deseja incluir.

Os indicadores tornam-se importantes nesse contexto em que surgem várias iniciativas voltadas a um mesmo fim, a inclusão digital, a inclusão social. A atualidade do tema, discutido nas mais variadas áreas de estudo, obriga-nos a construir um modelo que possa nortear outros projetos e, principalmente, uma política informacional de que o país tanto precisa para dar direção a sua sustentabilidade e desenvolvimento. E é sob essa perspectiva que apresentamos o projeto.

Inclusão digital: o Carro-Biblioteca da UFMG como telecentro

O tema é de absoluta relevância e particularmente prioritário em seu estágio atual e o nosso esforço, ainda que incapaz de cobrir

toda a atual demanda do entorno da Grande Belo Horizonte, contribui para importante e significativa construção de conhecimento sobre o tema. O propósito deste projeto é ajudar a inserir as comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca da UFMG num tipo de sociedade da informação, que não só promova o seu desenvolvimento tecnológico, social, cultural, econômico, mas que traga maiores oportunidades, senso crítico, domínio verdadeiro das redes técnicas para um processo de crescimento de mútuos benefícios, das comunidades e seus atores e o desenvolvimento do país.

O projeto “Inclusão Digital: O Carro-Biblioteca da UFMG como telecentro” vem em sequência à pesquisa desenvolvida por intermédio do CNPq em 2006/2007, coordenada e publicada no livro *Observatório da inclusão digital* (AUN, 2007). O projeto privilegia diferentes aspectos já levantados teoricamente em relação à questão informacional, mas de forma concreta, e visa a promover o acesso e a democratização da informação através do uso das tecnologias de informação, ligadas ao Carro-Biblioteca do Serviço de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Inserido no Programa Carro-Biblioteca, temos por proposta promover o uso coletivo de computadores, numa formação mais ampla que o acesso à infraestrutura técnica, e ampliar o domínio tecnológico associado aos conteúdos informacionais pertinentes. Objetiva-se como resultado possibilitar às comunidades atendidas que se tornem mais aptas a enfrentar os obstáculos, exigências, e a demonstrar competências exigidas para fazer parte desta sociedade de redes virtuais e assim ampliar a sua inserção social. O projeto atua nos seguintes bairros de periferia da Grande BH, atendidos pelo CB/UFMG: Bonsucesso, Ipiranga, Bairro da Lagoa, São Benedito e Frimisa.

Metodologia

Faz parte fundamental de nossas diretrizes metodológicas o uso do Carro-Biblioteca/telecentro como um laboratório para os bolsistas

e possíveis pós-graduandos para que possam desenvolver pesquisas sobre inclusão digital. Para os usuários são oferecidas oficinas com três níveis de complexidade, diferenciadas e sempre acompanhadas de manuais também em formato digital que facilitem uma navegação mais autônoma. Para a produção, utilização e distribuição de informações, via terminais digitais, os materiais didáticos são criados sob demanda dos próprios participantes, com foco no contexto vivido por eles.

A primeira oficina capacita para o acesso ao computador e simultaneamente à Internet. Para a segunda oficina, os bolsistas do projeto selecionam nas comunidades agentes/usuários multiplicadores para a repetição da primeira oficina, como treinamento de independência da comunidade.

Através desses agentes, foram construídos manuais de informações e questionamentos comuns às comunidades para condução ao acesso de fontes de informação eletrônica específicas. A terceira oficina avalia os avanços alcançados, com recolhimento de informações das particularidades de acesso, e dos índices qualificados deste acesso para a construção de indicadores da experiência. Nesta oficina são aplicados questionários de forma mais ampla, que contemplam os usuários e os não usuários do Carro-Biblioteca/telecentro e possibilitam conhecer suas expectativas e necessidades por informação no processo necessário de retroalimentação do projeto, respeitando perfis de necessidades e possibilidades de avanço.

Justificativa

Tomando como referência os níveis de apropriação digital, informacional e do conhecimento, pode-se afirmar que os telecentros são instrumentos viáveis para o processo de inclusão digital. A democratização do acesso, no caso do Carro-Biblioteca da UFMG, configura-se como um processo que precisa ser constantemente apoiado e aperfeiçoado. A iniciativa é valiosa e contribui certamente para modificar o contexto de vida das pessoas. As crianças não ficam

nas ruas; os que transitam pelas comunidades atendidas têm um ponto de apoio no uso dos computadores e este espaço pode servir de “lócus” de desenvolvimento social e de enriquecimento da cidadania. Porém, é necessário sempre reavaliar os objetivos propostos a fim de adequar o projeto de inclusão digital com suas práticas para criar mecanismos de aprimoramento.

O projeto, iniciado em 2009, passou por diversas dificuldades. Sua meta inicial proposta de 200 atendimentos por ano nunca ultrapassou o número de 50. Boa parte da explicação dessa meta frustrada se deve à mudança contínua de bolsistas gerada pelo baixo valor da bolsa (trocada frequentemente por outros projetos ou por outros estágios mais atrativos financeiramente); falta de energia e de telefonia para funcionar o telecentro, equipamento danificado com as estradas de acesso às comunidades atendidas. Assim o telecentro iniciou os atendimentos de forma precária. Os bairros de periferia da Grande BH Bonsucesso, Ipiranga, Bairro da Lagoa, São Benedito e Frimisa atendidos pelo CB/UFMG são comunidades ainda desprovidas dos recursos informacionais que se estendem e são encontrados nos elementos de uma educação formal.

A ausência de bibliotecas e de infraestrutura tecnológica de computadores e de rede impossibilita a apropriação desses benefícios para aplicá-los em seu cotidiano, qualificar-se e garantir em parte sua cidadania. Visa-se ao desenvolvimento de habilidades intelectuais relacionadas ao uso estratégico da informação que contribuam para resolução de problemas informacionais concretos em situações de aplicação de conhecimentos específicos, ligados à educação e à cidadania.

Isso significa aproveitar as novas tecnologias para melhorar as condições de vida da população e dos mais pobres, mas a luta contra a exclusão digital visa, sobretudo, a encontrar caminhos que diminuam seu impacto negativo sobre a distribuição de riqueza e oportunidades. A inclusão digital em massa poderia ser uma ação social de grande

significado, potencializando o uso da Internet para a resolução de problemas de toda natureza e permitindo aos pobres reservar parte substancial de seu tempo para ser aplicado em seu próprio benefício.

O público atingido é composto por estudantes do ensino básico e médio, que em sua maioria vivem de poucos recursos, e também por pessoas advindas do setor informal, donas de casa ou pessoas desempregadas. Detectaram-se algumas características básicas como falta de renda, insegurança em relação ao futuro e a sua proteção social, dependência de programas governamentais que contemplam subsídios. A falta de apropriação de alternativas soma-se ainda aos antigos problemas de inclusão social: a realidade da exclusão digital. Assim o direito à comunicação mediada por computadores passa a ser um bem comum e, portanto, demandando políticas de proteção pelo Estado.

Objetivos do projeto

O principal objetivo é aprofundar e estender a questão da informação, da comunicação e do conhecimento através das práticas de inclusão no telecentro do Carro-Biblioteca da UFMG. Dele extraímos os seguintes objetivos específicos:

- Motivar para a necessidade do ler, escrever e comunicar-se a distância para interagir socialmente.
- Conduzir o acesso às fontes de informação eletrônica, além das tradicionais oferecidas pelo Carro-Biblioteca ao relacionar a biblioteca tradicional à digital.
- Construir um inventário por meio de indicadores de inclusão digital dos usuários para garantir o desenvolvimento das ações futuras do Carro-Biblioteca enquanto telecentro.

Inclusão contínua

Este projeto deve ser contextualizado dentro de uma realidade de um país-contidente como o Brasil. Sociedades ainda frágeis e pouco

maduras neste campo necessitam da implementação de modelos diferenciados de projetos de inclusão, cada um absorvendo a *expertise* das localidades, das comunidades, atendendo assim as particularidades e interesses de seus cidadãos. O telecentro criado no Carro-Biblioteca da UFMG foi pensado para estimular a criação de redes comunitárias virtuais de forma diferenciada para permitir o intercâmbio de experiências na elaboração e manutenção de projetos sociais.

A iniciativa é reconhecida pela sua pertinência e por já se apresentar em “atraso” em relação aos indicadores de outros países. Porém, não se consegue atingir indicadores de resultados. O projeto, apesar de carências de recursos materiais e humanos, tem diretrizes e prioridades bem definidas. A falta de construção de indicadores de inclusão digital capazes de avaliar e, de forma dinâmica, corrigir rumos e determinar desdobramentos de ações futuras é uma séria ameaça à credibilidade da própria política inclusiva. No caso de projetos como este em foco, pode apresentar certa lentidão, ou mesmo paralisia, apesar do progresso de algumas iniciativas da inclusão digital ainda que tímidas e modestas de recursos. Ao considerarmos os programas nacionais, evidencia-se a falta, acima de tudo, da definição clara por parte do governo do conceito de inclusão digital que faça o Brasil participar, efetivamente, da sociedade da informação. E o projeto da UFMG sofre com essas carências também refletidas nas comunidades atendidas e na distribuição de recursos da própria Universidade, que por sua vez torna-se limitada à esfera federal.

Ter a infraestrutura é condição *sine qua non* para iniciar o processo, mas é preciso condições econômicas e educacionais que garantam a competência que realmente inclui.

É necessário mostrar os elos, assim como os hiatos entre a oferta de programas de inclusão digital e a necessidade das comunidades, suas contradições e conflitos em torno da informação a ser transformada em conhecimento. O telecentro deve configurar-se como um dispositivo de mediação das necessidades informacionais da sociedade à qual ele

se destina e não ocultar-se no emaranhado da oferta política de um empirismo imediatista de apenas disponibilização da infraestrutura, provocado por uma sociedade que curiosa e opostamente à realidade é denominada de sociedade da informação, do conhecimento ou da inteligência.

O projeto enfrenta essa realidade de descontinuidade em torno da prolapsada sociedade da informação: (i) bolsas mal remuneradas que não sustentam os bolsistas, também carentes, e que migram para outras ofertas melhores, (ii) ausência de continuidade nos processos de infraestrutura como telefonia, equipamento e condições de acesso que prejudicam o aparato técnico necessário e sensível, e finalmente (iii) desmotivação das comunidades por falta de visibilidade da realidade presente e futura.

A UFMG demonstrou sensibilidade a todos esses percalços vivenciados pelo projeto e promete infraestrutura que traga autonomia ao telecentro do Carro-Biblioteca da UFMG a partir de 2012. Falta-nos motivar os alunos com as bolsas pouco atrativas em termos financeiros e as comunidades para o entendimento de que a inclusão digital é parte integrante da inclusão social condizente à liberdade de participação democrática no espaço público e no processo de construção e apropriação social do conhecimento que emancipa.

Referências

AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS / ASSOCIATION FOR EDUCATIONAL COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY. *Information literacy standards for student learning: standards and indicators*. Chicago: ALA, 1998. Disponível em: http://www.ala.org/ala/aasl/aaslproftools/informationpower/InformationLiteracyStandards_final.pdf. Acesso em: 9 out. 2011.

AUN, Marta Pinheiro; ANGELO, E. D. S. Observatório da inclusão Digital. In: AUN, Marta Pinheiro (Ed.) *Observatório da inclusão digital: descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas governamentais de infoinclusão*. Belo Horizonte: Gráfica Orion, 2007, p.63-101.

AUN, Marta Pinheiro; MOURA, Maria Aparecida. A construção de indicadores nacionais de acesso público aos meios digitais: princípios e perspectivas. In: AUN, Marta Pinheiro (Ed.) *Observatório da inclusão digital: descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas governamentais de infoinclusão*. Belo Horizonte: Gráfica Orion, 2007, p.19-6.

BENKLER, Yochai. A Economia política dos commons. In: SILVEIRA, Sergio Amadeu (Org.). *Comunicação digital e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e novas possibilidades de regulação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, cap. 2, p.11-20, 2007.

KERR PINHEIRO, Marta M. La Politique de l'information comme sujet des revues françaises dans Le domaine des sciences de l'information. In: JEANNERET, Yves (dir.). *Édition et Publication scientifiques en sciences humaines et sociale: formes et enjeux*. Avignon: Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse, p. 123-130, 2010

KERR PINHEIRO, Marta M. *L'État Informationnel et les changements dans les formes de médiations info-communicationnelles des connaissances sur les politiques de l'information*. Recherche post-doctorale en Sciences de l'Information et de la Communication. Toulouse: LERASS, Université Paul Sabatier III; sous la direction de Viviane Couzinet, 2008.

LASTRES, H. M. M.; LEGEY, L.; ALBAGLI, S. Indicadores da Economia e Sociedade da Informação, Conhecimento e Aprendizado. In: VIOTTI; MACEDO. *Indicadores da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil*. Campinas: Ed Unicamp, 2003.

SILVA, Helena Maria da; JAMBEIRO, Othon. Inclusão D, acertos e desacertos: análise de programas e práticas em Salvador, BA. In: AUN, Marta Pinheiro (Ed.) *Observatório da inclusão digital: descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas governamentais de infoinclusão*. Belo Horizonte: Gráfica Orion, 2007, p.197-257.

TAKAHASHI, Tadao. Inclusão social e TICs. Brasília: *Revista Inclusão social*. IBICT, v.1, n.1, p. 56-59, out./mar., 2005.

COM A PALAVRA, AS BIBLIOTECÁRIAS

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte¹

Raquel Carvalho de Faria²

Viviane Silva Gonzaga³

Marlene Edite Pereira de Rezende⁴

Sandra Helena Barroso⁵

Marília de Abreu Martins de Paiva⁶

Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes⁷

Um Programa como o Carro-Biblioteca precisa de muitos recursos para continuar sua trajetória de sucesso. Mas entre todos, os mais importantes são, sem dúvida, os recursos humanos. Pessoas que se envolveram no Programa com paixão são aquelas que garantiram e garantem seu bom andamento ao longo de tantos anos. Em particular, tentamos localizar e buscar o depoimento das bibliotecárias que atuaram no Carro-Biblioteca. No período de 1986 a 1997, quem atuava era Marlene Edite Pereira de Rezende. Seu trabalho foi continuado por Ceuzimar Barbosa do Carmo. Em 2002 e 2003, foi a vez de Sandra Helena Barros assumir a biblioteca itinerante. Marília de Abreu Martins de Paiva atuou de 2004 a 2008 e desde 2008 a bibliotecária responsável pelo acervo do Carro é Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes. Infelizmente não conseguimos trazer o depoimento de todas elas, mas

1. Coordenadora do Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura no período de 2008 a 2010. Professora adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

2. Bolsista do Programa Pronoturno atuando em pesquisa relacionada ao Programa Carro-Biblioteca em 2010. Aluna de graduação do curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

3. Pesquisadora voluntária atuando em pesquisa relacionada ao Programa Carro-Biblioteca em 2010. Aluna de graduação do curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

4. Bibliotecária do Carro-Biblioteca no período de 1986 a 1997.

5. Bibliotecária do Carro-Biblioteca no período de 2002 a 2003.

6. Bibliotecária do Carro-Biblioteca no período de 2004 a 2008.

7. Bibliotecária do Carro-Biblioteca a partir de 2008 até os dias atuais.

aquelas que contribuíram nos contam de seu envolvimento e relatam como o Carro-Biblioteca se constituiu em projeto de vida.

O presente capítulo foi possível graças à pesquisa, coleta e estruturação de dados efetuadas pelas alunas de graduação em Biblioteconomia Raquel Carvalho e Viviane Silva. Com a palavra, as bibliotecárias!

Marlene Edite Pereira de Rezende 1986-1997

Nada melhor que refazer uma trajetória, repensar a vida e voar em frente. Assim, o convite para escrever sobre o Carro-Biblioteca faz-me recolher na memória um longo período de grande significado em minha vida.

Falando da UFMG

Dos vinte anos trabalhados na Universidade Federal de Minas Gerais, dezoito foram na mediação entre leitores e livros. Os primeiros seis anos atendendo alunos e professores da Escola de Biblioteconomia, hoje Escola de Ciência da Informação - ECI, uma comunidade familiarizada com serviços de biblioteca. Já no período de 1986-1997, quando fiz parte da equipe do programa de extensão - Carro-Biblioteca, ocorreu o inverso. A forma de atendimento externo mostrou-me um público com características múltiplas; o desconhecimento do mundo dos livros, em função do acesso restrito; grau de escolaridade e uma concepção de leitura em que predominava o apoio ao processo educativo limitava o público frequentador.

O programa Carro-Biblioteca constituiu a principal ação do Centro de Extensão – CENEX, da Escola de Ciência da Informação. No entanto, essa não é a única, ele propicia local de aprendizagem para alunos da Escola e de outros cursos; promove, organiza e realiza cursos de extensão; divulga e controla o banco de estágios, entre outras.

Uma comissão composta por representantes dos departamentos e membros do corpo discente (graduação e pós) elege por dois anos o coordenador e o subcoordenador. Durante minha passagem pelo CENEX, foram coordenadoras as professoras Ana Maria Rezende Cabral, Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu, Lígia Maria Dummont, Carolina Barbosa Saliba e Mônica Cardoso Pittella.

Revivendo a Extensão

Iniciei meu trabalho atendendo as comunidades de Ibirité, Raposos, Sarzedo e Santa Luzia, pertencentes à Grande BH, e a comunidade de Lindéia na região do Barreiro, em Belo Horizonte. Muitas das vivências foram posteriormente levadas para a Barragem Santa Lúcia e São Benedito.

A percepção de que o trabalho de extensão deve ser pautado pelo diálogo com a comunidade, respeitando a diversidade local, foi importante para o planejamento das ações. Com o objetivo de promover a leitura entre crianças, jovens, adultos e idosos, facilitar o acesso à informação e propiciar a inclusão dos moradores, o Carro-Biblioteca atende prioritariamente a periferia da cidade. Com um público predominante de crianças e objetivo de atender pessoas de todas as idades foram necessárias algumas mudanças nos locais de parada do Carro. Assim, uma das estratégias foi a retirada do Carro-Biblioteca de frente das escolas, com vistas à ampliação e participação de outros moradores.

Os serviços técnicos e a supervisão do atendimento às comunidades eram as minhas atribuições. Em 1986, o carro ainda funcionava numa Kombi, cedida pelo extinto Instituto Nacional do Livro. O espaço interno minimizado pelas estantes laterais que acomodava o acervo limitava em muito o serviço ao leitor, além de restringir o número de livros da coleção. Esse foi um dos principais motivos apresentados pela comissão do CENEX ao elaborar o projeto de ampliação do carro e enviá-lo à Pró-Reitoria de Extensão. Como um dos mais antigos programas de extensão da UFMG, desde 1973, com excelentes

resultados de atendimento à população, o projeto foi executado e inaugurado em 1990. Com sua estrutura ampla e confortável, além de um projeto visual atraente, o novo Carro-Biblioteca montado em um micro-ônibus atraía olhares por todo o trajeto. Com estantes para comportar uma coleção com cerca de três mil livros, o Carro pôde ampliar seus serviços e melhorar o atendimento aos leitores.

Como bibliotecária, foi possível trazer para o âmbito da Universidade demandas de informação de outras áreas. Assim, o contato com pessoas das diversas instituições (escolas, associações comunitárias, posto de saúde/hospital, prefeituras etc.) propiciou a intermediação com unidades da UFMG e outras Instituições para atender questões advindas das comunidades. Como exemplo desse diálogo, cito o convite para um trabalho com plantas medicinais realizado pela Profa. Maria da Graça Lins Brandão, da Faculdade de Farmácia, para atender um grupo de moradores de Sarzedo. Na área de leitura/literatura, o envolvimento da Profa. Maria Aparecida Paiva e de alunos-bolsistas, da Faculdade de Educação, atendeu as comunidades de São Benedito e Sarzedo. A participação de escritores, arte-educadores, arquitetos, pedagogos, psicólogos e psicopedagogos, em atividades pontuais nas diversas comunidades, garantiu a mobilização de moradores, além de possibilitar um contato mais pessoal com os leitores. Essa experiência com profissionais e estudantes de outras áreas em ações do programa estimulou a oferta de vagas de estágios para alunos dos cursos de Psicologia, Pedagogia, Letras, Artes Cênicas etc., aproximando-os dos bolsistas de Biblioteconomia, propiciando a interação entre discentes. Nesse aspecto a participação num trabalho interdisciplinar demonstra a importância do processo de ensino/pesquisa/extensão que fundamenta o trabalho da Universidade e que foi relevante na minha formação profissional e de vida.

Apontando desafios

Um aspecto que na minha avaliação é dos mais importantes diz respeito ao processo de humanização e as relações construídas ao longo desta minha trajetória. Destaco alguns fatos para conhecimento dos leitores desse relato/memória, sem a preocupação com a sua

cronologia. Considero que a identificação com o trabalho social, realizado pelo programa, é um aspecto fundamental em relação à equipe e à comunidade atendida. Assim, conviver com pessoas com realidade socioeconômica e cultural das mais diversas, buscando interagir e fomentar ações, que pudessem contribuir na sua formação/informação é um processo dos mais desafiadores, ao mesmo tempo gratificante. Não menos importante é a relação com gestores da administração das cidades atendidas, em função dos benefícios propiciados pelo programa face à inexistência de bibliotecas públicas para atender a população. Os dados de atendimento e o tempo de permanência do Carro-Biblioteca demonstram o quanto é importante para os moradores. Há um reconhecimento, por parte da comunidade, sobre a importância da biblioteca, mas infelizmente esta não é prioridade dos administradores públicos. Essa situação há décadas impede que o programa se instale em outras comunidades.

Uma única experiência com êxito ocorreu em Sarzedo, onde comunidade da Escola Estadual Professor Ernesto Carneiro Santiago, liderada por sua diretora, executou o projeto de construção e organização de uma biblioteca pública comunitária no terreno da Escola. O arquiteto Ricardo Orlandi França, aluno de pós-graduação da Escola e arquiteto da UFMG, elaborou o projeto. O professor da ECI Ricardo Barbosa desenvolveu com seus alunos toda a parte de planejamento e organização da biblioteca, além de oferecer dois estagiários para acompanhar o processamento técnico da coleção.

A rotatividade de estagiários, no CENEX, em função da oferta de bolsas bem remuneradas em bibliotecas especializadas, propiciou a discussão e mudanças em relação aos bolsistas de extensão da UFMG. A introdução de uma visita técnica para que o aluno tivesse a oportunidade de conhecer melhor sua realidade de trabalho e manifestar sua percepção e expectativas permitiu também aprimorar a escolha de pessoas com maior identidade com o trabalho realizado pelo Carro-Biblioteca. Esse procedimento propiciou também a escolha de candidatos mais comprometidos com programas no seu aspecto social.

Destacando leitores e livros

Falar de um programa de promoção da leitura implica o registro de fatos que envolvem seus principais agentes, “os leitores”. A relação da equipe de trabalho com o público leitor sempre esteve pautada no compromisso de atender as demandas, auxiliá-los na escolha ou indicação de livros, seja para entretenimento ou informação. Os leitores participavam do processo de seleção sugerindo livros. Com os recursos limitados, era impossível atender toda a demanda, mas fazíamos rodízio entre as comunidades.

A interação com os leitores é, sem dúvida, fundamental para o programa. Alguns deixaram marcas e merecem registro, como a lembrança de um leitor que enquanto aguardava o Carro chegar gostava de fazer comentários sobre os livros. Contar histórias da Mina era sua preferência. Recordava o trabalho, suas mazelas e os constantes perigos enfrentados na Morro Velho. Dizia que os livros eram seu passatempo predileto, por isso levava horas na escolha de um título. Quando solicitava sugestão e não gostava, era sincero no retorno. Quando da indicação do livro *Enterrem meu coração na beira do rio*, relutou, cedeu aos argumentos da indicação e na semana seguinte chegou recomendando a leitura para outras pessoas, dizendo:

“- Esse livro modificou completamente minha opinião sobre os índios americanos, ainda bem que tive a oportunidade de ler.”

Sua preferência por livros com relatos de viagens, romances e biografias fazia dele um leitor particular na comunidade. Esteve sempre presente nos momentos de discussão da criação de uma biblioteca pública local.

Em Sarzedo, uma leitora descobriu a escritora Zélia Gattai. Leu todos os títulos que constavam na coleção. Maravilhada com seus textos, fez contato com a editora e enviou uma correspondência. Algum tempo depois ela recebeu da escritora uma carta carinhosa e um livro autografado. Esse fato motivou outras pessoas a conhecerem as obras.

Logo que o mercado editorial lançou os livros de imagem, alguns foram selecionados para o acervo do carro. Os da escritora Regina Rennó fizeram sucesso entre os leitores, mas eram recusados por muitos professores. É interessante comentar que vários argumentavam que eram inadequados às crianças em processo de alfabetização, por isso mandavam as crianças devolverem. Foi necessária a realização de uma oficina para desmistificar o argumento.

A poesia era o texto predileto das crianças, enquanto os adolescentes procuravam apenas nas datas comemorativas: “*dia das mães*” e “*namorados*”. Os quadrinhos também estão na lista de preferência dos leitores. Um aspecto interessante acontecia entre aqueles que não eram alfabetizados, eles procuravam sempre as revistas, demonstravam resistência em assumir sua condição de analfabetos quando indicávamos outro material.

Recordo também de várias mães que frequentavam o Carro-Biblioteca para levar livros para seus filhos pequenos, até descobrir o interesse pela leitura e iniciar sua inserção no programa. Muitos leitores conheceram Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Adélia Prado, Marcelo Rubens Paiva, Oswaldo França Júnior, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina etc. Nas ocasiões em que os clássicos da literatura eram apresentados nas telenovelas e/ou filmes, a procura pelos livros intensificava. Os leitores ficavam ávidos para o confronto entre livro e a adaptação. O livro *Tieta do Agreste* foi recordista em procura.

O convite a escritores, ilustradores, arte-educadores, especialistas de outras áreas para participar de atividades do Carro trouxe momentos inesquecíveis. Um exemplo foi a visita da escritora Alaíde Lisboa, que após ser identificada por uma leitora de *A bonequinha preta* pediu licença para colocar as mãos em seu rosto, para certificar que era a escritora.

Para os leitores adultos com pouca prática de leitura, a recomendação de textos como crônicas e/ou novelas, até mesmo livros

da literatura juvenil, foi estratégica para aqueles que resistiam a uma aproximação da leitura.

Apesar da crítica aos romances de bolso das séries Bianca, Júlia, Sabrina, etc., eles faziam parte da coleção. Em vários momentos, foram realizadas discussões sobre a manutenção ou não dos títulos. O acervo contava com uma coleção diversificada e composta por renomados escritores, com inúmeros clássicos da literatura brasileira e estrangeira e produção editorial de qualidade. Esse acervo literário bem formado garantia ao leitor o acesso a bons textos. Assim, nosso entendimento baseado nos objetivos do programa era de aproximar pessoas em torno da leitura e respeitar suas preferências, sem perder o foco de ao longo de sua trajetória como leitores apresentar a elas outros textos e escritores. Esse tema foi motivo de pesquisa de mestrado pela professora Lígia Maria Moreira Dummont, que entrevistou leitoras nas várias comunidades. Muitas leitoras, apesar da preferência pelos livros de bolso, leram outros romances.

Os momentos de participação em eventos externos a convite de instituições e os da própria Universidade como os Festivais de Inverno, Jornadas Culturais sempre foram considerados de importância para o Carro-Biblioteca. O critério de escolha das comunidades era o mesmo, os bairros da periferia eram os visitados. A participação no Festival de Inverno acontecia durante um mês. Isso foi significativo para a comunidade e a equipe, que muitas vezes realizavam ações integradas (cinema, oficinas de teatro, artes), possibilitando maior participação dos moradores.

Em muitas comunidades, a parceria com escolas era fundamental para garantir que as crianças tivessem acesso à leitura literária, mas era raro ter professores acompanhando os alunos. No contato com a escola, mostrava-se a necessidade de os professores conhecerem a coleção, para facilitar o trabalho de mediador com seus alunos.

O trabalho de incentivo à leitura muitas vezes levou a equipe do Carro a ultrapassar os limites da coleção. Na semana do folclore,

organizamos uma visita dos alunos da Escola Estadual Dona Augusta Nogueira, na Barragem Santa Lúcia, ao Museu de História Natural da UFMG. Uma atividade gratificante sob vários aspectos: cultural, social e humano, visto que havia crianças que conheciam apenas o limite geográfico da favela onde moravam. No percurso o ônibus passou pelo túnel e muitos deles experimentaram pela primeira vez aquela emoção. Passearam por diversos laboratórios, percorreram trilhas na mata onde encontraram personagens do folclore brasileiro, o fato representou uma aventura que reviveram por várias semanas.

Continuo acompanhando os acontecimentos na Escola. Hoje, o Carro-Biblioteca está mais moderno, com ambiente para inclusão digital, acervo informatizado e atendendo outras comunidades. Durante o período que atuei na Fundação Municipal de Cultura, da Prefeitura de Belo Horizonte, responsável pela Diretoria de Leitura e Informação, apresentei um projeto para utilização do antigo Carro-Biblioteca. O convênio assinado com a UFMG possibilitou a ampliação do programa de leitura na cidade. Considero o programa Carro-Biblioteca como a melhor possibilidade de democratização da leitura. Num país como o nosso, onde a leitura está restrita aos grandes centros e a quantidade de bibliotecas públicas é insuficiente para atender a população, valer-se de uma biblioteca móvel que vai ao encontro do povo bem como escrever sobre essa experiência é motivo de orgulho.

Sandra Helena Barroso

2002-2003

Atuei no Carro-Biblioteca nos anos de 2002 e 2003, sob coordenação das professoras Alcenir e Ana Cabral. Naquela época, atendíamos as comunidades Lindéia, São Benedito, Frimisa, Conjunto Felicidade e Barragem Santa Lúcia.

Exercitar a profissão de bibliotecária no Carro-Biblioteca foi uma experiência muito rica. Biblioteca, cultura e lazer podem ser

trabalhados de modo a construir pessoas. Por meio desse trio, o qual batizo de amoroso, construímos cidadãos. Você pode ler um livro pelos olhares do teatro e se divertir constituindo-se enquanto pessoa. Penso que a palavra biblioteca é complexa, porque existem múltiplos olhares ao percebê-la. Você pode criar a partir da leitura de uma obra histórias e cenas fantásticas, fazendo com que indivíduos de diversas faixas etárias interajam pelo mundo do conhecimento. A biblioteca é a janela para engendrar pelos caminhos da leitura, o teatro, um meio, e o lazer, a oportunidade. Que sejamos profissionais criativos. Baseando-me nessa proposta, relato o evento que marcou muito: Aconteceu no 34º Festival de Inverno da UFMG, em Diamantina, no ano de 2003. A estagiária Fernanda e eu criamos oportunidades de vivências lúdicas construtivas, quando, através de fantoches, conseguimos educar conscientemente as pessoas. Para as crianças trabalhamos com fantoches infantis, dando-lhes movimentos e ensinando-as a preservar o livro.

Nos asilos também utilizamos fantoches cantores, trabalhando a memória de cada interno da casa de repouso, através de músicas de suas épocas, principalmente serestas. Em cada janela, um fantoche e em cada olhar dos internos a impressão da alegria, divertimento e sociabilidade. Todos participaram e este fato me fez crescer enquanto ser humano e me fez perceber que com um gesto apenas podemos concretizar objetivos e realizar sonhos. Fiquei feliz porque aquele momento foi mágico e quebrou a barreira que chamamos de idade. Vi apenas pessoas se divertindo, contando casos, manipulando fantoches, manuseando livros de histórias e fazendo a sua história. É por aí que construímos nossa colcha de retalhos.

Quanto às crianças, em cada local que passamos, elas se divertiam. Com o intuito de educá-las para preservação do acervo, levamos um fantoche de nome Carro e outro de nome Biblioteca e essa dupla de brinquedos, inanimados, criou vida e assim elaborei o Hino do Carro-Biblioteca com a seguinte letra:



Personagem Carro e Personagem Biblioteca

HINO

Carro-Biblioteca, lá, lá, lá, lá, lá
Informação, Cultura e Lazer, lá, lá, lá, lá, lá
Carro-Biblioteca
É a informação que vai até você
Se eu estragar o livro!
Não, não estraga não!
Mas, se estragar?
Não terá informação!
E a informação é fonte do saber
É o Carro-Biblioteca que vai até você!

Portanto, cabe a cada profissional criar meios de exercitar sua profissão de forma gratificante. O âmbito acadêmico nos oferece a oportunidade de obtermos novos conhecimentos, bem como a aquisição de experiência pessoal e profissional, trabalhando em novas perspectivas as quais não havíamos tido oportunidade de construir.

Marília de Abreu Martins de Paiva 2004-2008

Por ocasião dos trinta e cinco anos do Carro-Biblioteca, escrevi uma curta homenagem de apreço e (já) de saudade⁸. Naquele momento eu me desligava do Projeto Carro-Biblioteca, onde fora bibliotecária por três anos e meio. Queria deixar um registro, queria que alguém mais soubesse do Carro-Biblioteca... Queria que alguém mais o amasse... Porque é caso de amor. Logo depois recebi várias mensagens de gente que leu minha mensagem e se lembrou do Carro, e se emocionou novamente com aquela inesquecível experiência, alguns tinham estado no Carro anos atrás... Hoje releio, eu mesma, o texto e revejo tudo, e novamente me emociono.

Primeiro é o carro: o veículo com sua beleza, seu balanço, seus cheiros e seus barulhos. A textura das estantes, as cores das lombadas dos livros, a estrada à frente, o sol sempre batendo na estampa colorida externa... A primeira viagem. Antes disso é preciso cuidar dele: abastecê-lo de combustível, de livros e de revistas, limpá-lo, prepará-lo para o destino do dia, para seus visitantes - que na verdade o Carro é que visita.

Depois é o destino: a chegada à praça ou à rua, a escolha do lugar mais quieto, mais visível, mais confortável, mais acessível. As pessoas já o veem da esquina e sorriem: essa imagem dezena de vezes repetida é sempre igual e única. São sorrisos de quem vê chegar a visita tão querida e esperada.

E acima de tudo estão as pessoas: há quem pense que o Carro-Biblioteca é cheio de livros, mas ele é mesmo cheio de pessoas. A primeira pessoa é o motorista. Não existe Carro-Biblioteca pleno sem motorista. O carro estacionado na garagem da Escola, cheio de livros e fechado, não é bem um veículo, porque não está indo a lugar algum; tampouco é uma biblioteca, porque está fechado, seco. É uma caixa,

8. *Os viajantes do Carro-Biblioteca e sua felicidade clandestina*, publicado no Boletim UFMG de 04/04/2008, disponível em <http://www.ufmg.br/boletim/bol1604/2.shtml>.

um vir-a-ser, uma possibilidade, um carro-bomba antes da detonação, uma potência não-se-sabe-do-quê, um armário trancado. É o motorista que faz o carro virar uma biblioteca, ir ao encontro dos seus. Se o motorista não vem, o carro não vai... Todo mundo vai ficar esperando lá na calçada e dentro dos livros: o estudante, o sonhador, a criança, o idoso, a cozinheira, o futuro cientista, o cientista morto... Todos os livros vão ficar esperando lá nas estantes. Depois que o Carro chega ao seu destino, o motorista fica ali dentro, vendo tudo acontecer... Tem gente que nem vê o motorista. Às vezes ele lê enquanto o tempo passa, às vezes ele sorri e bate um papo, às vezes ele contribui com sugestões aos usuários, às vezes ele fica invisível mesmo. Só reaparece quando a visita acaba e ele tem que desfazer a mágica: fechar o carro e levá-lo embora.

Outras pessoas que habitam o Carro-Biblioteca são os estagiários: com sorrisos, conversas e juventude, fazem as viagens tão ricas, tão diferentes... Dezenas (muito provavelmente mais de uma centena, em mais de 35 anos de Carro) de jovens estudantes de Biblioteconomia, Letras, Pedagogia, Comunicação Social e outros cursos mais experimentaram o conhecimento na prática do atendimento no Carro-Biblioteca. No Carro se aprende fazendo e refletindo. Ali as teorias, o planejamento e a execução dos serviços, depois o acompanhamento e a avaliação deles, tudo faz mais sentido porque se podem ver os rostos, sentir o calor e o cheiro dos usuários, ouvir suas vozes, suas necessidades e seus desejos. Quando, finda a viagem do dia e nos sentamos para fazer as estatísticas, ou quando, na semana seguinte, preparamos o Carro outra vez para retornar à comunidade, podemos entender mais o sentido da consolidação dos dados, o sentido de nossas decisões, o sentido das escolhas no desenvolvimento do acervo. O sentido da função social da profissão do bibliotecário.

Os usuários do Carro-Biblioteca são a outra ponta da corda: o porquê de tudo, o motivo de mais de 35 anos de sucesso, a razão dos livros surrados, das milhares de fichinhas organizadas em suas caixas, das lombadas amaciadas e das estantes ordenadas e desordenadas. Que

surpreendente pergunta pode nos fazer um usuário? Quantos livros ainda terão de ser escritos para que se consiga responder:

- Vampiros existem mesmo?
- Você tem livro pra quem quer ser ator?
- Você tem outro livro da Agatha Christie que eu ainda não tenha lido?
- Você tem qualquer livro do Bandeira?
- Vocês ainda têm aquele livro que tem uma floresta pegando fogo na capa?
- Você já leu todos esses livros?

Todo o livro do Grogan⁹ não seria suficiente para nos preparar. O serviço de referência no Carro-Biblioteca é um curso completo. Pesquisa na escola, pesquisa para a vida, livros nas horas insones, revistas para os dias úteis e receitas para os fins de semana também podem estar no Carro.

Os usuários, sem dúvida, são as pessoas mais importantes para o Carro, pois são sua razão de ser. Crianças, jovens, adultos e idosos, ambos os sexos, qualquer orientação sexual, qualquer crença ou descrença, qualquer indagação esotérica, qualquer ambição ou medo pode entrar no Carro, ou não. Tivemos uma vez um usuário que sofria de claustrofobia. Grande leitor, nos chamava à calçada – olhando para dentro do Carro com prazer e medo – e nos entregava materiais e nos pedia outros. Enquanto entrávamos para buscar seus pedidos, ele olhava com admiração e sorria, não sem alguma aflição. Lia muito, principalmente os grandes clássicos. Nunca entrou no Carro, seu medo o prendia lá fora. Um dia devolveu os livros e disse que não levaria outros naquela semana e nunca mais apareceu. Sentimos sua falta e nos perguntávamos por ele, que sempre estava só. Usuário do Carro era

9. GROGAN, D. J. *A prática do serviço de referência*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

assim: quando não vinha, a gente se preocupava, ficava imaginando a vida dele: o que será que aconteceu? Outros usuários vinham em grupo fixo: os mesmos juntos toda semana, ou na falta de algum, devolviam e levavam materiais para o ausente. Sabiam das leituras e dos gostos mútuos. Não era raro um olhar pro outro e dizer: “esse eu já li?” e “esse você vai/não vai gostar”.

Para todas essas pessoas, o Carro-Biblioteca tinha guardado outra grande comunidade: as pessoas que escreveram os livros. Sim, todos aqueles humanos: falsários, charlatões, cientistas, romancistas, visionários, políticos, meninas tímidas, rapazes intrépidos, senhoras ousadas, homens rancorosos, um imperador invencível ou à beira da morte. Todos os que um dia se sentaram à mesa ou se encostaram nalgum canto e começaram a escrever suas anotações, suas descobertas, suas reflexões, seus sonhos, suas lembranças, sua história, sua pesquisa, sua intimidade. Aquela mocinha judia, sonhando com o futuro, escrevendo em seu diário enquanto sua família vivia escondida por trás de um fundo falso de armário; aquele grande navegador que atravessou sozinho o Atlântico, e à noite olhava as estrelas; aquele poeta de vida pacata e medíocre, que deixou um legado de poetas e poesias à humanidade; aquele negro que saiu de uma vida miserável e se tornou um líder para muito além do seu tempo. Sim, para muito além do seu tempo. As pessoas que escreveram aqueles livros, que hoje moram provisoriamente nas estantes do Carro, estão à espera que alguém um dia passe os dedos e os olhos na lombada e os escolham. Alguma pessoa desse nosso tempo que possa ressuscitá-los e ouvi-los uma vez mais: a magnitude de sua vitória, a dor de suas perdas, a maravilha de suas descobertas, a primazia da sua experiência, a sedução de sua criatividade, sua pequenez, sua grandeza. Por momentos, se encontrarão pessoas de diferentes tempos e espaços através das tecnologias que acompanham a humanidade há milênios: a escrita, a leitura e seu objeto mágico, o livro. Nesse sentido é que Shera¹⁰ denominou o bibliotecário como “o supremo ligador do tempo”.

10. SHERA, Jessé. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. *Ci. Inf.* Rio de Janeiro, v.6, n.1, 1977. p.11.

O bibliotecário é mais um habitante do Carro-Biblioteca. É ele quem lida com as outras pessoas: o motorista, os estagiários, os usuários e procura gerenciar todos os processos em que essas pessoas agem. Sua formação lhe dá o arsenal e as ferramentas para observar as partes e ver o todo: planejar, conduzir, avaliar, refazer. Nunca fui infeliz sendo bibliotecária. O trabalho no Carro-Biblioteca, contudo, foi muito especial. As questões da biblioteca pública ficaram para mim de tal maneira relevantes que resultaram no meu mestrado. Minha experiência como aprendiz e mestre dos estagiários, no encontro diário com os usuários, foi ímpar. Todos nós deixamos o Carro transformados e melhores profissionais do que quando entramos, sem dúvida. Claro que poderíamos nos tornar excelentes profissionais, trabalhando em diversas unidades de informação, sem passar pelo Carro. Mas trabalhar no Carro qualifica especialmente o profissional: o fato de ele ir até o leitor torna a experiência filosófica de ir ao seu encontro uma experiência material, física. Isso marca. O Carro-Biblioteca marca. É isso.

Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes **2008 - atual**

O período de minha atuação no Carro como bibliotecária iniciou-se em 04/12/2008 onde permaneço até o momento presente. O Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação funciona das segundas às sextas-feiras no horário de 08h as 17h. Cada comunidade atendida pelo programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura recebe a visita do Carro uma vez por semana. O Carro-Biblioteca tem um ponto fixo em cada comunidade, permanecendo pelo período de duas horas.

Os serviços que oferecemos aos usuários são: atendimento, orientação para leitura, pesquisa escolar e estudo autônomo, empréstimos e reservas do acervo, além das atividades desenvolvidas pelos bolsistas dos projetos que integram o Programa.

Os usuários do Carro-Biblioteca são formados por crianças e jovens, de todas as idades e sexo, adultos e idosos, principalmente

do sexo feminino. Quanto à escolha de leitura dos usuários das comunidades, as preferências dos leitores são: pelos gibis (histórias em quadrinhos), literatura brasileira, literatura estrangeira, literatura infanto-juvenil, romances seriados como Júlia, Sabrina e Bianca, revistas para adultos, seguindo a ordem apresentada.

Para oferecer serviços de informação aos usuários, nas comunidades, os materiais bibliográficos são selecionados tendo em vista as sugestões e solicitações dos usuários; quando há recurso financeiro disponível para compra, procura-se adquirir também as novas publicações do mercado editorial, e ainda são considerados critérios para seleção do acervo: escassez do material, atualidade e qualidade do assunto, integridade e boas condições de uso do material e a quantidade de exemplares necessários para atendimento da demanda dos usuários.

No serviço de tratamento e controle do acervo, realizam-se o processamento técnico e a organização dos materiais bibliográficos, de forma a atualizar o acervo, permitir a disponibilização e facilitar a localização desses materiais pelos usuários. Já utilizado pelo Sistema de Bibliotecas da UFMG, o Sistema Pergamum foi implantado no CENEX em 2009 para dar início às atividades de informatização do acervo do Carro-Biblioteca e para futuramente ser adotado nas atividades de circulação, referência, cadastro, relatórios, pesquisa remota do acervo e outros. Atualmente, essas atividades são realizadas manualmente.

Antes da saída do Carro para as comunidades, o acervo disponível é reorganizado; se houver espaço nas estantes do Carro, os materiais bibliográficos são renovados para disponibilizar novas informações aos usuários; se houver reservas, também são separadas e disponibilizadas para emprestar aos usuários. Os fichários e pastas são levados para realizar o trabalho de empréstimos, devoluções e cadastro do usuário. Após a chegada, são realizadas as estatísticas dos atendimentos e, se necessário, o reparo de materiais bibliográficos.

Durante a permanência do Carro nas comunidades, são realizados os serviços de referência que integram as atividades de atendimento,

empréstimo domiciliar, pesquisa e divulgação da informação, ou seja, é o serviço responsável pela disponibilização da informação e acesso aos recursos informacionais.

Em 2008, as comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca foram Ipiranga, em Belo Horizonte (segunda-feira à tarde), Lagoa, em Belo Horizonte (terça-feira pela manhã), São Benedito, em Santa Luzia (quarta-feira à tarde), Lindéia, em Contagem (quinta-feira pela manhã) e Frimisa, em Santa Luzia (sexta-feira à tarde). Em 2009, as comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca foram Ipiranga, em Belo Horizonte (segunda-feira pela manhã), Bonsucesso, em Vespasiano (terça-feira pela manhã), São Benedito, em Santa Luzia (quarta-feira à tarde), Lagoa, em Belo Horizonte (quinta-feira pela manhã) e Frimisa, em Santa Luzia (sexta-feira à tarde). Em 2010, as comunidades atendidas são Ipiranga, em Belo Horizonte (segunda-feira à tarde), Bonsucesso, em Vespasiano (terça-feira de manhã), São Benedito, em Santa Luzia (quarta-feira à tarde), Lagoa, em Belo Horizonte (quinta-feira à tarde) e Frimisa, em Santa Luzia (sexta-feira de manhã).

Em 2008, o Programa Carro-Biblioteca foi coordenado pela Prof^a. Ana Maria Rezende Cabral e integrado pelos projetos “Carro-Biblioteca: leitura e inclusão digital”, também coordenado pela Prof^a. Ana Maria Rezende Cabral, “Boletim Bairro a Bairro”, coordenado pela Prof^a. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, e “Educação para a preservação: uma estratégia para a conservação de acervos bibliográficos”, coordenado pela bibliotecária Rosemary Tofani Motta. Em 2009, o Programa foi coordenado pela Prof^a. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e integrado pelos projetos “Encontros de Leitura”, coordenado pela Prof^a Maria da Conceição Carvalho, “Inclusão Digital: o Carro-Biblioteca como telecentro”, coordenado pela Prof^a. Marta Macedo Kerr Pinheiro, “Boletim Bairro a Bairro”, coordenado pela Prof^a. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, e “Educação para a preservação: uma estratégia para a conservação de acervos bibliográficos”, coordenado pela Rosemary Tofani Motta. Em 2010, o Programa é coordenado pela Prof^a. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e está integrado pelos projetos “Encontros

de Leitura”, coordenado pela Prof^a Maria da Conceição Carvalho, “Inclusão Digital: o Carro-Biblioteca como telecentro”, coordenado pela Prof^a. Marta Macedo Kerr Pinheiro, “Boletim Bairro a Bairro”, coordenado pela Prof^a. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, “Educação para a preservação: uma estratégia para a conservação do patrimônio cultural”, coordenado pela Rosemary Tofani Motta, e “A Cidadania da Infância em Hipermídia: educação para os direitos da criança nos 20 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente”, coordenado pela Prof^a. Maria Guiomar da Cunha Frota.

Além das atividades essenciais para o bom funcionamento e atendimento do usuário, o Carro-Biblioteca promove atividades de incentivo à leitura e participa de eventos como exposições, feiras, festivais etc. As participações nos eventos são importantes para o incentivo e a promoção de espaços de leitura, bem como a divulgação de modo dinâmico das atividades e dos serviços desenvolvidos pelo Carro-Biblioteca.

O Carro-Biblioteca mantém parcerias com as comunidades atendidas através de instituições locais como igrejas, escolas, postos de saúde, projetos sociais e outros. As comunidades interessadas em se beneficiar das visitas semanais do Carro devem enviar solicitação ao CENEX/ECI informando o endereço possível do local de parada e o número estimado de usuários beneficiados. Ainda são avaliados como critérios de inclusão de comunidades no projeto: não possuir, nas mediações, centros de informação ou bibliotecas em funcionamento e admitir percurso máximo de 30 minutos partindo da UFMG (Pampulha) ao ponto de parada.

Todo o trabalho desenvolvido pelo Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura visa a democratizar a informação, possibilitar o acesso à leitura, incentivar a formação de leitores e possibilitar a inclusão no mundo letrado e digital nas comunidades carentes da região metropolitana de BH.

COM A PALAVRA, OS LEITORES

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte¹

Paola Cristine da Silva Evangelista²

Isabella Inês de Oliveira Silva³

Natasha Regina Vieira da Fonseca³⁴

Gustavo Henrique A. de Miranda⁴

Glaucele da Silva Sobrinho, Thainá Isabela Barbosa³⁵

Maria Ribeiro da Silva, Jefferson Miller⁵

Valquíria P. de Oliveira Ribeiro³⁶

Samuel de Oliveira Ribeiro³⁶

Leonardo Soares Pereira⁶

*A palavra que é escrita
Talvez seja a que mais fala
Traduz o que o peito grita
Sempre que a boca se cala
(Miriam Panighel Carvalho)*

Tarefa hercúlea, quiçá impossível, a de selecionar entre tantos leitores e usuários alguns para representar todo o público do Carro-Biblioteca. Para falar em nome de tantos, que recebem a equipe dessa biblioteca itinerante semanalmente, optamos por reproduzir aqui textos que compuseram uma edição especial do Boletim Bairro a Bairro,

1. Coordenadora do projeto Boletim Bairro a Bairro à época da coleta e publicação dos textos dos leitores (2009).

2. Bolsista do projeto Boletim Bairro a Bairro responsável, juntamente com a coordenadora do projeto, pela edição do número especial publicado em outubro de 2009.

3. Leitora da comunidade Bonsucesso (Vespasiano).

4. Leitores da comunidade Lagoa (Belo Horizonte).

5. Leitores da comunidade São Benedito (Santa Luzia).

6. Leitores da comunidade Frimisa (Santa Luzia)

publicada em outubro de 2009, por ocasião das comemorações do Dia das Crianças (12 de outubro), do Dia Nacional do Livro (29 de outubro), do Dia Nacional da Leitura (12 de outubro), e do Dia do Poeta (20 de outubro). A edição foi organizada pela então bolsista do projeto “Boletim Bairro a Bairro”, Paola Evangelista, a partir de textos elaborados por usuários das comunidades Bonsucesso, Lagoa, São Benedito e Frimisa. Com a palavra, os leitores!

Os Livros e Eu

Isabella Inês de Oliveira Silva, 11 anos - Bonsucesso



Minha história com os livros começou quando eu era ainda muito pequena.

Mamãe diz que antes de completar três anos de idade eu já vivia com cadernos, livros e lápis na mão e que eu não ficava satisfeita em apenas olhar as gravuras e, então, eu ficava brava e perguntava:

– Mamãe, o que é que está escrito aqui?

Por isso ela começou a me ensinar a ler e aos quatro anos de idade eu já sabia ler qualquer coisa.

Eu gosto de ler gibis, livros infantis, juvenis e principalmente os livros do Pedro Bandeira.

Quando li o *Fantástico Mistério de Feiurinha*, me diverti demais. Acho que é o melhor livro que já li. Gostei, principalmente, do modo que o autor descreve as bruxas Ruim, Malvada, Pior ainda e Belezinha que era o bebê mais feio do mundo e que já havia nascido birolha, caspenta, com dente cariado e verruga no nariz.

Após ler livros maravilhosos, me tornei cada vez mais apaixonada por vários tipos de livros. Eu acho maravilhoso que o Carro-Biblioteca da UFMG esteja aqui bem pertinho de casa, porque assim tenho oportunidade de me aproximar cada vez mais dos livros e conhecer novos autores.

O Carro-Biblioteca na minha vida

Glaucele da Silva Sobrinho, 24 anos – São Benedito

Não sei ao certo quando o Carro-Biblioteca começou a visitar minha comunidade, mas sei que quando eu tinha oito anos já pegava livros para fazer meus trabalhos da escola e para ler nas horas vagas. Hoje, aos 24 anos, parando para analisar minha trajetória enquanto leitora, percebo a importância do Carro-Biblioteca em minha vida.

Minha trajetória escolar começou na Escola Estadual São João da Escócia, local onde fiz todo meu ensino fundamental e de parada do Carro-Biblioteca. Como minha família não tinha condições socioeconômicas de comprar livros e revistas, foi no Carro-Biblioteca que obtive acesso para me formar enquanto leitora e para realizar meus trabalhos escolares.

No ensino médio, desta vez estudando na Escola Estadual Leonina Mourthé de Araújo, continuei realizando empréstimos. Até os livros indicados para o vestibular da UFMG peguei no Carro-Biblioteca.

Atualmente estou no 8º período de Pedagogia na UFMG e mesmo tendo acesso às bibliotecas universitárias, não me desvinculei do Carro, pois sei que mesmo formando o Carro-Biblioteca continuará a fazer parte da minha vida enquanto leitora e enquanto pedagoga, me ajudando a selecionar livros para meus futuros alunos.

O Carro-Biblioteca em minha comunidade

Natasha Regina Vieira da Fonseca, 13 anos – Lagoa



Nesta foto notamos que o Carro-Biblioteca não leva apenas os livros para nos emprestar, mas leva a informática também. Nela vemos a alegria das pessoas estampada na cara. Vemos que o Carro-Biblioteca tenta de uma forma tirar as crianças da rua, da marginalidade, leva elas para escola, para os livros, para o bom caminho.

A foto nos revela os felizes rostos que prestigiam e apoiam a dádiva que nos é fornecida pelo Carro.

Nunca vi nem ouvi pessoas falando mal do serviço, apenas ouço elogios: “Nossa, os voluntários do Carro-Biblioteca são tão atenciosos” ou “este serviço é muito bom” etc.

Eu já experimentei a inclusão digital que eles levam e garanto que é maravilhoso. Eu adoro as quintas-feiras, pois sei que eu não levo só livros. Levo boas energias e o mundo para casa.

Nós, moradores do bairro Lagoa, recebemos vocês como nossa família. Obrigado por trazer mais alegria e satisfação à nossa comunidade.

Sorriso

Gustavo Henrique A. de Miranda, 11 anos - Lagoa

Como é bom sorrir e este ônibus faz as pessoas sorrirem por causa dos livros que ele traz com histórias divertidas, engraçadas etc. Este ônibus também está trazendo computadores, não só para ele, mas para as pessoas, para crianças brincarem, tirar as suas dúvidas com o monitor, que não só ajuda as crianças nos computadores, ajudam também as pessoas que vêm pegar os livros ou entregar ou fazer inscrição.

Todos os livros que eu li são interessantes, mas os que eu mais gostei são *Os animais*, *Histórias de marinheiros*, *A vida dos insetos*. Então, é isso que eu acho do ônibus. Obrigado! FIM.

O Carro-Biblioteca em minha vida

Thainá Isabela Barbosa, 11 anos - São Benedito

Algum tempo atrás, eu podia dizer que leitura para mim era verdadeiro sofrimento. Sempre vinham reclamações da escola para minha mãe, que eu não fazia produção de texto em sala de aula. Na verdade, eu não conseguia mesmo. Eu entrava na biblioteca da escola e via tantos livros que saía de lá desanimada. Eu não tinha paciência de procurar um livro para ler.



Em 2007, meu irmão me levou com ele para pegar um livro no Carro-Biblioteca. Eu achei esquisito quando vi um ônibus na calçada da escola, uma escada estranha e algumas pessoas entrando lá dentro. Eram recebidos por jovens alegres e muito educados, que acompanhavam as pessoas. Quando entrei lá dentro, vi aquele tanto de livros e as pessoas que acompanhavam queriam saber o nosso gosto pela leitura e iam

sugerindo outros livros. Aquilo me deixou tão à vontade que quase toda semana eu pegava revistinhas e livros em nome do meu irmão.

Hoje fico doidinha para chegar quarta-feira. É o dia que o Carro vem. Fiz até minha ficha pessoal e para provar o quanto o Carro-Biblioteca passou a fazer parte de minha vida eu quis participar com esta redação.

Que o Carro-Biblioteca continue fazendo parte de nós!

O Carro-Biblioteca em minha vida

Maria Ribeiro da Silva, 52 anos – São Benedito

O Carro-Biblioteca sempre foi e será muito importante na minha vida, pois através dele pude viajar e conhecer várias cidades e pude sentir muitas emoções.

Deixando muitas vezes queimar o arroz, pois estava viajando, conhecendo a “Ladeira da Saudade”, caminhando pelas ladeiras de Ouro Preto, jogando o Jogo do Contente de “Polyana”, sentindo as emoções de um cabo de vassoura, engraxando os sapatos com Tônico, às vezes comendo um sanduíche de mortadela como o Carniça.

São tantas as emoções e aventuras que vivi que precisaria de um milhão de folhas para escrever. Espero que o Carro-Biblioteca nunca deixe de vir no meu bairro, trazendo emoções e conhecimento para todos.

O Carro-Biblioteca em minha comunidade

Jefferson Miller, 17 anos – São Benedito

Através de uma grande curiosidade, descobri algo que mudou minha vida: o Carro-Biblioteca. Ao saber de sua existência em minha comunidade fiquei muito feliz porque sabia que desfrutaria de algo bom, que me proporcionaria mais conhecimento através da leitura.

O Carro-Biblioteca me faz viajar a um mundo fantástico, mágico e prazeroso, onde adquiero o saber através de uma viagem de poucas horas, que me faz descobrir mundos.

A interação e o contato com os auxiliares da leitura (os estagiários) é fundamental, orientando-nos e ajudando, desenvolvendo conosco o trabalho de leitura. Sem contar que é muito divertido estar com eles, porque eles passam para o usuário do Carro bastante amor em exercer sua função, fazendo com que a leitura seja mais agradável e com que nos apaixonemos cada vez mais pela leitura e por eles. Por onde quer que eles vão, eles continuam cativando pessoas com sua dedicação e amor para conosco, que é bastante importante. Com toda essa declaração, expresseo meu carinho e amor em ser usuário do Carro em minha comunidade.

O Carro-Biblioteca em minha vida

Valquíria P. de Oliveira Ribeiro, 42 anos - Frimisa

As lembranças que o Carro-Biblioteca me traz são as melhores possíveis. Minha história com o Carro-Biblioteca já completou mais ou menos trinta anos. Na minha adolescência eu já gostava muito de ler, e minha mãe sempre falava com todos em minha casa, que se não tínhamos nada a fazer, que fôssemos ler.

A vinda do Carro em minha comunidade foi a melhor coisa que aconteceu para mim e para muitas pessoas que como eu adoravam viajar nas leituras. Até hoje, caso vocês pesquisarem, vão constatar que os leitores de muito tempo atrás agora trazem filhos para conhecerem e se apaixonarem por vocês e pelo trabalho de vocês. Vocês são parte da comunidade.

Na época em que comecei a frequentar o Carro-Biblioteca, vocês sabiam que o lugar em que ficava estacionado ainda é o mesmo?

No lugar dessas construções que vocês hoje veem quando chegam à comunidade, acreditem, havia um lindo pé de Flamboyant, com

enormes raízes, que por várias vezes serviram de bancos para que pudéssemos ler os nossos livros.

A turma que vinha nos acompanhar e orientar era muito legal e eu acabei por participar de um concurso de redação igualzinho a este e ganhei um livro que hoje em dia dei para o meu filho, que completa sete anos no próximo dia 29 de maio.

É muito bom ver aquele ônibus todo colorido chegando e nos convidando a ler, mesmo que os tempos de hoje sejam de ficar em *lan houses* ou em casa em frente ao computador. A presença de vocês confirma que o livro faz e tomara que sempre faça parte da vida de muitos. A importância desse estímulo é enorme e meu filho um dia poderá fazer o mesmo que eu; contar um pouco do que é ler e se aventurar e amar os livros como minha mãe sempre me incentivou. Adoro vocês!

O Livro Legal

Samuel de Oliveira Ribeiro⁷, 7 anos – Frimisa

No ano passado eu comecei a pegar livros e ainda não gostava de ler livros e depois gostei de ler. Então eu li a revista do Scooby-Doo e gostei muito. Agora eu leio livros e revistas porque todos são muito legais. Eu adoro os livros!

Carro-Biblioteca

Leonardo Soares Pereira - 10 anos - Frimisa

Por que eu vou ao Carro-Biblioteca:

Vou ao Carro porque amo ler. Não só por isso, mas também porque



7. Samuel é filho de Valquíria.

preciso ler bem, pois estou na 4ª série e na minha sala tem muitos meninos que parecem não ler bem.

Por que leio:

Eu leio para saber as histórias e contos que não conheço.

O que gosto no Carro:

Literatura juvenil e infantil.

O que pretendo estudar:

Literatura brasileira e histórias da América do Norte, Central, Sul e etc.

Toda sexta estarei lá.

Abraços

**TEMPO E PERCURSO INSTITUCIONAL:
a cronologia do Programa de Extensão Carro-
Biblioteca: Frente de Leitura da ECI/UFMG 1973-2010**

Alcenir Soares dos Reis

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

Gesner Francisco Xavier Junior

Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes

Maria Aparecida Moura

Maria Guiomar da Cunha Frota

Marília de Abreu Martins de Paiva

Vera Lúcia Furst Abreu

INTRODUÇÃO

A decisão da publicação desta cronologia referente ao programa de Extensão Carro-Biblioteca: Frente de Leitura, anteriormente denominado Carro-Biblioteca, foi motivada pela importância de evidenciar as ações desenvolvidas pelo Programa ao longo do período 1973-2010. A orientação que norteia sua realização se faz embasada na perspectiva de que efetivar o resgate histórico do percurso institucional do Carro-Biblioteca implica compreender sua trajetória, que se traduz nas ações dos sujeitos, tanto na dimensão individual quanto coletiva e que suas atividades e trabalhos conferem sentido à existência do Programa.

Integrando-se as considerações explicitadas anteriormente, acredita-se que memória e esquecimento são faces da mesma moeda e quando buscamos deixar registrados os fatos, o que desejamos é lutar contra o esquecimento e o apagamento da memória, da identidade e das ações dos homens. A partir dessa ótica, a cronologia apresentada quer trazer, tanto para a memória institucional quanto para aqueles

que passaram e irão passar pelo Programa Carro-Biblioteca, que sua feição atual decorre do esforço coletivo, manifesto nos diferentes posicionamentos que marcam, ao longo de sua história, os acertos, recuos e avanços.

As decisões e diretrizes que orientaram as opções relativas ao programa ao longo deste percurso trazem como elemento subjacente as visões de mundo, os compromissos éticos e sociais que mobilizaram a cada momento o fazer fundamental da Extensão e da Universidade. O percurso revela ainda como, institucionalmente, nos comprometemos com o avanço do conhecimento e com a realidade social.

Em termos históricos, o início das atividades de sistematização das informações relativas ao Programa foi iniciado por Vera Lúcia Furst Abreu em 1993 e consolidada para o período de 1994-2005 pela bibliotecária Marília de Abreu Martins de Paiva, tendo se efetivado também a atualização dos dados referentes a 1998 e 1999, respectivamente pelas Professoras Maria Aparecida Moura e Maria Guiomar da Cunha Frota. A essas informações agregam-se ainda as constantes dos documentos do Programa nos quais Paiva (2005; 2006; 2007), Sirihal Duarte (2008; 2009) e Gomes (2010) deram continuidade aos registros, fatos que se evidenciam na presente cronologia.

É importante ainda acrescentar que através do Projeto “Informação, Memória e Tecnologia Social”, e dos subprojetos “Acervos da memória institucional: a produção da extensão da UFMG”, “Informação e tecnologias sociais: acesso e difusão” e “Formação e tecnologias sociais: um caminho para autonomia de agentes comunitários”, desenvolvidos no período de 2005-2006, deu-se início ao resgate da Memória do Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura através de entrevistas com a Pró-Reitora Adjunta Maria das Dores Pimentel, dos ex-coordenadores e da bibliotecária já aposentada; procedeu-se também à organização e digitalização do acervo fotográfico.

Vale também mencionar, como elemento fundamental do trabalho que vem sendo realizado pelo Programa, a contribuição dos

funcionários, bolsistas, estagiários e voluntários no decorrer deste longo período, haja vista que no contexto das atividades cotidianas de visitas do Carro-Biblioteca estes atuam na efetividade da interlocução com os usuários, colaborando para que o compromisso de acesso à informação se realize de forma contínua e sistemática.

Desta forma, os dados que se apresentam não traduzem só a dimensão do tempo e/ou uma linearidade temporal, mas fatos históricos e opções humanas que não devem ser interpretadas como meras decisões neutras, mas escolhas que traduzem compromissos éticos e sociais bem como opções históricas e políticas.

Portanto, os dados são apresentados de acordo com os seguintes tópicos: 1. “A cronologia como tradução da memória: visão retrospectiva do Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura”; 2. “A sistematização e a consolidação da cronologia: os dados da memória” que revelam uma visão global em termos dos trabalhos e ações realizadas, devendo atentar que estes não se apresentam como um simples espelho, mas material instigante para a pesquisa, a reflexão e a crítica de forma a atuar como instrumento de transformação e mudança.

A Cronologia como Tradução da Memória: visão retrospectiva do Programa Carro Biblioteca: Frente de Leitura

O Programa Carro-Biblioteca teve início com o estabelecimento do convênio firmado entre o Instituto Nacional do Livro (INL) representado pela Titular, a bibliotecária Maria Alice Barros e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo Reitor o Prof. Marcello Vasconcelos Coelho e como Diretora da Escola a Profa. Jandira Batista de Assunção, no dia 25 de abril de 1973. O veículo, cedido sob a forma de comodato à Escola de Biblioteconomia, atualmente Escola de Ciência da Informação (ECI), era uma Kombi-Volkswagen devidamente equipada com estantes expositoras de livros, poltronas internas, cadeiras e mesas para utilização externa, materiais

para atividades culturais, equipamento de som externo, bagageiro no teto e provida de um acervo de 1.500 livros.

O início das atividades do Programa se deu a partir de 3 de setembro de 1973, atendendo aos bairros da periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte e cidades adjacentes, destacando-se para sua atuação os seguintes objetivos:

- a) facilitar o acesso à informação através do empréstimo de livros, revistas e outros materiais ao público que o frequenta;
- b) desenvolver o trabalho de ação cultural junto às comunidades, propiciando a emergência de suas manifestações culturais;
- c) contribuir para o desenvolvimento do processo educacional através do suporte às atividades escolares e orientação à pesquisa;
- d) estimular o gosto pela leitura, a dimensão de análise crítica e propiciar o desenvolvimento do espírito de cooperação e solidariedade entre os seus usuários;
- e) constituir-se em espaço de estudos e pesquisas, propiciando a inter-relação ensino-pesquisa-extensão.

Em 1988, sendo Reitor o Prof. Cid Veloso e na Diretoria da Escola de Biblioteconomia a Profa. Marília Junia de Almeida Gardini e na coordenação do CENEx a Profa. Ana Maria Rezende Cabral, fez-se a aquisição de um micro-ônibus visando a atender a demanda cada vez mais volumosa advinda das comunidades. Em razão dessa necessidade, o micro-ônibus foi adaptado com estantes para acolher o acervo e fez-se também a aquisição de um aparelho de televisão, que substituiu a antiga Kombi cedida pelo INL. Esse período é marcado ainda pelo fato de a Universidade ter assumido integralmente o programa, responsabilizando-se pelas despesas dele decorrentes: manutenção do carro, combustível, equipe de trabalho, bolsas de extensão e material de consumo.

Em momento posterior, tendo em vista as mudanças observadas na sociedade, notadamente em termos dos desafios da sociedade da informação, tornou-se importante que o Carro-Biblioteca incorporasse em suas atividades as novas tecnologias de informação e comunicação, realidade que provocou a necessidade de ampliação do escopo do projeto que se encontrava em vigência. Em decorrência dessa nova realidade, foi colocado como objetivo a proposta de um novo carro – projetos apresentados em 2002 e em 2004 - que permitisse incluir no seu espaço físico as possibilidades de inclusão digital, proposição que foi viabilizada através da Emenda Constitucional nº 13.392.0168.1521, com recursos obtidos pela Profa. Maria Cecília Diniz Nogueira a partir da concepção e do projeto elaborado por Cabral e Reis (2002; 2004), tendo se responsabilizado pelo projeto da estrutura interna do ônibus o arquiteto Ricardo Orlandi França.

O novo ônibus, com as possibilidades de inclusão digital, foi inaugurado em 13/03/2006 com a presença da Reitora Profa. Ana Lúcia Gazolla e do Ministro das Comunicações, Hélio Costa. A direção da Escola era exercida pelo Prof. Eduardo José Wense Dias e a Coordenadora do CENEx era a Profa. Ana Maria Rezende Cabral. Quanto ao micro-ônibus, que se encontrava em condições de uso, foi cedido por acordo entre a Escola de Ciência da Informação, da Pró-Reitoria de Administração da UFMG, sendo repassado ao Governo Municipal, através da Fundação Municipal de Cultura.

Em termos estruturais, o novo veículo, atualmente em uso, corresponde a um ônibus urbano, sendo equipado com livros, periódicos e, também, com recursos de multimídia e informática, com computadores conectados à Internet via satélite, telão de projeções, aparelho de DVD, televisão 34 polegadas, filmadora, câmera fotográfica, impressora e com facilidades de acesso para portadores de necessidades especiais.

A Sistematização e a Consolidação da Cronologia: os dados da memória

Prosseguindo, apresenta-se a seguir os dados que foram consolidados, ordenando-os em termos dos seguintes subtópicos:

- a) Pessoal participante do Programa (coordenadores, subcoordenadores); Pessoal Técnico (bibliotecários e pessoal administrativo); Motoristas; Discentes (bolsistas e estagiários) - QUADROS 1 a 4.
- b) Comunidades atendidas com o Programa (relação dos locais atendidos) - TABELA 1.
- c) Serviços prestados (acervo, visitas e empréstimos realizados) - TABELAS 2 a 4.
- d) Atividades de formação curricular (estágios efetivados por discentes) - QUADRO 5.
- e) Produção científica e técnica - QUADRO 6.
- f) Eventos e participação em ações acadêmicas e/ou comunitárias - QUADRO 7.

QUADRO 1 - Coordenadores e Subcoordenadores do Programa Carro-Biblioteca - Período 1973-2011

PERÍODO	Coordenador(a)	Subcoordenador(a)
1973 - 1974	Ana Maria Athayde Polke	
1975 - 1978	Márcia Milton Vianna	
1979 - 1981	Carolina Angélica Barbosa Saliba	Mônica Cardoso Pitella / Maria Romano Shreiber
1982 - 1982	Lígia Maria Moreira Dumont	Maria Romano Shreiber
1983 - 1985	Maria Christina Mello Ferreira Pinto	Ana Maria Rezende Cabral
1986 - 1986	Maria Christina Mello Ferreira Pinto	Lígia Moreira Dumont
1987 - 1988	Ana Maria Rezende Cabral	Lígia Maria Moreira Dumont
1989 - 1990	Lígia Maria Moreira Dumont	Odília Clarck Peres Rabelo
1991 - 1991	Lígia Maria Moreira Dumont	Marlene Edite Pereira Rezende
1992 - 1992	Lígia Maria Moreira Dumont	Vera Lúcia Furst Gonçalves de Abreu
1993 - 1993	Vera Lúcia Furst Gonçalves de Abreu	Carolina Angélica Barbosa Saliba
1994 - 1997	Mônica Cardoso Pitella	Márcia Milton Vianna
1998 - 1998	Maria Aparecida Moura	Mônica Cardoso Pitella
1999 - 1999	Maria Guiomar da Cunha Frota	
2000 - 2001	Lídia Alvarenga	
2002 - 2005	Alcenir Soares dos Reis	Ana Maria Rezende Cabral
2006 - 2006	Alcenir Soares dos Reis Marta Eloísa Melgaço Neves	Ana Maria Rezende Cabral Marília de Abreu Martins de Paiva
2007 - 2008	Ana Maria Rezende Cabral	Adriana Bogliolo Sirihal Duarte
2009 - 2010	Adriana Bogliolo Sirihal Duarte Cíntia Azevedo Lourenço	

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

QUADRO 2 - Equipe Atual de Apoio Administrativo e Técnico

NOMES

Ana Luisa de Vasconcelos Terto
Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes
Gilma Pereira de Oliveira
Rubia Ribeiro Menezes
Edson Lucide do Nascimento

QUADRO 3 - Equipe de Apoio Administrativo – Período 1973-2010

NOMES

Ceuzimar Barbosa do Carmo
Cláudia Márcia de Lucas
Edson Lucide do Nascimento
Hudson Luiz B. Oliveira
João Amâncio dos Reis
Marília de Abreu Martins de Paiva
Marlene Edite Pereira de Rezende
Rogério Bento Duarte Nunes
Rosália Monte Raso Freire Maia
Sandra Helena Barroso
Valdir Rosa da Silva
Viviany Maria Braga de Carvalho
Waldo Angelino
Wiler Gonçalves Ferreira

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

QUADRO 4 - RELAÇÃO EQUIPE DE BOLSISTAS/ESTAGIÁRIOS - Período 1973-2010 - Divisão Anual

PERÍODO BOLSISTA / ESTAGIÁRIO

1973-1982 1973 - Márcia Milton Vianna, Maria Eugênia Albino de Andrade e Mary Dantas.
1974 - Deise Andrade Costa Pinto, Madalena Martins Lopes, Márcia Milton Vianna, Maria Helena Santos e Solange Maria Teixeira Massot.
1975 - Beatriz Marçola Lott, Cassandra Guimarães de Freitas, Jussara Maria Almeida, Madalena Martins Lopes, Maria Madalena Santos e Silvana Reis Bastos.
1976 - Beatriz Marçolla Lott, Geni Barbosa Pereira Campos, Jussara Naria de Almeida Ferreira, Marcia Cançado Silva, Maria Judite Alves Pacheco, Marília Márcia Salgueiro e Silvana Reis Bastos.
1977 - Marcia Cançado Silva, Maria Judite Alves Pacheco e Marli Perilo
1978 - Azenir Marques, Estér Alves Araújo, Juliana Gomes Baptista, Jussara Amorim Carvalho, Maria Bernadete da Costa, Maria Nancy da Costa e Verônica Paiva Leal.
1979 - Eliane Santos Amaral, Jussara Amorim de Carvalho e Maria Ângela dos Santos.
1980 - Denise Maria Pinheiro de Carvalho, Fernando Alberto Dias, Humberto Lara, Muracy Nunes Coleho, Maria Amélia Ribeiro Bahia e Maria Eliza Americano do Sul Barcellos.
1981 - Fernando Alves Dias, Gisélia Maria de Oliveira, Judith de Oliveira Souza, Maria Elisa Americano do Sul Barcellos, Miramar Rodrigues de Oliveira, Rosaly Sena Barbosa e Wilson Borges Bougleux.
1982 - Adina Regina do Nascimento, Ariadne Antunes Vilaça, Carlos Eduardo Paiva de Oliveira, Delma Maria dos Reis Rezende, Denise Maria Jorge, Eliane Alves Marra, Humberto Lara, Maria Ângela Ferreira de Almeida, Miramar Rodrigues de Oliveira, Narcisa Helena Moreira Pessoa, Rosaly Isabel Senra Barbosa, Rosana Matias de Souza e Sílvio Brás Moreira.

QUADRO 4 - RELAÇÃO EQUIPE DE BOLSISTAS/ESTAGIÁRIOS - Período 1973-2010 - Divisão Anual (continuação)

PERÍODO BOLSISTA / ESTAGIÁRIO

- 1983-1992 1983 - Adina Regina do Nascimento, Ariadne Antunes Vilaça, Carlos Eduardo Paiva de Oliveira, Delma Maria dos Reis Rezende, Denise Maria Jorge, Eliane Alves Marra, Humberto Lara, Maria Ângela Ferreira de Almeida, Miramar Rodrigues de Oliveira, Narcisa Helena Moreira Pessoa, Rosaly Isabel Senra Barbosa, Rosana Matias de Souza e Sílvio Brás Moreira.
- 1984 - Ângela Maria Montenegro Dias, Conceição Aparecida dos Santos, Isabela Brito Silva, Júlia Ferrer, Mônica Aparecida Alves, Márcia Meireles de Melo, Maria Lúcia de Melo, Miriam Conceição de Oliveira, Nancy Sara Cruz e Semírames Áurea dos Santos.
- 1985 - Ângela Maria Montenegro Dias, Elia Cristina Ribeiro Barbosa, Estevão Luiz Fidelis, Idanir Vany da Silva, Ines Fabíola de Souza, Maria Paula Quintino de Almeida, Semírames Áurea dos Santos e Valéria Bastos Notini.
- 1986 - Adenir Vany da Silva, Anahí Socorro Pessoa, Elia Cristina Ribeiro Barbosa Gros, Eliane José de Araújo, Florenice Cunha Coleho, Inês Fabíola de Souza, Kênia Mendes Silva, Rosana Martins da Silva e Verônica Maria Conceição Lordello.
- 1987 - Anahí Socorro Pessoa, Eliane José de Araújo, Florenice Cunha Coelho, Kênia Mendes Silva, Leonor Gonçalves Baptista de Souza e Lúcia Eugênia de Aguiar.
- 1988 - Ana Beatriz Lucinda de Oliveira, Florenice Cunha Coelho, José Tiago dos Reis Filho, Lúcia Eugênia de Aguiar, Márcia Adriana Fernandes, Maria Clara Fonseca, Maria de Lourdes Vieira Maffa e Verônica Maria Conceição Lordello.
- 1989 - Ana Beatriz Lucinda de Oliveira, Isaías Artur Rodrigues, Júlio César de Oliveira Andrade, Júnia de Pinho Mourão, Maria Bernadete Fidelis, Marilda Martins Colho e Verônica Maria Conceição Lordello.
- 1990 - Glauci Fonseca Ovídio, Janice Soares dos Reis, Isaías Artur Rodrigues, Lina Vilany Pimenta, Maria Inês Camilo, Roseane Percegoni Vidal e Simone Ângela Faleiro.
- 1991 - Lina Valiny Pimenta, Maria Aparecida Caldeira Xavier, Maira Lúcia Coimbra Scalabrini, Rogério Pinto de Paula e Simone Ângela Faleiro.
- 1992 - Iramar Sampaio, Lina Vilany Pimenta, Maria Aparecida Caldeira Xavier, Marilza Freitas Santos, Miriam Ribas Aguiar, Simone Ângela Faleiro e Simone Horta de Souza.
-
- 1993-2002 1993 - Alex Gomes Guizlbreth, Ana Lúcia de Oliveira Coelho, Ana Lúcia da Silva, Darlene Terezinha Schuler, Eliana Rêgo dos Santos Cunha, Iramar Sampaio, Janaína Madeira Prata, Luciana Duarte Barbosa, Maria Aparecida Caldeira Xavier, Mônica dos Santos Fernandes e Sônia Maria de Araújo Patente.
- 1994 - Ana Raquel Coelho dos Santos, Ana Carla Fernandes, Janaína Madeira Prata, Ligiana Clemente do Carmo, Luciana Duarte Barbosa e Marcos Leonardo Bonifácio de Oliveira.
- 1995 - Ana Paula Silva, Daniela de Cabral e Castro, Érika Gonçalves de Assis, Irmã Marilene Melo Fidélis de Souza, Larissa Carvalho Pinheiro, Leonardo Bonifácio de Oliveira Batista, Leila Mara Silva Siqueira, Luciana Batista Neves, Mônica dos Santos Fernandes e Nilza Pereira Pacheco.
- 1996 - Ana Rocha Cerqueira, Luisa Goyatá de Assis, Mônica dos Santos Fernandes, Maria de Lourdes Portugal Jorge e Simone da Silva Pinheiro.
- 1997 - Adriana Luiza Barbosa Borges, Andréia Cardoso Nascimento, Aureliano Souza Neto, Elenice Mendes Barbosa, Ivani Maria de Souza, Mônica dos Santos Fernandes e Sônia Maria Alves.
- 1998 - Maria Ferreira Nascimento e Sônia Aparecida dos Santos.
- 1999 - Bráulio Rodrigo Nascimento, Diully Soares Cândido Gonçalves, Ione do Carmo, Ivana Lopes do Couto, Lana Cristina Pacheco de Oliveira e Leonardo D'Assumpção.
- 2001 - Fernanda Bruna da Silva Rezende, Francélia Cristine Pereira, Juliana Luzia Duarte, Nilcemar Faria Silva e Reginaldo César Vital dos Santos.
- 2002 - Cláudia Dorianá Silveira, Fernanda Bruna da Silva Rezende, Zuleika Meijon Campolina de Oliveira, Luciana Angélica Itamocy Noré e Francélia Cristine Pereira.
-

QUADRO 4 - RELAÇÃO EQUIPE DE BOLSISTAS/ESTAGIÁRIOS - Período 1973-2010 - Divisão Anual (continuação)

PERÍODO BOLSISTA / ESTAGIÁRIO

2003-2010 2003 - Cláudia Doriana Silveira, Danúbia François Lage de Sá, Fernanda Bruna da Silva Rezende, Wellington Marçal de Carvalho e Jailson Rodrigues de Oliveira.

2004 - Juliana Barreto Caetano Lisboa, Juliane Figueiró Oliveira, Júlia Aparecida Gonçalves, Raquel Miranda Vilela, Vitória Matos de Oliveira, Poliana da Assunção Moreira, Fernanda Januária da Silva, Ana Paula da Silva, Dielle Monique Garrido Eva, Cláudia Doriana Silveira e Igor Fernando da Costa Oliveira.

2005 - Ana Carolina Silva de Souza Jorge, Dayse Raquel Silva de Amorim, Isabela Monteiro Braga, Juliana dos Santos Rocha, Renata Cláudia Fonseca e Tatiane França Fernandes.

2006 - Ana Carolina Silva de Souza Jorge, Daniel de Paula Nogueira Soares, Ernandes dos Santos Mariano e Patrícia Adriana Penido dos Santos.

2007 - Fabian Rodrigo dos Santos, Miriam Silva de Carvalho, Danilo Francisco de Souza Lage, Gracirlei Maria de Carvalho, Josué Sales Barbosa, Eric Shynnier, Josilene Lacerda de Oliveira, Lucília Vilarino Moreira, Felipe Lopes Alves, Patrícia Adriana Penido dos Santos e Gracilene Maria de Carvalho.

2008 - Ana Carolina de Souza Dutra, Gracilene Maria de Carvalho, Karla Priscila Neves, Danilo Francisco de Souza Lage, Maíra Quintela Maia, Ana Rachel, Carvalho Leão, Gustavo Lopes de Oliveira, André Ricardo Azevedo e Pâmela Bastos Machado.

2009 - Francis Silva Couto, Neusimar Duarte da Silva, Rosária Ferreira Otoni dos Santos, Lúcia Cristina Monteiro Cruz, Éryka Fernanda Pereira Gonçalves, Ana Florência Codeglia, Iara de Souza Pinto, Karla Priscila Neves, Paola Cristine da Silva Evangelista, Marcelo de Moraes Russo, Camila Roberta da Silva, Edson Félix de Souza Júnior, Thiago Israel Simões Doro Pereira, Flávia Ferreira Abreu, Gracilene Maria de Carvalho, Ana Carolina de Souza Dutra, Pâmela Bastos Machado, Gustavo Lopes de Oliveira, Eduardo Santos rocha, Raquel Carvalho de Faria e Maria Leonor Antunes.

2010 - Ana Carolina de Souza Dutra, Flávia Ferreira Abreu, Patrícia Bárbara de Paula, Diemy Lucimara de Souza, Iara de Souza Pinto, Joice Ciriaco Silva, Filipi Junio Pacheco de Oliveira, Paola Cristina da Silva Evangelista, Raissa Cyrino Mansur, Petulia dos Santos Nogueira, Thiago Israel Simões Doro Pereira, Vinícius de Oliveira Souza, Tatiana Meire Campos, Neusimar Duarte da Silva, Mônica Souza de Oliveira Pereira, Maria Leonor Amorim Antunes, Emanuelle Geórgia Amaral e Elisete Souza Santos.

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

TABELA 1 - Localidades Visitadas - Período 1973-2011

LOCALIDADE VISITADA	PERÍODO	TEMPO DE PERMANÊNCIA
Contagem	1973 – 1982	9 anos
Ibirité	1973 – 1985	12 anos
Nova Lima	1973 – 1978	5 anos
Sabará	1973 – 1978	5 anos
Vespasiano	1973 – 1973	1 ano
Betim	1975 – 1976	1 mês
Raposos	1977 – 1991	20 anos
Santa Luzia	1974 - 1993 / 2002 - 2005	22 anos
Sarzedo	1979 - 1995 / 2003 - 2003	17 anos
Lindéia	1983 - 1995 / 2003 - 2008	17 anos
Aarão Reis	1985 – 1989	4 anos
Barragem Santa Lúcia	1990 – 2004	14 anos
São Benedito	1992 - 1995 / 2002 - 2010	11 anos
Conjunto Felicidade	2002 – 2006	4 anos
Frimisa	2004 – 2010	6 anos
Lagoa	2007 – 2011	4 anos
Ipiranga	2007 – 2010	3 anos
Bonsucesso	2009 – atual	-

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

Nota: No período compreendido entre 1996-2001 não há registro das localidades visitadas. Sendo assim, o quadro acima não computa os dados referentes ao período.

TABELA 2 - Leitores Inscritos, Material Bibliográfico e Empréstimos - Período 1973-1992

ANO	ACERVO	LEITORES INSCRITOS	EMPRÉSTIMOS
1973	1.780	326	2.137
1974	2.100	750	7.223
1975	2.653	895	10.117
1976	3.433	1.548	4.015
1977	3.846	1.671	-
1978	3.692	1.849	4.498
1979	3.732	-	-
1980	-	-	2.864
1981	6.597	-	-
1982	5.000	1.500	12.000
1983	4.150	873	12.000
1984	5.000	1.903	8.650
1985	-	1.994	6.121
1986	5.150	-	7.798
1987	8.113	2.109	7.577
1988	-	4.770	7.282
1989	-	-	18.160
1990	-	-	-
1991	-	-	-
1992	-	2.523	16.106
Total			126.548

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

TABELA 3 - Viagens (Realizadas), Leitores Atendidos, Inscrições e Empréstimos Realizados - Período 1993-2010

ANO	VIAGENS	LEITORES ATENDIDOS	INSCRIÇÕES	EMPRÉSTIMOS
1993	184	23.012	951	21.613
1994	159	19.956	881	19.917
1995	184	19.647	831	19.647
1996	181	17.130	774	22.856
1997	166	13.237	623	19.783
1998	125	7.171	430	11.415
1999	175	12.684	717	19.571
2000	113	5.610	311	8.462
2001	122	7.023	253	11.692
2002	138	8.019	362	13.643
2003	99	5.868	166	8.957
2004	71	2.875	95	5.583
2005	94	5.279	245	10.222
2006	118	6.897	275	13.097
2007	62	2.875	393	5.331
2008	159	6.804	421	12.105
2009	153	7.036	1.176	14.716
2010	141	6.429	484	8.559
Total	2.444	177.552	9.388	247.169

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

TABELA 4 - Total de Empréstimos Realizados – Divisão por Períodos

PERÍODO	TOTAL DE EMPRÉSTIMOS
1973-1982	42.854
1983-1992	83.694
1993-2002	168.599
2003-2010	78.570
TOTAL	373.717

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

**QUADRO 5 - RELAÇÃO DAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO CURRICULAR -
Período 1973-2010**

ANO	DISCENTES	TÍTULO DO TRABALHO	DISCIPLINA
1976	Marysia Malheiros Fiuza	A pesquisa sobre os usuários do Carro-Biblioteca nas cidades de Sabará e Raposos	Estudo de Comportamento do Usuário, no curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas
1978	Mônica Cardoso Pittela	Estudo de usuários do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG	Estudo do Comportamento e Educação do Usuário no curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas
1978	Mônica Cardoso Pittela	Estudo de usuários do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG	Estudo do Comportamento e Educação do Usuário no curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas
1978	Mônica Cardoso Pittela	Políticas de desenvolvimento de coleção do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG	Princípios e práticas de Bibliografias, no curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas
1988	Marlene de Fátima Vieira Lopes	Manual de conservação para o acervo do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
1989	Eva Filomena F. Duarte Soulé	Lista de descritores: coleção Ciência Social do Carro-Biblioteca da UFMG	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
1992	Rita de Cássia Santos Freitas	Manual de serviços de indexação dos folhetos do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
1992	Adriana Fernandes Rezende, Alessandra Pires Fonseca, Maria José Rodrigues Oliveira, Maria Lúcia de Castro, Regina Lúcia Domingos, Tânia Osório Cerceau	Estudos de usuários do Carro-Biblioteca	Estudo de Usuários de Biblioteca, do curso de Biblioteconomia da UFMG
1992	Maria Lúcia Coimbra Scalabrini	Avaliação do custo/benefício do Projeto Desenvolvimento de Técnicas para Conservação do Acervo do Carro-Biblioteca/ CENEX-EB/UFMG	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
1993	Maria Regina Carmo, Maria Celeste Marinho Reis, Maria das Graças Dellone da Fonseca, Maria Luiza Aburachid, Marilza Freitas Santos, Sônia Maria de Araújo Patente	Campanha Pró-preservação do acervo do Carro-Biblioteca	Tópicos Especiais em Preservação, no curso de Biblioteconomia da UFMG

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

**QUADRO 5 - RELAÇÃO DAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO CURRICULAR -
Período 1973-2010 (continuação)**

ANO	DISCENTES	TÍTULO DO TRABALHO	DISCIPLINA
1995	Edvânia Lúcia Guedes	(Descrição) Criação de um banco de dados para alunos do curso de Biblioteconomia com o objetivo de facilitar e agilizar informações sobre estagiários e profissionais recém-formados.	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2001	Sheila Margareth Teixeira Adão.	Recuperação da memória dos ex-estagiários do Carro-Biblioteca: a ótica dos profissionais atuantes em diversificados espaços institucionais	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2001	Eliane Loureiro Veloso	Recuperação da memória dos ex-estagiários participantes do Serviço de Extensão: a visão dos docentes	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2002	Magna Barçante Ferreira	Recuperação da memória dos ex-estagiários participantes do Serviço de Extensão do Carro-Biblioteca da ECI/UFMG: a visão dos discentes em processo de formação	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2003	Beatriz Camilo Mateus	Diretrizes para organização e tratamento do acervo fotográfico do Carro-Biblioteca - CENEX -ECI	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2004	Cleide Aparecida Fernandes	Diagnóstico das condições físicas do acervo do Carro-Biblioteca do CENEX/ECI/UFMG	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2006	João Paulo Ferreira Barbosa	Política de Desenvolvimento Acervo Carro-Biblioteca	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2006	Carolina Maria Pereira da Silva	Indexação e montagem de base de dados para indexação de artigos e periódicos	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2006	Lorena Tavares de Paula	Construção de Web Quest de pontos de acesso utilitários na Web para o Carro-Biblioteca	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2007	Vitória de Matos Oliveira Alves	Proposta de mudança de layout da reserva técnica do Carro-Biblioteca do Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2007	Ana Carolina S. S. Jorge	Boletim Bairro a Bairro: estudo de usuários e elaboração de critérios para a construção de um manual	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG
2008	André Ricardo de Azevedo	Apostila de inclusão digital do Carro-biblioteca e Telecentro	Estágio Supervisionado B, do curso de Biblioteconomia da UFMG

Fonte: Arquivo do Centro de Extensão da ECI/UFMG

QUADRO 6 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA - Período 1973-2011 - Relação por ordem alfabética

CABRAL, Ana Maria R. Carro-Biblioteca: possibilidades de ação cultural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1987, Porto Alegre. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Porto Alegre: Biblioteca Central da UFRGS, 1987. v. 1. p. 553-559.

CABRAL, Ana Maria R. Carro-Biblioteca: possibilidades e ação cultural. *Conexão*: revista de extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 28-30, jul. 1988.

CABRAL, Ana Maria R. Ação cultural bibliotecária: aspectos revelados pela prática. 1989. Dissertação (Mestrado em biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

CABRAL, Ana Maria R.; DUMONT, Lígia M. M. O centro de extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG: uma trajetória voltada para o social. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n. esp., p.144-120, mar. 1990.

CABRAL, Ana Maria R.; REIS, Alcenir Soares dos. Carro-Biblioteca: o uso estratégico de um ônibus no processo de ampliação do acesso aos recursos informacionais em suportes tecnológicos e tradicionais (Proposta apresentada ao Ministério da Cultura, tendo em vista a aquisição de um ônibus para fins de inclusão social e digital em Abril de 2002)

CABRAL, Ana Maria R.; REIS, Alcenir Soares dos. Carro-Biblioteca, Ação Cultural e inclusão Digital (Projeto de aquisição do ônibus para adaptação do centro de inclusão digital com recurso da Emenda de nº 13.392.0168.1521.0052). 2004

CABRAL, Ana Maria R.; REIS, Alcenir Soares dos. Ponto Fixo-Ponto Móvel: espaços culturais para o conhecimento, a informação e a imaginação (Projeto elaborado para desenvolvimento de ação cultural pelo CENEX/UFMG). 2005.

CASA NOVA, Vera Lúcia de Carvalho; BARBOSA, Rosaly Isabel Senra. Análise de uma experiência no Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG com texto de Cordel. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.213-232., set.1983.

DUMONT, Lígia Maria Moreira (Org.). Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. v. 24, n. 2, p. 321-337. Jul-Dez./1995. Número temático sobre o Carro-Biblioteca. 423p.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. A ação cultural do Carro-Biblioteca ou o desafio de se incentivar o gosto pela leitura em comunidades de baixa renda. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1, p. 24-38, mar. 1990.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. A extensão através do Carro-Biblioteca. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.182-191, jul./dez. 1995.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Carro-biblioteca e leitura no Brasil: um binômio inseparável. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.192-205, jul./dez.1995.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Integração comunidade Carro-Biblioteca: a estratégia de uso audiovisual. 1988. (Mestrado em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1988.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. O imaginário feminino e a opção pela leitura de séries. 1998. 257f. (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 1998.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Carro-Biblioteca ou uma biblioteca sobre rodas. Suplemento Pedagógico de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.10, dezembro de 1982.

DUMONT, Lígia Maria Moreira *et al.* Serviço de carros-biblioteca: organização e funcionamento. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983. 54p.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; FRANÇA, Ricardo Orlandi; CASTRO, Edna de. Política e compromisso de prestação de serviços do programa Carro-Biblioteca: projeto de implantação do novo carro. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.321-337. Jul./dez.1995.

EGGERT, Gisela. A informação no cotidiano do sujeito: mulher feminino. 1992. (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais. 1992.

QUADRO 6 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA - Período 1973-2011 - Relação por ordem alfabética (continuação)

- GOMES, Sonia de Conti. Recuperação do material bibliográfico do carro biblioteca: um trabalho cooperativo. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.268-275. Jul./dez.1995.
- GOMES, Sonia de Conti. Técnicas alternativas de conservação: recuperação de livros, revistas, folhetos e mapas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.
- GOMES, Sonia de Conti. Técnicas alternativas de conservação: recuperação de livros, revistas, folhetos e mapas. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- GUEDES, Olga Maria Ribeiro. Bibliotecas populares: metodologia de pesquisa e serviços alternativos. 1989. 120p. (Mestrado em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais.
- KREMER, Jeannette Marguerite. Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG: uma análise da demanda de material de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982. João Pessoa. Anais..., BPF, 1982.
- KREMER, Jeannette Marguerite. Estudo da comunidade e dos usuários do carro (Biblioteca da UFMG em São Benedito (Distrito de Santa Luzia, MG). R. Esc. de Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.221-267, Jul./dez.1995.
- KREMER, Jeannette Marguerite. TARGINO, M. G. Carro-Biblioteca e demanda: estudo comparativo em Minas Gerais e na Paraíba. Cadernos de Biblioteconomia, Recife, n.6, p. 158-170, jun. 1983.
- LANNA, Rosa Maria de Sousa. Extensão bibliotecária no contexto de um país de terceiro mundo: a caixa-estante brasileira. 1985. 280f. (Mestrado em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.
- MACHADO, Pâmela Bastos e SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. Contar e recontar histórias: a contação de histórias como instrumento de ação cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 24., 2011, Maceió. Anais..., 2011.
- NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. Frente de leitura: São Benedito: um diálogo entre a comunidade e os agentes externos. R. Esc. Bibliotecon. UFMG. Belo Horizonte, v.24, n.2, p.206-220, jul./dez.1995.
- PAIVA, Marília de Abreu Martins de. O Carro-Biblioteca na auto-estrada da informação: uma encruzilhada? In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 8., 2005, Belo Horizonte. [Anais eletrônicos] Disponível em <http://www.ufmg.br/proex/arquivos/8Encontro/educa_11.pdf>
- PAIVA, Marília de Abreu Martins de. Os viajantes do Carro-Biblioteca e sua felicidade clandestina. Boletim UFMG, n. 1604, 04 abr. 2008, p.2.
- RABELLO, Odília C. P. O impacto da extensão universitária: reflexões sobre a ação do carro biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.313-320, jul./dez.1995
- REIS, Alcenir Soares dos. Escutando a comunidade: em discussão a extensão junto a camadas populares. R. Esc. Bibliotecon. UFMG. v.24, n.2,p.289-312, jul./dez.1995.
- REIS, Alcenir Soares dos. CARVALHO, Maria da Conceição; MOTTA, Rosemary Tofani. Educação e preservação em debate: A alternativa para mudança nas práticas culturais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2.,2004, Belo Horizonte. [Anais eletrônicos]. Disponível em:<www.ufmg.br/congext/cultura/area_de_cultura.html>.
- REIS, Alcenir Soares dos.; CABRAL, Ana Maria Resende. Democratização da informação e da leitura: Os desafios da inclusão digital no Carro-Biblioteca. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 1-10.
- REIS, Alcenir Soares dos.; BASTOS, Maria Flávia. Desenvolvimento da Logomarca do Projeto Carro-Biblioteca/Frente de Leitura. Belo Horizonte: C4, 2003.
- REZENDE, Marlene E. P de. A prática de trabalho no Carro-Biblioteca: alguns relatos da experiência. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.276-288, Jul./dez. 1995.
- REZENDE, Marlene E. P de. O carro biblioteca e o seu papel junto às comunidades populares. Releitura, Belo Horizonte, n.4, p. 22-23, out./dez. 1992.
- SILVA, J. F.; PIMENTA, M. L. N.; SOUZA, M. T. de. O uso da informação pelos moradores da Barragem Santa Lúcia: subsídio para implementação de um serviço de caixa-estante. R. Esc. Bibliotecon. UFMG,

QUADRO 6 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA - Período 1973-2011 - Relação por ordem alfabética (continuação)

Belo Horizonte, v.20, n.2, p.237-241, jul./dez. 1991.

SILVEIRA, Cláudia Doriana. A experiência discente em práticas extensionistas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIAS, 2., 2004, Belo Horizonte. [Anais Eletrônicos] Disponível em: <www.ufmg.br/congrest/educa/area_de_educacaohtml>.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. Carro-Biblioteca da UFMG: de uma comunidade à outra promovendo o acesso à leitura e à informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito MT. Anais..., 2009.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; AZEVEDO, André Ricardo. A implantação da inclusão digital no projeto Carro-Biblioteca da UFMG. In: XXII CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 2007, Brasília. Anais do XXII CBBB (em CD), 2007.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; FARIA, Raquel Carvalho de; EVANGELISTA, Paola. Avaliação de um Serviço de Disseminação da Informação: o Boletim Bairro a Bairro na concepção dos usuários do Carro-Biblioteca da UFMG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 24., 2011, Maceió. Anais..., 2011.

JORGE, Pablo Diego Silva de Souza; JORGE, Ana Carolina Silva de Souza. Biblioteca móvel: o carro-biblioteca como veículo de incentivo à leitura e inclusão digital. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO.29., 2006, Salvador. Anais..., 2006.

JORGE, Ana Carolina Silva de Souza; JORGE, Pablo Diego Silva de Souza; NASCIMENTO, Vinícius Souza. Biblioteca móvel: o carro-biblioteca como veículo de incentivo à leitura. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO. 6., 2005, Marília, SP. Anais..., 2005. Trabalho apresentado no formato pôster.

QUADRO 7 - Participação em Ações Acadêmicas e/ou Comunitárias

ANO DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

1977 Realização do concurso de redação “Carro-Biblioteca em minha cidade”, com a participação de leitores de todas as cidades visitadas pelo carro. A cidade de Sabará foi a primeira colocada, seguida por Santa Luzia e Contagem.

1978 De 3 a 14 de julho, participa da jornada de Arte Mirim, com empréstimos de livros infanto-juvenil aos participantes.

1980 De 29 de junho a 12 de julho participação na IV Jornada de Arte Mirim. Em outubro promove comemoração da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, com atividades visando divulgar o livro e a biblioteca como forma alternativa de lazer, com visitas a várias instituições e locais públicos como praças, asilos, creches, escolas e paradas fixas do Carro-Biblioteca, desenvolvendo uma programação intensa com a participação de alunos, funcionários, professores e estagiários da EB/UFMG.

1981 De 19 a 23 de agosto participa da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca com atividades em instituições que lidam com pessoas deficientes.

1982 Em julho participa do XV Festival de Inverno da UFMG em Diamantina, desenvolve atividades como a hora do conto, teatro, dramatização, atividades recreativas, etc.

1983 Em outubro, durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, realiza-se a “Biblioteca no Parque” com exposição do Carro Biblioteca no Parque Municipal de Belo Horizonte, apresentação da peça “Severino faz chover” por usuários do Carro Biblioteca do bairro Lindéia, teatro de sombras, narração de histórias infantis, empréstimos de livros para leitura no local. Concurso de redação com o tema “Eu o Livro” com entrega de prêmios aos primeiros colocados em cada comunidade. Em novembro, exposição do Carro Biblioteca durante o I Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG.

QUADRO 7 - Participação em Ações Acadêmicas e/ou Comunitárias (continuação)

ANO DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

-
- 1984 Em outubro, comemora a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, com a “Biblioteca no Parque” e concurso de redação “Minha Leitura preferida”.
-
- 1985 De 6 a 21 de julho participa do XVII Festival de Inverno da UFMG em Diamantina, integrando o Núcleo de Literatura.
-
- 1986 Em julho participa do XVIII Festival de Inverno da UFMG em São João Del Rey, integrando o Núcleo de Arte-Educação.
Campanha de Higiene com distribuição de folhetos de receitas caseiras, além de produtos como sabonetes, creme dental, etc.
-
- 1987 Participa do Projeto Rosas de Abril promovido pela Associação dos Servidores da UFMG (Assufemg), realizado no Museu de História Natural da UFMG, apresentando atividades como a hora do conto, pintura a dedo e dramatização, utilizando como tema o meio ambiente.
Em julho participa do XIX Festival de Inverno da UFMG em São João Del Rey, integrando o Núcleo Arte-Educação desenvolvendo atividades com equipe interdisciplinar.
-
- 1988 Dias 3 e 4 de junho: participação no XX Festival de Inverno da UFMG, realizado em Poços de Caldas, elabora curso intitulado “Oficina de Biblioteca”, ministrado pela professora Maria Helena Andrade Magalhães e atividades independentes ou integradas a outras oficinas.
Em outubro participa da Jornada Cultural de Cataguases.
-
- 1990 Em outubro, comemora a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca com a participação de escritores e ilustradores de literatura Infanto-juvenil.
-
- 1993 Em maio palestras com a professora Magdala Guedes sobre o uso doméstico das plantas, comemorando a Semana Mundial da Saúde em São Benedito.
Em outubro a comemoração dos 20 anos do Carro-Biblioteca realiza atividades nas comunidades atendidas:
-Dia 07 em Lindéia – Recortando e recriando com o escritor Marcelo Xavier.
-Dia 22 em Santa Luzia – Apresentação do coral dos usuários de Santa Luzia com a presença da escritora Ângela Leite.
-Dia 25 na Barragem Santa Lúcia – A hora da história com a participação da equipe do Carro-Biblioteca.
-Dia 26 em Sarzedo – Palestra com a Profa. Magdala Guedes sobre o uso doméstico das plantas.
Dia 27 em São Benedito – Contendo causos com o escritor Olavo Romano.
Dia 05 a 08 de outubro participa da Campanha Santa Casa Nova, levando urnas às comunidades para a escolha do projeto de pintura para a Santa Casa de Misericórdia, além de acompanhar a votação dos alunos e funcionários da EB/UFMG.
29 de outubro participa no Colégio Santa Dorotéia da comemoração da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.
24 de novembro palestra da Profa. Magdala Guedes para idosos de São Benedito sobre o uso doméstico das plantas.
25 de novembro durante a comemoração dos 20 anos do Carro-Biblioteca, palestra do Prof. Francisco Aurélio Ribeiro da Faculdade Federal do Espírito Santo (FFES), sobre a literatura infanto-juvenil de Clarisse Lispector.
De 23 a 30 de novembro semana de atividades em Sarzedo sobre a Campanha de Preservação do acervo do Carro-Biblioteca, o oficina de papel artesanal, palestra com a Profa. Sônia de Conti Gomes, oficina de costura de livros, confecção de sacolas para os livros e teatro com alunos da EB/UFMG e estagiários do Carro-Biblioteca.
28 de novembro apresentação do teatro da Campanha de Preservação do Acervo do Carro-Biblioteca na Lagoa do Nado.
-

QUADRO 7 - Participação em Ações Acadêmicas e/ou Comunitárias (continuação)

ANO DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

- 2003 Promove o curso de Contação de Histórias
Promove palestra intitulada: “Formação do leitor: a ótica de educadores e bibliotecários” com a participação da Profa. Maria Aparecida Paiva e Profa. Bernadete Santos Campello. Público alcançado: cerca de 100 pessoas.
Promove palestra intitulada “Extensão universitária” com a participação de Maria das Dores Pimentel. Público alcançado: cerca de 40 pessoas
Promove aula inaugural intitulada “Política de leitura: do público ou para o público” com a participação da Profa. Eliane Yunes (PUC-RIO). Público alcançado: cerca de 100 pessoas
Promove o I Encontro Leitura em Pauta. Tema: “Reflexões a cerca da formação do leitor”. Data: 28/06/2003
Realiza exposição em comemoração aos 30 anos do Projeto Carro-Biblioteca
- 2004 Promoção do Workshop Cidadania e Comunicação Comunitária do projeto Boletim Bairro-a-Bairro
Realiza o II Encontro Leitura em Pauta. Tema: “Arte e fruição na literatura”. Data: 22/06/2004
Participação no 2º Congresso Nacional de Extensão Universitária (Premiado na categoria pôsteres)
- 2005 Realiza o III Encontro Leitura em Pauta. Tema: “Tradição oral na literatura”. Data: 22/06/2005
- 2006 Realiza o IV Encontro Leitura em Pauta. Tema: “Literatura, biblioteca e escola: a interlocução necessária”. 20/10/2006
Participação da equipe do Carro na Mostra das Profissões UFMG 2006, dias 19, 20 e 21 de junho, na mostra do curso de Biblioteconomia. 03/08 – Evento em parceria com o FIT (Festival Internacional de Teatro, promovido pela Prefeitura de Belo Horizonte) no local e horário de parada do Carro no bairro Lindéia. Lançamento do livro “Elogio da bobagem” com a presença da autora Alice de Castro e da debatedora convidada, professora Virgínia Barbosa (UFMG) e apresentação do espetáculo “O reencontro dos palhaços na rua é a alegria do sol com a lua”, com o grupo Turma do Biribinha, de Alagoas.
Participação dos bolsistas do Carro em eventos promovidos pela PROEx: “Encontro de Alunos e Professores envolvidos em ações de extensão na UFMG” em 30/08/06 e “Mesa Redonda: a extensão universitária e a inclusão social” no 9º Encontro de Extensão da UFMG, em 18/10/06.
29/11 – Participação do Carro-Biblioteca no II Seminário de Leitura BH LÊ, com a apresentação do Programa Carro-Biblioteca feita pela bolsista Ana Carolina Silva de Souza Jorge.
- 2007 Participação na Mostra de Profissões em maio
- 2008 - 28, 29 e 30/04 – Participação do Carro na Mostra de Profissões UFMG
- 2009 Semana do Livro do Centro Cultural Vila Fátima (14/04/2009)
Participação na Mostra de Profissões (27 a 29/04/2009)
Inauguração da Biblioteca da Escola Municipal Vereador Rafael Barvizan (26/05/2009)
Evento “Cultura na Praça” no bairro Jardim Guanabara (25/06/2009) –, Contação de História
Oferta da disciplina optativa Serviços de Extensão e o Profissional da Informação (2º semestre/2009)
Visita Monitorada ao Laboratório de Preservação do Acervo
Prêmio Viva-Leitura (21 a 23/10/2009)
Semana do Conhecimento e Cultura da UFMG (20 a 24/10/2009)
Entrevista para o programa Universo Literário da Rádio UFMG (26/10/2009)
Semana das Crianças e Dia do Livro (27 a 30/10/2009 e 09/11/2009)
Visita do Ministro das Comunicações (13/11/2009)
- 2010 Participação na Semana da Cidadania
Participação na Mostra de Profissões
Treinamento dos usuários do Bairro Bonsucesso
Participação na Semana do Conhecimento e Cultura da UFMG

Considerações finais

Os dados consolidados e apresentados anteriormente traduzem e dão visibilidade ao Programa Carro-Biblioteca e ao dinamismo de sua atuação. Trazem ainda para a dimensão institucional a relação do já feito, evidenciando que nos compromissos aos quais se propôs vem contribuindo para a formação de leitores, para o acesso e a democratização da informação bem como para a interação ensino-pesquisa-extensão, funções precípuas da Universidade.

Entretanto, ao mesmo tempo em que essas informações nos tranquilizam, elas nos inquietam, pois colocam novas indagações, opções e escolhas que deverão ser feitas para o avanço do conhecimento. Assim devemos ler esta realidade apenas como uma tranquilidade aparente, pois o que se exige de uma universidade pública é ir além do já dado e já pensado e criar o novo no sentido de contribuir para que se torne realidade uma sociedade de cidadãos.

Referências

ABREU, Vera Lúcia Furst. *Cronologia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais 1973-1993*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 1993, 18 p. [Não publicado.]

CABRAL, Ana Maria Rezende; REIS, Alcenir Soares dos. *Carro-Biblioteca: o uso estratégico de um ônibus no processo de ampliação do acesso aos recursos informacionais em suportes tecnológicos e tradicionais* (Proposta apresentada ao Ministério da Cultura, tendo em vista a aquisição de um ônibus para fins de inclusão social e digital em abril de 2002).

CABRAL, Ana Maria Rezende; REIS, Alcenir Soares dos. *Carro-Biblioteca, Ação Cultural e inclusão Digital* (Projeto de aquisição do ônibus para adaptação do centro de inclusão digital com recurso da Emenda nº 13.392.0168.1521.0052). 2004.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOMES, Gracielle Mendonça Rodrigues; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. *Relatório das atividades do CENEX/Projeto Carro-Biblioteca: frente*

de leitura - 2008. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2008, 20 p. Relatório.

GOMES, Gracielle Mendonça Rodrigues; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. *Relatório das atividades do CENEX/Projeto Carro-Biblioteca: frente de leitura – Ano base 2009*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2009, 41p. Relatório.

GOMES, Gracielle Mendonça Rodrigues. *Relatório das atividades do CENEX/Projeto Carro-Biblioteca: frente de leitura – Ano base 2010*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2010, 26 p. Relatório.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. *Cronologia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais 1994-2005*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2001, 2 p. [Não publicado.]

PAIVA, Marília de Abreu de. *Relatório do Projeto Carro-Biblioteca - 2005*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2007, 5 p. Relatório.

PAIVA, Marília de Abreu de. *Relatório do Projeto Carro-Biblioteca - 2006*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2007, 11 p. Relatório.

PAIVA, Marília de Abreu de; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. *Relatório do Projeto Carro-Biblioteca - 2007*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2007, 10 p. Relatório.

REIS, Alcenir Soares dos; CABRAL, Ana Maria Rezende. *Visão retrospectiva Programa Carro-Biblioteca/Frente de Leitura*. Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003, 31p. Relatório.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
Curso de Biblioteconomia

ISBN: 978-85-62805-05-9



9 788562 805059